

Guia de Mediação de Leitura Acessível e Inclusiva



Fundação Volkswagen
Mais Diferenças

Catálogo na Publicação - CIP

G943

Guia de mediação de leitura acessível e inclusiva /
Mais Diferenças. – Coordenado por: Carla Simone da
Silveira Mauch. São Paulo: Mais Diferenças, 2016.
128 p. : il.

ISBN: 978-85-62128-18-9

1. Acessibilidade. 2. Mediação de Leitura. I. Mais Diferenças.
II. Título.

CDD 362.4

Ficha catalográfica elaborada por Leonardo da Silva de Assis | CRB-8/8546

AD

DESCRIÇÃO DA CAPA

Este Guia tem capa com fundo branco. No canto superior à esquerda, escrito em azul como se as letras fossem feitas à mão, está o título: *Guia de Mediação de Leitura Acessível e Inclusiva*.

À direita e ao centro, uma ilustração com delicados traços azuis mostra uma jovem sentada em uma cadeira. Ela tem os cabelos curtos e uma faixa no cabelo, em seu colo está um livro aberto e ela parece ler. À frente dela estão quatro crianças, sentadas no chão em um semicírculo. Um menino de cabelos lisos e camiseta listrada olha para a menina sentada à sua esquerda. A menina tem os cabelos crespos presos em duas chuquinhas e eleva o dedo indicador da mão direita. À esquerda dela está um menino de óculos e camiseta também listrada; ele olha atentamente para a jovem lendo o livro. Ao lado esquerdo dele está um rapaz, ele é o intérprete de libras, está com o indicador direito erguido e com a boca aberta como se estivesse falando, tem o cabelo arrepiado e é mais alto que os demais. Finalizando a roda, uma menina de cabelos lisos e compridos, presos em um rabo de cavalo, observa atentamente a jovem que está lendo o livro.

Abaixo do desenho, há um mosaico com várias formas quadriculadas e sobrepostas; estas formas são coloridas e têm diferentes tamanhos e disposições. Formam uma espécie de grafismo, que ocupa toda parte inferior do desenho e são coloridas em tons de amarelo, azul, vermelho, verde, roxo e laranja.

No canto inferior direito, em letras pretas: *Fundação Volkswagen e Mais Diferenças*.

SUMÁRIO

Como usar este Guia [\[p. 4\]](#)

1. Apresentação [\[p. 6\]](#)

2. Introdução: vamos criar oportunidades de leituras acessíveis e inclusivas [\[p. 9\]](#)

3. Era uma vez uma sessão de leitura acessível e inclusiva [\[p. 11\]](#)

4. Vamos abrir a roda?
A acessibilidade em questão [\[p. 19\]](#)

5. Tem gente nova na roda: leitores com deficiência, neoleitores e outros convivas [\[p. 40\]](#)

6. Pra receber os novos convidados: recursos de acessibilidade e outras formas de ler [\[p. 58\]](#)

7. Quem abre a roda?
O papel do mediador [\[p. 77\]](#)

8. O que está no centro da roda?
A leitura acessível e inclusiva [\[p. 84\]](#)

9. Para fazer a roda girar: sentidos da leitura, estratégias e mediações. [\[p. 104\]](#)

10. Para a Roda Seguir... [\[p. 126\]](#)

COMO USAR ESTE GUIA

Estas orientações são destinadas ao guia impresso que está disponível também em PDF no <http://www.plataformadoletramento.org.br/guia-de-mediacao-de-leitura-acessivel-e-inclusiva/#>. Lá você encontrará também uma versão audiovisual acessível.

As próximas páginas deste *Guia* serão divididas em seções. Para que você compreenda melhor essas divisões, seguem alguns direcionamentos:

A estrutura gráfica do *Guia* é uniforme: páginas brancas com os textos em letras pretas. Os títulos e os subtítulos dos capítulos, tal qual o título do *Guia*, parecem ser escritos à mão, em tinta preta. Nas páginas, os títulos, textos, imagens e ilustrações são separados por grossos traços azuis, que também parecem ser feitos à mão, com um pincel marcador.

AD **Audiodescrição:** A audiodescrição, recurso utilizado para incluir as pessoas cegas na leitura de imagens de diferentes naturezas, pode ser utilizada em fotografias, produções audiovisuais, ilustrações de livros, no teatro, na dança. Aqui este recurso explicará as imagens e aparecerá ao longo de todo manual sempre que houver representação imagética de qualquer tipo. Optamos por descrevê-las como uma estratégia de mediação, pois elas servirão de inspiração para o seu trabalho em uma roda para todos. Este recurso estará representado por um ícone com as seguintes características: as letras A e D em azul, como se fossem escritas à mão. À direita delas, três linhas curvas, também em azul, indicam a propagação do som da descrição.

Saiba Mais: Um tópico que aparece ao longo dos capítulos, sempre remetendo a informações complementares que estão no fim dos capítulos. Cada representação está numerada em ordem, de modo a facilitar a identificação (Saiba mais 1, Saiba mais 2, Saiba Mais 3...). Como o nome sugere, apresenta informações complementares sobre assuntos trazidos no decorrer do texto. Os ícones que identificam este item têm as seguintes características:



Escrito no mesmo azul aqui já descrito, cortando um fundo branco, um símbolo de mais, em formato de cruz. Acima e à esquerda, a palavra *Saiba*. *Mais*, por sua vez, mostra-se abaixo e à direita. Este ícone indica, ao longo dos textos de cada capítulo, o trecho do Saiba Mais que possui complemento no final do mesmo capítulo.



As duas palavras são exibidas em azul, como se, para escrevê-las, tivesse sido usado um pincel esponjoso. À direita, da mesma cor, completa a imagem um traço curvilíneo azul, que lembra uma onda feita com tinta aquarelada. Este ícone identifica cada conteúdo complementar no final de cada capítulo.



Lâmpada: Aparece ao longo do texto e representa ideias que podem ser realizadas pelos mediadores durante o trabalho ou que inspirem novas práticas de leitura acessível e inclusiva. Este ponto é representado por uma lâmpada em branco sobre um fundo azul, que tem vários tracinhos que indicam irradiação de novas possibilidades expressas pela lâmpada acesa.



ATIVIDADE PARA MEDIADOR: Aparece ao final dos capítulos. São exercícios que estimulam o processo formativo do mediador, individualmente ou em grupo, seja ele professor ou não. Pretendem ajudar na compreensão da leitura para todos. Este tópico é representado pela imagem de um livro azul em fundo branco. O livro está fechado, pronto para ser aberto.



ATIVIDADE PARA SALA DE AULA: Atividades inclusivas para serem realizadas com o grupo, contribuindo no processo de formação de leitores. Este item é identificado com a palavra *Atividades*, entre os desenhos de dois lápis, em azul sobre um fundo branco. Abaixo, escritas em branco sobre uma mancha azul, aparecem as palavras *para a sala de aula*. Esta atividade aparece ao final dos capítulos.



Play: Quando este botão aparece ao longo dos capítulos, significa que disponibilizamos uma série de materiais audiovisuais. Estes materiais estarão nomeados no corpo do texto e serão encontrados na *playlist* do canal do YouTube da Plataforma do Letramento, que também estará indicada com o mesmo nome no site do projeto. Este tópico é identificado por um pictograma que remete ao sinal de play dos aparelhos, ou seja, um triângulo com uma seta indicando o movimento de avançar.

I. APRESENTAÇÃO

Caros Educadores,

Ler é cuidar-se rompendo com as grades do isolamento. Ler é evadir-se com o outro, sem contudo perder-se nas várias faces da palavra. Ler é encantar-se com as diferenças.

Bartolomeu Campos de Queirós



AD

DESCRIÇÃO da IMAGEM

Uma menina está desenhada em linhas traçadas em azul. Deitada de bruços ela examina um livro com a ponta dos dedos, tem os cabelos longos e a expressão compenetrada. Do seu lado esquerdo se estendem os grafismos quadriculados e coloridos, sobrepostos.

O *Guia de Mediação de Leitura Acessível e Inclusiva* pretende colocar a literatura no centro da roda para todos. Por isso, escolhi iniciar esta apresentação com uma citação de Bartolomeu Campos de Queirós, um escritor, poeta e incansável defensor do livro e da leitura.

É uma felicidade poder disponibilizar para vocês, leitores, esta publicação produzida por meio de uma parceria entre a Fundação Volkswagen e a Mais Diferenças, uma organização que trabalha com projetos de educação e cultura inclusivas.

Um dos compromissos da Fundação Volkswagen é apoiar e fortalecer iniciativas que favoreçam a democratização do acesso ao livro e à leitura para todos, contribuindo com as políticas públicas e os marcos legais de direitos humanos, com ética e responsabilidade social.

Porém, temos um longo caminho pela frente. Os índices de leitura dos brasileiros ainda são muito baixos, gerando consequências negativas para toda a sociedade. Sabemos que garantir a acessibilidade de comunicação e informação é um dos passos para que pessoas com deficiência possam ter contato com o universo do livro e da leitura, em igualdade de oportunidades.

Esta publicação inaugura o compromisso da Fundação Volkswagen em incorporar em seus projetos, de forma transversal, a acessibilidade e a inclusão. A intenção é de que todos os Projetos passem a ser acessíveis e inclusivos. É sabido que práticas inclusivas demandam mudança de cultura e compromisso de todos na construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos. Portanto, esta publicação faz um convite para que vocês “entrem nesta roda”, para promover mediações de leitura acessíveis e inclusivas em escolas, bibliotecas, salas de leitura e em outros espaços formais e não formais.

Este Guia é composto por um conjunto de materiais complementares em diferentes formatos e suportes. Foram produzidos materiais pedagógicos acessíveis para que os profissionais enriqueçam sua atuação em prol de uma mediação de leitura para todos.

O *Guia de Mediação de Leitura Acessível e Inclusiva* conta com uma tiragem em papel, uma versão digital que pode também ser impressa e uma versão audiovisual acessível com os seguintes recursos: audiodescrição, narração, legenda e janela de Libras, para que profissionais com e sem deficiência tenham acesso ao mesmo material. Estas versões poderão ser acessadas na Plataforma do Letramento (www.plataformadoletramento.org.br).

É a primeira publicação acessível da Fundação Volkswagen. Espero que seja a primeira de muitas e que possa inspirar outros parceiros e iniciativas.

Convido a todos para lerem, compartilharem e divulgarem o material.

Boa Leitura e boas mediações!

Dr. Eduardo de Azevedo Barros

Superintendente da Fundação Volkswagen e Diretor de Assuntos Jurídicos da Volkswagen do Brasil

2. INTRODUÇÃO: VAMOS CRIAR OPORTUNIDADES DE LEITURAS ACESSÍVEIS E INCLUSIVAS



AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Duas meninas estão debruçadas sobre uma mesa em que há uma planta, além de um livro tátil com ilustrações e relevos de plantas. A menina à direita tem os cabelos lisos, segura o livro e olha para a menina à esquerda, que tem os cabelos ondulados, segura uma folha na mão direita e olha atentamente para o livro. Ocupam toda a parte inferior do desenho, como em várias imagens deste *Guia*, inúmeros quadriláteros, justapostos e com muitas cores.

Se fizermos um exercício de memória e lembrarmos do nosso processo de formação como leitores, ou das contribuições para o processo de formação de novos leitores ou, ainda, como tem sido a nossa vida atualmente como leitores, podemos nos deparar com cenas delicadas, emocionadas, lentas, de

espanto, de aflição, de dificuldade, de espera, de procura, apaixonantes, silenciosas, barulhentas, de atenção, de esquecer do livro, de voltar ao livro, acompanhadas, solitárias.

Em muitas dessas cenas, também nos acompanham lugares, tempos, pessoas, cheiros. A alegria de ler para alguém, a atenção quando uma pessoa que é importante nos mostra um livro e lê um trecho para nós, a surpresa de encontrar um novo livro de um autor de quem gostamos muito.

Como imaginamos a formação das pessoas com deficiência como leitores? Muitas vezes, este público não foi incentivado a ler, a frequentar espaços de leitura, a conviver com textos e outros leitores. Quase não contam com livros em formatos que possibilitem a leitura com autonomia e que sejam disponibilizados em sua língua materna (no caso, a Libras).

Também não podem comprar ou ganhar um livro de presente porque não encontram acervos em formatos acessíveis disponíveis nas livrarias, ou não podem escolher um livro na biblioteca pública, comunitária ou da escola com temas que lhes interessem porque imaginam que a sua capacidade leitora não seja suficiente. Às vezes, essas pessoas não têm acesso à poesia, pois imaginam que é muito metafórica e difícil, considerando as suas habilidades e, por isso, nem são convidadas a participar de conversas sobre livros e escritores.

São muitas as situações e marcas que dificultam esta aproximação ao livro e às suas narrativas, e tantas outras cenas que se repetem cotidianamente. Diante disto, como formaremos estes leitores?

Como leitores mais experientes, os mediadores e os profissionais das escolas, das bibliotecas e de outros equipamentos culturais que atuam na área do livro e da leitura poderão auxiliar os novos leitores a se interessarem pelo acervo, a serem usuários frequentes. Também poderão ler para os usuários, perceber os leitores lendo mais, aproximar-se para saber o que estão lendo, propor novos títulos, gêneros e formatos, propor contações de histórias, clubes de leitura, contar as novidades do acervo e dos livros que são antigos e que estão esquecidos na prateleira, apresentar livros que podem ser também escutados, ler com as pontas dos dedos, conhecer histórias mágicas que são lidas pelos gestos, expressões e movimentos das mãos, descobrir novas formas de contar e ler livros.

Os mediadores de leitura – professores, bibliotecários, agentes de leitura, entre outros – ajudam a descobrir e percorrer esse mundo fascinante de narrativas, histórias, alegorias e saberes acumulados ao longo da experiência humana no mundo, vivida e imaginada. Entretanto, a maioria destes profissionais não está habituada a trabalhar com pessoas com diferentes tipos de deficiência, nem contam com recursos, materiais e metodologias especialmente desenvolvidos para esse fim.

Nesta publicação, trabalharemos a mediação de leitura acessível e inclusiva como oportunidade de colocar todos juntos na mesma roda, pessoas com e sem deficiência, sem qualquer tipo de discriminação, valorizando a convivência entre todos, a diversidade e as diferenças.

3. ERA UMA VEZ UMA SESSÃO DE LEITURA ACESSÍVEL E INCLUSIVA

AD)))

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Em linhas traçadas em azul, um menino de cabelos cacheados está debruçado sobre um livro aberto. Ele passa os dedos no livro em braile, realizando sua leitura. Contornando a parte inferior do desenho, há um grafismo com as várias formas quadriculadas, coloridas e sobrepostas.



Escolhemos começar este *Guia* contando uma história muito preciosa, uma história com final feliz e que irá nos acompanhar ao longo deste material, pois em cada um dos capítulos, compartilharemos os personagens, os enredos, os lugares, os sonhos, as magias, os suspenses, os mistérios, os dramas, as surpresas, o amor, a alegria, as invenções e as descobertas.

Uma história que abre caminhos para que TODOS possam entrar e estar juntos na roda do livro e da leitura. Esperamos que todos vocês aceitem o convite para entrar em nossa roda, aumentá-la, trazer novas ideias e compartilhá-las.

O que dividiremos é um processo de mediação de leitura acessível e inclusiva. Provavelmente muitas coisas que descreveremos são novidades ou não fazem parte do cotidiano de muitos de vocês. No entanto, ao longo de cada um dos capítulos, detalharemos esta e outras experiências, sugestões, subsídios e referenciais para que todos entrem na roda.

Esta história aconteceu em uma escola pública municipal chamada EPG Josafá Tito Figueiredo, na periferia de Guarulhos, na Grande São Paulo. É uma escola no alto de um morro, cercada de muitas casas e terrenos baldios. Quando andamos pelas ruas, vemos muitas pessoas conversando, crianças brincando, feiras livres com seus cheiros, sabores e sons. Lá também vivem vacas, galinhas, cachorros, gatos.



AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

A fotografia mostra a fachada da Escola da Prefeitura de Guarulhos Josafá Tito Figueiredo. Em primeiro plano está o muro da escola com diversas crianças desenhadas. Duas crianças estão sentadas na grama e plantam uma muda. Em outra cena um menino que não possui o braço direito e veste uma camiseta onde está escrito “paz” empurra uma colega na cadeira de rodas. Entre essas duas cenas está escrita a frase “Cuidar de nosso patrimônio é uma obrigação. Manter limpo e organizado faz parte de sua educação!”.

Atrás do muro e do portão há uma rampa que leva ao prédio branco que possui muitas janelas de vidro e de metal e um telhado de metal vermelho.

Na escola estudam crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. A equipe da escola é muito envolvida, animada, disposta a aprender e compartilhar. A escola Josafá, como todos a nomeiam, é aberta e acolhedora. É uma escola inclusiva, que tem alunos com e sem deficiência, onde se iniciou, recentemente, um projeto de construção de uma escola bilíngue inclusiva, ou seja, uma escola que se pretende acessível, inclusiva, para todos e bilíngue, onde o português e a Língua Brasileira de Sinais (Libras) fazem parte do cotidiano da escola, do projeto político pedagógico e do currículo.

Sabia
Mais

Nesta escola muita gente está aprendendo Libras: crianças surdas e ouvintes, profissionais, famílias dos alunos e comunidade. Os profissionais que ensinam Libras são instrutores surdos. As salas de aula onde os alunos surdos estão matriculados contam com intérpretes de Libras. Com tantas novidades e desafios, a escola Josafá é uma das muitas instituições que a Mais Diferenças tem acompanhado, contribuindo com a formação dos profissionais e compartilhando práticas pedagógicas inclusivas.



AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Fotografia de uma atividade sendo desenvolvida em uma sala de aula, da Rede Municipal de Educação de Guarulhos. A aluna Rebeca está sentada em frente à sua mesa e, ao seu lado, está uma amiga, também sentada em sua cadeira. À frente de Rebeca, sobre a mesa, está um cachorro de pelúcia marrom e branco. Na boca do cachorro há um papel comprido, onde podemos ler parte da palavra cachorro. Sobre a mesa da amiga de Rebeca vemos, encoberto parcialmente pela sua cabeça, um elefante de pelúcia. No colo do elefante há também um papel comprido, onde lemos algumas letras da palavra elefante. À frente delas, está a professora Mônica. Ela leva a mão direita fechada à frente do nariz, com o dedo mínimo levantado. Ao lado da professora, há um menino que repete o sinal. Rebeca e sua amiga parecem fazer o mesmo sinal, que é o sinal de “porco”.

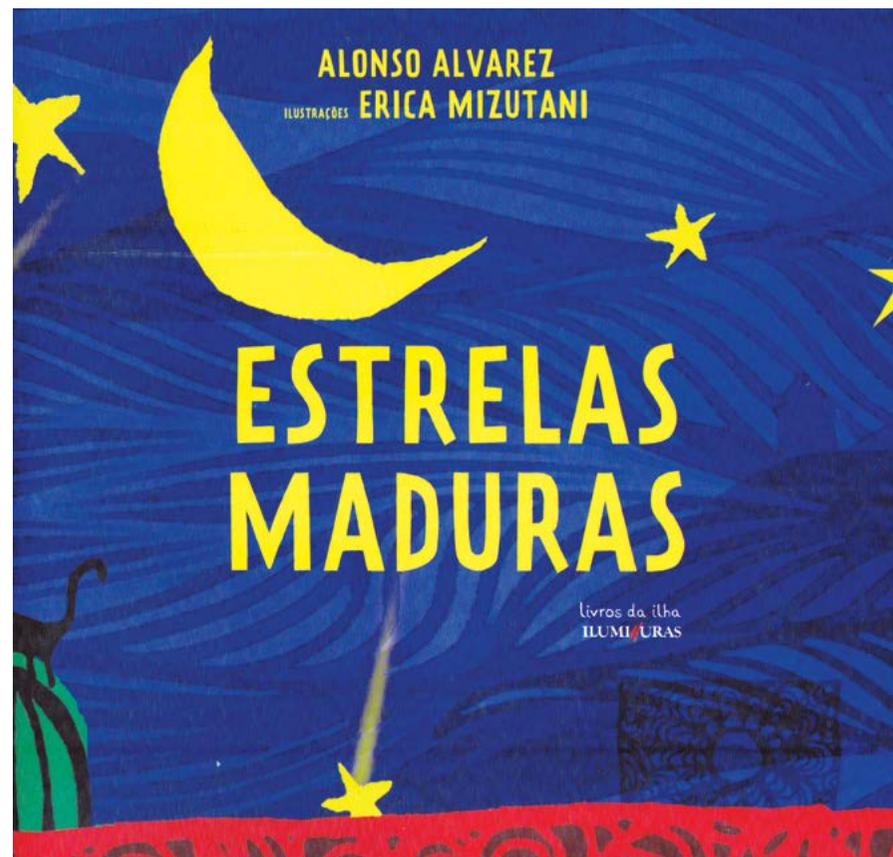
Uma das experiências que desenvolvemos em conjunto com a escola foi a mediação de leitura acessível e inclusiva. Estas ações envolveram professoras, instrutores, intérpretes de Libras e alunos com e sem deficiência de duas salas - uma turma de 1º ano e outra de 2º ano -, além de profissionais da Mais Diferenças. Ao longo do processo, outros profissionais e turmas também se envolveram.



A mediação de leitura que vamos contar aqui foi realizada a partir do livro “Estrelas Maduras”, de Alonso Alvarez, com ilustração de Erica Mizutani. O livro foi editado pela Iluminuras em 2013.

“Estrelas Maduras” conta uma história que acontece todas as noites na grande cidade enquanto todos dormem, mergulhados em seus sonhos. Também pode ser a própria cidade, sonhando uma história que ninguém vê, mas muitos sonham.

A mediação de leitura acessível e inclusiva teve início com o planejamento da atividade com as duas professoras das salas de aula e os profissionais da escola e da Mais Diferenças. Juntos, tivemos uma conversa sobre livro e leitura; sobre o que gostamos de ler e os livros que já lemos; mostramos que existem livros somente com imagens, outros só com textos e outros com textos e imagens; discutimos sobre os diferentes profissionais envolvidos na produção de um livro, principalmente o escritor e o ilustrador; sobre diferentes processos de criação, em que, às vezes, a produção de imagens vem antes da produção de textos, ou vice-versa, e outros casos, nos quais as duas coisas ocorrem simultaneamente. Conversamos sobre o que significam as imagens e os textos. Foi uma bela conversa, muito animada, cheia de observações e descobertas.



AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Sobre o azul escuro da noite, temos a lua crescente, algumas estrelas, o título do livro e os nomes do autor e da ilustradora, todos em amarelo bem forte. No cantinho da esquerda, vemos um pedaço do corpo de um gatinho preto com o rabo enrolado para baixo. Na bordinha de baixo da capa, há uma faixa vermelha com desenhos escuros e arredondados.



Explicamos para as crianças que tínhamos escolhido um livro muito legal para trabalharmos com as duas turmas, mas que faríamos de um modo diferente! Que, antes de lermos e contarmos a história do livro, as crianças teriam desafios:

- a turma do 1º ano iria receber em uma folha o texto do livro e seria responsável por produzir as imagens que correspondiam ao texto, como entendiam e imaginavam.
- a turma do 2º ano receberia somente as imagens do livro para criarem uma história, um texto para cada imagem.

O trabalho foi realizado em pequenos grupos. As salas de aula foram tomadas por um burburinho, por cochichos e sugestões para o processo de produção. Olhos atentos, lápis, lápis de cor, canetinhas e uma explosão de alegria e concentração. Discussões sobre o que desenhar e escrever, tendo como base as orientações para as tarefas. Muitas dúvidas e muitos chamamentos às professoras e aos outros profissionais que estavam participando da atividade: “Como se escreve isso?”, “É com s ou ç?”, “Tá bonito?”, “Olha o nosso desenho!”.

Aos poucos, algumas folhas iam sendo inundadas de imagens e cores; outros desenhos, mais tímidos ou delicados, ocupavam apenas um pedaço do espaço do papel. Da mesma forma, os textos tinham muitas características: alguns descreviam a cena, outros inventavam nomes para os personagens e histórias fantásticas.

Muitas formas de traduzir textos em imagens e imagens em textos.



Após a finalização do trabalho pelas crianças, as produções foram lidas e as imagens, mostradas. Os materiais foram recolhidos e combinamos com as crianças que, no próximo encontro, faríamos a junção dos textos e das imagens. As professoras seguiram trabalhando, em suas salas de aula, com os desdobramentos das atividades.

No encontro seguinte, as duas turmas foram reunidas e iniciou-se o processo de apresentação dos materiais agrupados. Expressões de surpresa, concordância, felicidade e dúvida proliferaram na sala de aula, acompanhadas de movimentos na cadeira, alguns se levantando, outros se aproximando da professora enquanto lia os textos. Ao mesmo tempo, os intérpretes traduziam para Libras. Alguns sinais foram ensinados para todas as crianças, como lua, estrela, noite.

Aos poucos, começaram comentários de concordância e discordância, alegria de ver qual era o texto da imagem, desconsolo em ver que a imagem e o texto não dialogavam. Após a leitura, uma conversa longa aconteceu. As crianças puderam fazer seus comentários, explicitar suas alegrias, frustrações, dúvidas. Puderam falar que não gostaram do que tinha sido escrito para o seu desenho ou do que tinha sido desenhado para a sua história. Temas como respeito, aceitação e diversidade de opiniões foram constantes, em um processo de elaboração da atividade e dos sentimentos.



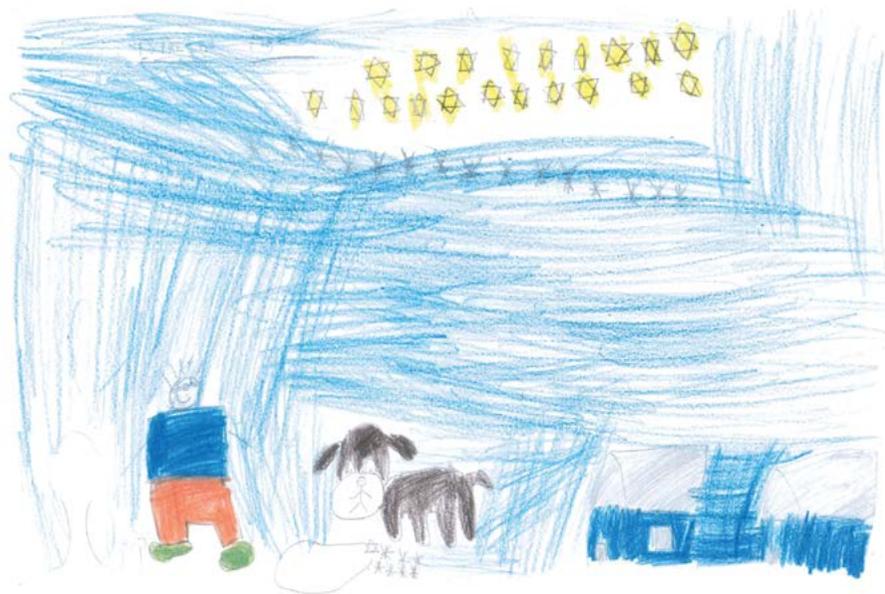
AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Desenho feito por uma criança sobre uma folha sulfite e com lápis de cor. No centro, uma pessoa carrega um saco marrom; acima um céu azul com estrelas amarelas e um sol no canto superior direito. Do lado direito, há uma árvore de tronco marrom e copa verde. Do lado esquerdo, há uma espécie de casa cor de laranja com porta marrom e janela branca no topo.



O próximo encontro foi destinado à mediação de leitura acessível e inclusiva do livro “Estrelas Maduras”. Desta vez, as duas turmas se encontraram em um espaço comum da escola, sendo que outros profissionais da escola e alunos também participaram da atividade. Uma professora foi a responsável pela mediação de leitura, um dos intérpretes fez a tradução para Libras. Foram também utilizados objetos tridimensionais, que faziam parte da história. Olhos atentos e curiosos para saber se o “livro de verdade” era parecido com o livro produzido pelos alunos da escola Josafá. As expressões de euforia e de surpresa foram ainda maiores.



AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Desenho feito por uma criança sobre uma folha sulfite e com lápis de cor. O fundo é todo composto por traços azuis. No alto, duas fileiras horizontais de estrelas de cinco pontas amarelas. Na parte de baixo um menino de camisa azul e calça laranja ao lado de um cachorro preto e uma casa azul.

Inicialmente, tínhamos imaginado que a mediação terminaria ali, mas aconteceu um processo de envolvimento de todos, empolgação, vontade de seguir adiante. Pedidos de *quero mais, conta de novo, o que vamos fazer da próxima vez?*



Após a mediação de leitura, fizemos uma reunião de avaliação do processo entre os profissionais da escola e da Mais Diferenças e decidimos que continuaríamos com o trabalho. As professoras propuseram jogos de memória, dominó e outros jogos, confeccionados por elas e pelos alunos, incluindo produção de material bilíngue (português-Libras); organizaram outras atividades de produção de imagens e de textos; leram outros livros; fizeram trabalho coletivo de correção da escrita.



A equipe da Mais Diferenças, em paralelo, produziu uma versão audiovisual do livro em formato acessível - [“1. Estrelas Maduras”](#) - com audiodescrição das imagens, janela de Libras e narração do texto, feita por um menino de 12 anos que adora ler.

Quando o trabalho ficou pronto, fomos à escola para mostrar o livro de outro jeito. Os alunos adoraram, levaram o livro e contaram a história para outras turmas, chamaram os pais e fizeram uma apresentação formal.

Essa experiência mostra as múltiplas possibilidades e aprendizagens que um processo colaborativo e inclusivo pode gerar, tendo o livro e a leitura no centro da roda.



Se você quiser conhecer um pouco mais sobre uma escola bilíngue inclusiva, leia [Uma Escola Acolhedora](#), retirado do livro **Compartilhar Práticas Pedagógicas Inclusivas: Percurso na Rede Municipal de Educação de Guarulhos**, de 2014. Editora Mais Diferenças.

4. VAMOS ABRIR A RODA? A ACESSIBILIDADE EM QUESTÃO



AD»»

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Ilustração com delicados traços azuis mostra uma jovem sentada em uma cadeira. Ela tem os cabelos curtos e uma faixa no cabelo, em seu colo está um livro aberto e ela parece ler. À frente dela estão quatro crianças, sentadas no chão em um semicírculo. Um menino de cabelos lisos e camiseta listrada olha para a menina sentada à sua esquerda.

A menina tem os cabelos crespos presos em duas chuquinhas e eleva o dedo indicador da mão direita. À esquerda dela está um menino de óculos e camiseta também listrada; ele olha atentamente para a jovem lendo o livro. Ao lado esquerdo dele está um jovem um pouco mais velho que as crianças da roda. Ele ergue o indicador direito e está com a boca aberta como se estivesse falando, tem o cabelo arrepiado e é mais alto que os demais. Finalizando a roda, uma menina de cabelos lisos e compridos, presos em um rabo de cavalo, observa atentamente a jovem que está lendo o livro.

Para que possamos abrir a roda, acreditamos que alguns princípios fundamentais precisam ser nossos companheiros.

Geralmente, quando pensamos nas pessoas com deficiência, achamos que existe outra aura, como se vivessem em mundos paralelos, como se fossem estrangeiros. Acreditamos que precisamos, antes de tudo, pensar em questões específicas. Ressentimo-nos de não termos formação e conhecimento especializado para trabalhar com este público. E tantas outras histórias, cenas e imagens que saltam em nossa memória.

No entanto, em nossa roda, queremos inverter um pouco a lógica e propomos que possamos olhar e começar com alguns princípios que são universais, que dizem respeito a todos nós. Podemos dizer que são conceitos e princípios fundantes, que dizem respeito ao convívio, à disponibilidade, ao estar juntos, à hospitalidade, à diversidade, à heterogeneidade e à diferença, que são a marca do humano. Dizem respeito à igualdade, à acessibilidade, ao público e ao comum, possibilitam que a dignidade se faça presente para todos e entre todos, independentemente das características de cada um.

Acreditamos que se colocarmos estes ingredientes em nossa roda, ela poderá ser uma roda de todos, onde todos aprendam, participem, envolvam-se, interajam, em igualdade de condições. Além disso, estamos abrindo a roda para que todos entrem, portanto, não vamos trabalhar com critérios de ingresso pré-estabelecidos, com condições mínimas para ter o direito de entrar na roda, mas na perspectiva de ir construindo e compartilhando juntos o que estamos estudando, aprendendo, bem como as maneiras e modos de fazer para que todos possam estar na roda.

Ao longo da publicação, iremos apresentando algumas experiências de livros, leituras, mediações inclusivas, recursos de acessibilidade, sem apresentar necessariamente todos os conceitos de antemão. Podemos dizer que é uma metáfora à roda. Quando entramos em uma roda nova para ouvir uma história, cantar uma música, conversar, muitas vezes, não conhecemos a história que vai ser contada, seus personagens e seus enredos. Entramos na roda justamente para poder escutar a história, para descobrir novas formas de viver em outros lugares e em outros tempos, para pensar sobre ela, para nos divertir, para nos emocionar, para compartilhar. Iremos contando as histórias e, paralelamente, as formas e as estratégias que podemos narrar; iremos explicitando conceitos, categorias, recursos, princípios enquanto formos conversando sobre autores e textos que nos emocionam. Ou seja, a proposta é que possamos fazer como as crianças que entram na roda. Elas ficam atentas às histórias, participam, imaginam, riem, assustam-se, pedem para que contemos a história de novo, contam juntas a história, decoram a história... Vamos, como as crianças, reinventar as histórias e entendê-las.

Para trabalhar com alguns conceitos deste capítulo que, como já dissemos, entendemos que são fundamentais, escolhemos uma história, um livro, um personagem, um autor, que irão nos acompanhar: *O Pequeno Príncipe*. Ele será nosso companheiro de viagem, que nos ajudará a ilustrar, a pensar e a compartilhar alguns conceitos.

O PÚBLICO E O COMUM

Para conversarmos sobre o público e o comum, vamos utilizar algumas categorias desenvolvidas pelo filósofo Jorge Larrosa, professor da Universidade de Barcelona, a partir de um texto ainda inédito, que faz parte da publicação, no prelo, *Cadernos Laboratório MD de Arte e Cultura Inclusivas - O Público e o Comum*, uma iniciativa da OSCIP Mais Diferenças.

As palavras **público** e **comum** parecem tão simples, muito as usamos em nosso cotidiano e, às vezes, temos a sensação de que não dizem muito, que estão desvalorizadas, que não as queremos próximas de nós. Remetem-nos a coisas que não têm valor, principalmente neste mundo que cada vez mais valoriza o exclusivo, o único, o inédito, o feito sob medida para nossas necessidades e desejos. No entanto, acreditamos que **público** e **comum** são palavras e conceitos preciosos e que, em nosso entendimento, ajudam-nos a compreender por que a escola, a biblioteca, o livro e a leitura são de todos e para todos. Eles não podem ser bens disponíveis somente para alguns.

O PÚBLICO

Refere-se ao que comumente são chamados de bens públicos e aparecem no interior de uma esfera pública. Ou, dito de outra forma, sua aparição depende da constituição ou da criação de uma esfera pública, entendida como espaço comum a todos.

A escola, a educação, a cultura, as artes, a literatura, a leitura, a biblioteca se relacionam com a constituição de esferas desse tipo em que algo, como os bens e os produtos culturais, fazem-se **públicos**, colocam-se em **público** e em relação ao **público**, situam-se entre os homens e, idealmente, entre todos os homens. Todos os homens, neste caso, significa os homens e as mulheres; os idosos, os adultos, os jovens e as crianças; os cristãos e os ateus; os negros e os brancos; as pessoas com e sem deficiência. Todos os homens significa aqui cada um de nós, em nossas singularidades e pluralidades, ou seja, em nossas **diferenças**.

O COMUM

Diz respeito ao que podemos chamar de bens comuns, que somente aparecem como efeitos de um gesto, ou de um acontecimento de comunização. A educação, a arte e a cultura, portanto, têm a ver com este gesto de disponibilizar para todos, ou melhor, de tornar algo público. Mesmo que um livro seja de uma biblioteca e não de minha propriedade, ou um quadro de Volpi, que está em uma exposição de arte, tenha um proprietário, a possibilidade de disponibilizar é o gesto que faz com que algo seja de todos, de todos por igual e de ninguém em particular, que possamos usufruir do livro da biblioteca e do quadro de Volpi em uma exposição.

O **comum** se constitui na **igualdade**, com o **acesso** e a **disponibilidade igualitária**. A categoria **disponibilidade** pressupõe que garantir o acesso de todos e colocar o mundo à disposição de todos é fundamental.

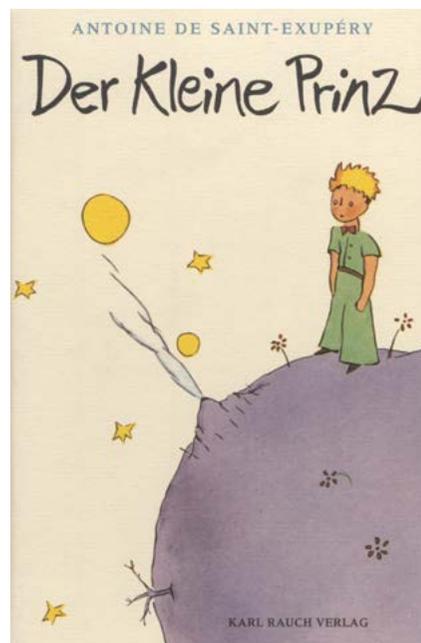
Portanto, vamos pensar no livro como um bem **público** e **comum**. Um livro que uma determinada pessoa, em um determinado momento de sua vida, resolve escrever, publicar e disponibilizar.

Vamos voltar ao livro *O Pequeno Príncipe*.

Ele foi escrito e ilustrado pelo francês Antoine de Saint-Exupéry durante a Segunda Guerra Mundial e foi publicado em 1943. *O Pequeno Príncipe* é considerado um clássico da literatura universal, é o livro mais vendido em todo o mundo. Ele foi traduzido para mais de 220 idiomas e dialetos.

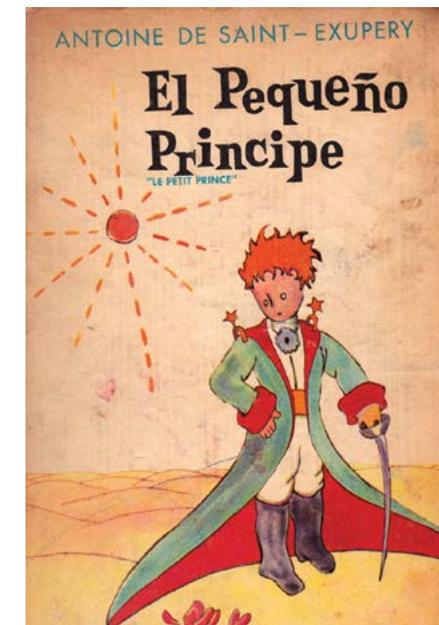
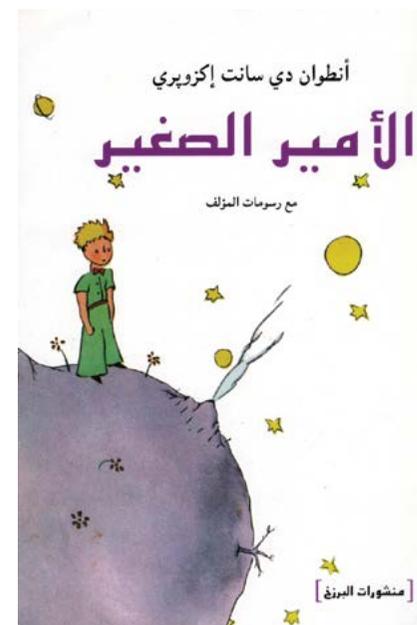
O Pequeno Príncipe está na memória de muitos de nós, acompanhou-nos por nossa infância e nossa adolescência. Contamos, muitas vezes, a história dele para nossos filhos, para nossos alunos.

Quando vemos alguma imagem do livro ou alguma citação, sabemos imediatamente que se trata de *O Pequeno Príncipe*. A história segue viva e ainda é uma grande companheira das crianças de hoje, em todo o mundo.



AD))) **DESCRIÇÃO DA IMAGEM**

Aqui, há seis diferentes capas de O Pequeno Príncipe em seis idiomas distintos: o português, o alemão, o francês, o hebraico, o árabe e o espanhol. Nas capas em português, alemão, francês e árabe, o pequeno príncipe está sobre seu pequeno asteroide, usando uma roupa verde. Nas capas em hebraico e espanhol, ele está vestido pomposamente, com sua espada na mão e uma capa azul e vermelha.



Além disso, a história de *O Pequeno Príncipe* foi disponibilizada de muitas outras formas e suportes; serviu de inspiração para filmes, peças de teatro, exposições, nomes de escolas, de bibliotecas. Inspira também meninos que adoram ler e desenhar a fazer a sua representação de forma livre e espontânea em um quadro verde.



AD))) **DESCRIÇÃO DA IMAGEM**

Em uma lousa, está desenhada com giz branco a imagem da capa do livro *O Pequeno Príncipe*. Algumas estrelas e um planeta flutuam no fundo verde e o Pequeno Príncipe, de cima de seu asteroide, contempla a dança cósmica. Do asteroide brotam pequenas flores e um pequeno vulcãozinho lança sua fumaça para o alto. *O Pequeno Príncipe* mira tudo de cima de seu pequeno universo. Em baixo do desenho a assinatura do jovem artista: Yan (Yan Lucca Belizário).

1 Saiba mais

Em 2015, o livro *O Pequeno Príncipe* entrou em Domínio Público, o que o tornou ainda mais público.

Nós podemos gostar ou não de *O Pequeno Príncipe*, escolher ler ou não ler, mas ele é um bem **público e comum**. Está presente em bibliotecas públicas, em bibliotecas escolares, em salas de aula, nas estantes das nossas casas, nos baús empoeirados, nos sebos, nas livrarias. É impossível não o considerarmos um bem **público e comum** ou não nos sentirmos gratos por ter existido Saint-Exupéry.

No entanto, infelizmente, talvez ele ainda não seja **comum** e não esteja **público** para todos. Pelo menos não de forma autônoma. Então queremos trazer outro conceito fundamental para pensar o livro e a leitura para todos, que é a **acessibilidade**.

A acessibilidade

A acessibilidade é um dos requisitos fundamentais para que possamos garantir a inclusão das pessoas com deficiência. É um tema relativamente novo e que começou a ser falado, pensado e incorporado pela sociedade há cerca de 15 anos. Portanto, ainda não é uma realidade, mesmo que tenhamos diversas leis que tratem desta questão. A questão da acessibilidade é tão importante que faz parte do título deste capítulo: **Vamos abrir a roda? A acessibilidade em questão.**

Segundo a Lei nº 13.146/15, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão, acessibilidade é a:

possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida:

Como vimos no conceito acima, a acessibilidade implica em várias dimensões, que são complementares e que contribuem com a igualdade de oportunidades e para que os bens sejam **públicos e comuns.**

ACESSIBILIDADE FÍSICA OU ARQUITETÔNICA

É a mais difundida das dimensões da acessibilidade e, muitas vezes, quando falamos em acessibilidade, as pessoas imaginam somente a acessibilidade física dos espaços, vinculadas às rampas, aos banheiros acessíveis, aos pisos táteis. Sem dúvida, a acessibilidade arquitetônica engloba estes elementos, mas não se resume a eles.

Um dos motivos de ser a dimensão mais difundida e reconhecida é porque ela está intrinsecamente relacionada a um direito fundamental, que é a possibilidade de ir e vir e de acessar os espaços. Prevê a ausência de barreiras físicas nas residências, nos edifícios, nos espaços e equipamentos urbanos, nos meios de transporte individual ou coletivo.

Você já imaginou que até hoje em muitos lugares as pessoas não conseguem nem sair de casa com autonomia? Será que a nossa “roda” já está aberta, do ponto de vista da acessibilidade arquitetônica?

Vamos voltar ao nosso companheiro *O Pequeno Príncipe*. Imagine que você irá acompanhar um adolescente que usa cadeira de rodas, da escola até a biblioteca pública mais próxima, para que ele possa retirar o livro *O Pequeno Príncipe*. Faça um percurso imaginário: como são as calçadas e as ruas? Têm rampas com uma inclinação suave? Precisa pegar ônibus? O ponto de ônibus é acessível? A linha de ônibus que faz o percurso até a biblioteca têm ônibus acessível? A plataforma (elevador) do ônibus está funcionando? O local destinado ao usuário com cadeira de rodas dispõe de cinto de

segurança para prender a cadeira de rodas? E o entorno da biblioteca é acessível? E a entrada da biblioteca? Tem rampas para subir ou somente escadas? Se ele precisar ir ao banheiro, é acessível? O balcão de atendimento é rebaixado para que o jovem possa conversar com o funcionário de atendimento com o olhar na mesma altura? Os espaços de circulação onde estão as estantes são largos o suficiente para passar a cadeira de rodas? E os livros nas estantes, estão em uma altura em que o jovem possa procurar *O Pequeno Príncipe*?

Poderíamos seguir fazendo muitas perguntas como estas e, provavelmente, muitas respostas seriam NÃO. Portanto, pensar em leitura acessível e inclusiva é, também, estar atento e sensível a rotinas cotidianas, que não são tão simples para muitas pessoas. É pensar como vamos abrir a roda para que a roda não se torne uma ação tão desafiadora como *se encontrar perdido junto com um avião no deserto*, como o nosso *Pequeno Príncipe*, mas que não é ficção.

2 **Sabia** **Mais** É lógico que nós, como educadores e mediadores de leitura, não somos responsáveis por adequações físicas e estruturais, mas podemos cobrar das instâncias responsáveis que respeitem e assumam em seus planos e metas, que a acessibilidade arquitetônica também é condição para que um espaço seja público e comum, que possa ser usufruído por todos. Além disso, na hora de planejarmos uma atividade de mediação de leitura, devemos pensar em que lugares e em que espaços conseguimos que a roda seja aberta para todos.

ACESSIBILIDADE NA COMUNICAÇÃO E NA INFORMAÇÃO

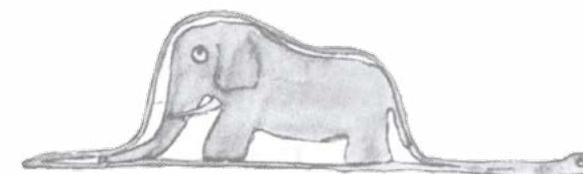
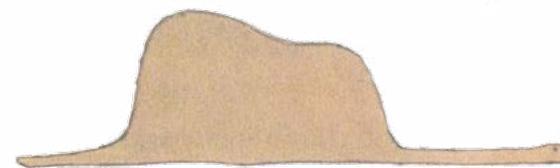
Prevê a ausência de barreiras na comunicação entre as pessoas, na comunicação escrita, na sinalização, no acesso aos conteúdos em papel, audiovisuais e virtuais. A acessibilidade na comunicação e na informação é um dos quesitos mais importantes na hora de abrir a roda, uma vez que os materiais de leitura, os livros de literatura, os livros didáticos, os filmes, os programas de televisão deveriam estar disponíveis em vários formatos. Este tema já apareceu no capítulo 2 e seguirá aparecendo ao longo de toda a publicação. Ele será um grande companheiro no processo de tornar o livro e a leitura para todos. Envolve disponibilizar conteúdos em braile, em áudio, em Libras, em letra ampliada, entre outros.

A tecnologia também tem sido uma grande aliada no processo de garantir o acesso à comunicação e à informação para todos. No entanto, se mais uma vez esta questão não entrar de forma transversal em nossas práticas, pode-se aumentar ainda mais a exclusão e a segregação.

Vamos chamar o nosso *O Pequeno Príncipe* novamente, para seguirmos juntos em nossa caminhada.

Você já pensou em como uma criança cega poder ler *O Pequeno Príncipe*? Você já entrou em contato com um livro que seja acessível para pessoas cegas? Existem diferentes formas de disponibilizar *O Pequeno Príncipe* para este grupo. Podemos disponibilizar o livro em braile ou em áudio. Novamente, vamos fazer a pergunta. Como podemos considerar *O Pequeno Príncipe* um bem público e comum se ele não está acessível em todos os formatos?

Não podemos esquecer que o livro tem texto, mas tem também ilustrações que foram feitas pelo próprio Antoine de Saint-Exupéry e que fazem parte da narrativa do livro. Não é a mesma coisa ler o livro somente com o texto e ler o livro acompanhado das ilustrações. Quem não se lembra, no livro, do desenho do chapéu, ou melhor, da cobra que comeu um elefante? Se alguém não descrever as imagens para as crianças cegas, elas jamais terão acesso ao conteúdo, à surpresa e à riqueza que as imagens trazem.



AD))) **DESCRIÇÃO DA IMAGEM**

Uma cobra marrom está no chão. Seu corpo é fininho na cauda e na cabeça. No meio do corpo da cobra tem uma montanha com uma ponta mais alta e outra ponta um pouco menor. Parece até que a cobra engoliu uma coisa muito grande. Mas quem olha sem prestar muita atenção pode até pensar que é um chapéu.

Abaixo desse desenho há outro que mostra a mesma cobra do desenho que a gente falou antes. Só que agora dá para ver dentro do corpo da cobra. Aquela parte que parecia uma montanha é um elefante que a cobra engoliu inteirinho. O elefante é cinza e está de lado. Ele parece muito assustado.

Esta descrição foi feita a partir de um estudo aprofundado de formas de apresentar as imagens em palavras. A partir deste exemplo, você poderá pensar em suas escolhas narrativas, nas formas que considerar adequadas para os leitores que pretende atingir.



No final do capítulo, propomos para os mediadores uma atividade de descrição de uma ilustração do *O Pequeno Príncipe*.



Você verá como é interessante este exercício e o entenderá como uma possibilidade de olhar a imagem com mais atenção e detalhadamente. É importante escolher as palavras que são mais adequadas, pensar em como manter o interesse dos ouvintes, considerando o público para o qual você está descrevendo a imagem e contextualizar a descrição levando em conta onde ela está inserida - literatura, livro didático, audiovisual, obra de arte - e a narrativa correspondente.

Além do mais, como já sabemos que muitos livros não estão acessíveis e, portanto, não poderiam entrar em nossa roda, nós teremos o compromisso de disponibilizá-los, torná-los **públicos** e **comuns**, por meio de outras estratégias, para que todos possam ler outros livros.

Já pensou como? Exatamente!

Uma das possibilidades é que você possa ler e descrever as imagens, caso tenham. Isto garante o acesso à roda, que é muito importante, mas ainda não garante a autonomia.



Você pode escutar um trecho [“2. Áudio de O Pequeno Príncipe”](#) do texto contendo uma descrição de imagem de *O Pequeno Príncipe*.

Agora vamos pensar um pouco nas crianças surdas? Como já dissemos anteriormente, o livro está traduzido em mais de 220 idiomas e dialetos, mas será que ele está disponível em Libras - Língua Brasileira de Sinais -, que é a primeira língua de muitos surdos aqui no Brasil? Como uma criança surda terá acesso a *O Pequeno Príncipe* se ela ainda não souber ler em português, que é a sua segunda língua?



Veja um trecho de [“3. O Pequeno Príncipe Versão Bilíngue”](#), em versão bilíngue português-Libras.



AD **DESCRIÇÃO DA IMAGEM**

Imagem do livro audiovisual acessível *O Pequeno Príncipe*. À esquerda o Pequeno Príncipe está em cima de seu pequeno asteroide e olha os planetas e estrelas ao longe. À direita está o intérprete de Libras traduzindo o texto e abaixo a legenda, que diz: “Este livro foi publicado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1943”.

ACESSIBILIDADE ATITUDINAL

A acessibilidade atitudinal, diferentemente das outras, não demanda recursos, reformas, tecnologias, mas demanda mudanças nas formas e nas relações com as pessoas. Demanda ser e estar acessível ao outro. Demanda um exercício cotidiano de suspender e romper com preconceitos, com discriminações, com olhares segregadores e estereotipados. Demanda estar disponível.

É importante lembrar que, por muito tempo, a concepção em relação às pessoas com deficiência esteve calcada num olhar clínico, de doença e de impossibilidade, gerando práticas excludentes e assistencialistas.

Estas marcas estão presentes ainda hoje. É preciso sairmos de um olhar segregador para um olhar inclusivo, de um olhar homogeneizador para um olhar heterogêneo, de um olhar assistencialista para uma perspectiva de direitos humanos, de uma busca por normalização para uma explicitação das diferenças, tendo como base a igualdade.

Para abrir a roda, é preciso tempo e disponibilidade, e citamos aqui um trecho de *O Pequeno Príncipe*, que pode nos inspirar:

“A gente só conhece bem as coisas que cativou – disse a raposa. Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo já pronto nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos. Se tu queres um amigo, cativa-me!”



AD **DESCRIÇÃO da IMAGEM**

Do lado esquerdo do cenário está a raposa saindo de uma pequena toca, que está na parte de baixo de um monte esverdeado. Na frente da raposa há várias pequenas flores vermelhas e, no topo do monte, uma solitária árvore.

Tais mudanças, mesmo que não demandem recursos financeiros, às vezes nos dão a sensação de que são mais demoradas, complexas e difíceis. Demanda destruímos as escadas que construímos ao longo da vida e construímos rampas simbólicas. Demanda estarmos disponíveis para abrir a roda para todos, mesmo que não saibamos como, mesmo que tenhamos medo; abrir a roda de forma hospitaleira.

Além destas dimensões da acessibilidade, que são transversais às ações de mediação de leitura acessível e inclusiva, precisamos pensar nas mediações e na produção de materiais pedagógicos e de leitura.



Por mais que já tenhamos reiterado a importância da acessibilidade, sem este conceito estar incorporado no cotidiano, não teremos inclusão.

No entanto, ele por si só não pressupõe a inclusão. Podemos ter vários ambientes e recursos que sejam acessíveis, mas eles não necessariamente garantem inclusão. Posso ter uma escola especial acessível, mas se é uma escola especial, ela não é para todos. Ela tem uma lógica e uma estrutura de roda à parte, exclui e segrega alguns em outra roda. O setor braile de uma biblioteca opera na mesma lógica: tem livros em braile e audiolivros que são acessíveis e equipamentos de Tecnologia Assistiva, mas é um lugar em que só alguns vão e outros não vão. É uma roda menor dentro de uma roda maior. É preciso estourar as duas rodas e criar uma roda comum.

Com os livros, quando os temos disponíveis em formato acessível, geralmente são em braile ou em áudio. O livro em braile é um livro em um formato acessível, mas só para os leitores de braile. Quem não sabe braile, não pode ler o livro, nem acompanhar a leitura do livro. É um livro exclusivo para um determinado público.

Portanto, queremos trazer outro conceito, que anda de mãos dadas com a acessibilidade e apresenta uma lógica inclusiva, que é o Desenho Universal. O Desenho Universal nos permite abrir a roda para todos.

Então, agora vamos colocar o conceito do Desenho Universal no centro da nossa roda e, sem sombra de dúvidas, teremos uma roda aberta, diversa, igualitária, disponível, heterogênea, acessível, hospitaleira, pública e comum.

DESENHO UNIVERSAL

O Desenho Universal ou Desenho para Todos é um conceito que surgiu na arquitetura e foi elaborado por Ron Mace em 1985. Ele *prevê o desenvolvimento de produtos, espaços ou serviços que podem ser usados pela maior parte das pessoas, ou na maior quantidade possível, sem a necessidade de modificações e adaptações.*

O Desenho Universal visa atingir a coletividade, colocar todo mundo na roda. Quanto mais utilizarmos este conceito em nossas diferentes práticas e realidades, mais elementos teremos para abrir a roda para todos. Significa pensar de forma ampliada e levar em conta que pessoas com diferentes condições e habilidades poderão usar um mesmo produto ou participar da mesma roda.

O Desenho Universal apresenta sete princípios, que deverão ser considerados ao pensar em soluções, produtos e serviços.

Fizemos um exercício de vincular estes princípios ao cotidiano e às práticas desenvolvidas nas ações de mediação de leitura acessível e inclusiva:

1 - Equiparação nas possibilidades de uso: é útil e disponível às pessoas com habilidades e necessidades diversas. Os livros em diferentes formatos acessíveis são um belo exemplo deste princípio.



No Projeto Acessibilidade em Bibliotecas Públicas, uma iniciativa do Ministério da Cultura, executado pela Mais Diferenças, foram desenvolvidos 25 livros de diversos gêneros literários, em diferentes formatos acessíveis. Você pode acessá-los no site acessibilidadeembibliotecas.culturadigital.br.

O Pequeno Príncipe, que vem sendo nosso companheiro, foi produzido levando em conta o Desenho Universal. Foi uma alegria poder colocar *O Pequeno Príncipe* na roda para todos.

Você poderá acessar *O Pequeno Príncipe* em versão audiovisual, que conta com narração do texto, descrição das imagens, legenda, interpretação em Libras.

Além disso, produzimos uma versão para impressão de *O Pequeno Príncipe* em Leitura Fácil. Nos próximos capítulos, apresentaremos detalhadamente o que é Leitura Fácil e suas características.

Poder desenvolver *O Pequeno Príncipe* em diferentes versões foi uma experiência de muita aprendizagem, desafios, leituras, tempos, encontros, conversas. Tivemos a possibilidade de abrir a roda durante as diferentes fases do processo, com diferentes leitores, de diferentes formas.

Ver *O Pequeno Príncipe* em Libras, em áudio, em leitura fácil foi concretizar a experiência de que a roda pode ser de todos, de que todos podem entrar e que ela não é só acessível, mas também inclusiva.



Assista a [“4. Teaser do Audiovisual Acessível de O Pequeno Príncipe”](#).

2 - Flexibilidade no uso: atende a uma ampla gama de indivíduos, preferências e habilidades. Ao pensar em atividades de livro e leitura, é importante planejar estratégias que possam atender a todos os públicos.

Em uma mediação de leitura de *O Pequeno Príncipe*, além do livro em múltiplos formatos, podem-se construir com os alunos os personagens e o cenário do livro, ensinar os principais sinais em Libras dos personagens, usar fantasias... assim, não só abrimos a nossa roda, mas disponibilizamos outros elementos para que *O Pequeno Príncipe* se faça presente de diferentes formas.

4 - Informação Perceptível: comunica eficazmente ao usuário as informações necessárias, independentemente de sua capacidade sensorial ou de condições ambientais.



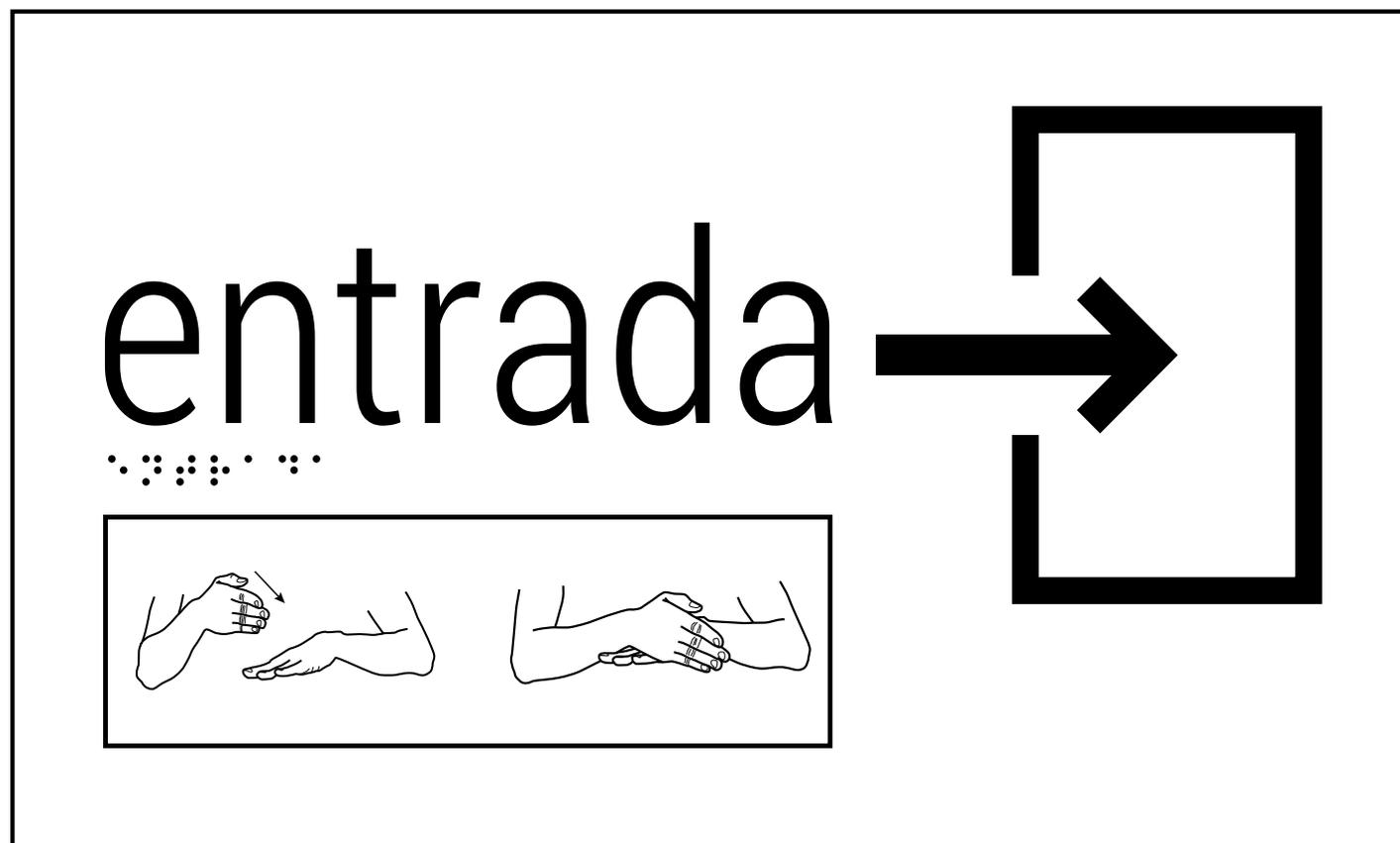
No processo de organização dos diferentes setores de uma escola ou biblioteca, este princípio é muito importante, pois possibilita criar estratégias de comunicação que contribuem para que os usuários possam se localizar e circular pelos espaços, de maneira autônoma.

Uma placa de sinalização de entrada pode contar com diferentes recursos: a palavra escrita em português, com Letra Ampliada, com contraste, em braile, em Libras e em Comunicação Suplementar e Alternativa - recurso utilizado por pessoas que apresentam comprometimento na linguagem oral -, podendo ser entendida por qualquer pessoa.

AD)))

DESCRIÇÃO da IMAGEM

Uma imagem retangular com a palavra *entrada* em destaque. Ao lado dela um pictograma, representado por um retângulo vertical com uma seta na horizontal, que parece entrar por uma porta. Abaixo, em tamanho menor, a representação da palavra *entrada* em braile e, mais abaixo, as ilustrações de dois pares de mãos que mostram como é a tradução da palavra *entrada* em Libras.



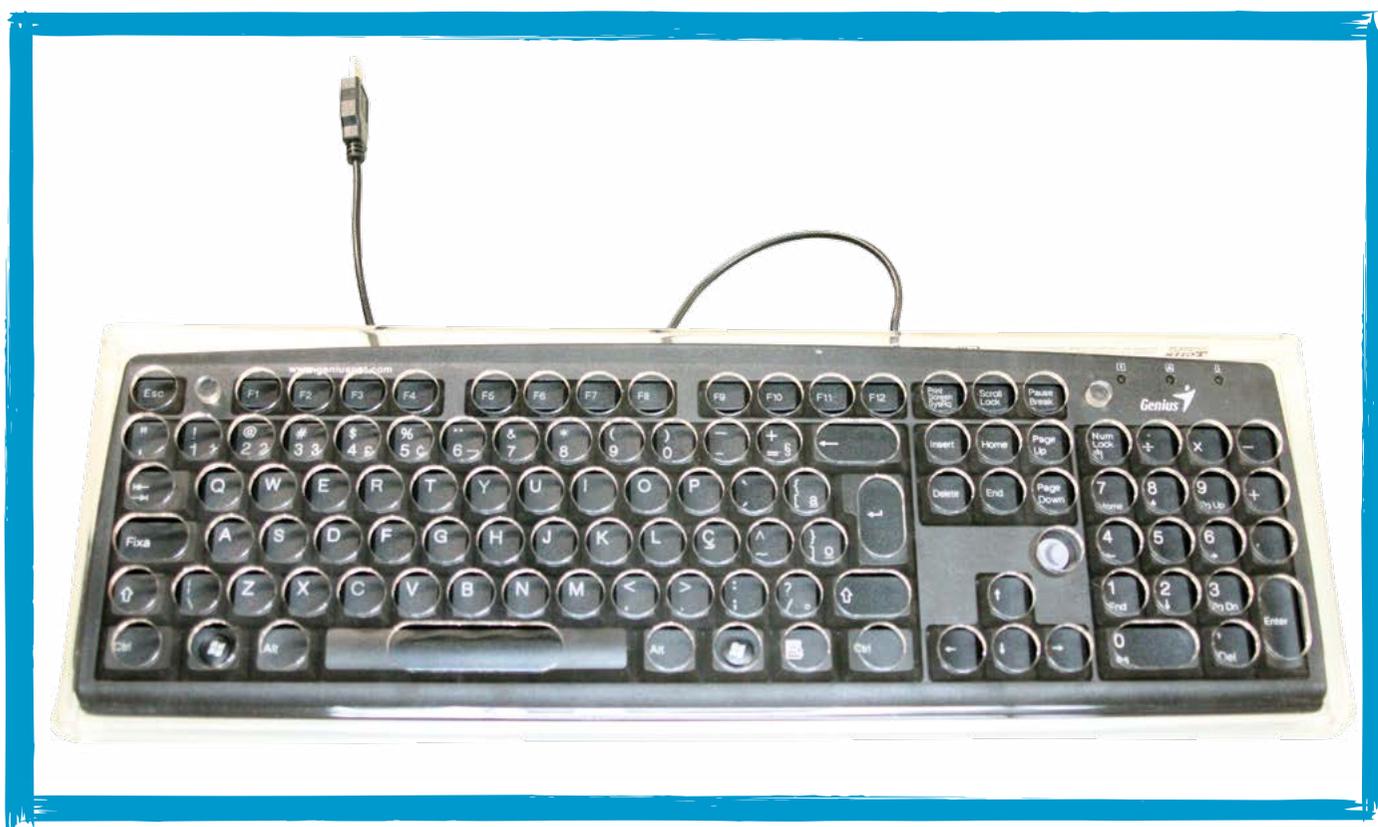
5 - Tolerância ao erro: minimiza o risco e as consequências adversas de ações involuntárias ou imprevistas.



Muitas pessoas com deficiência física podem ter grande dificuldade de utilizar o computador, causando grandes esforços, erros de digitação ou mesmo impossibilidade de utilização do

computador. No entanto, existem vários recursos, inclusive de baixo custo, que possibilitam um melhor acesso ao computador, como teclados colmeia, acionadores, ponteiras.

Existem ainda possibilidades de adequação de comandos do computador para diminuir ou aumentar a velocidade de digitação e o tempo para os espaçamentos.



AD 

DESCRIÇÃO da IMAGEM

Um teclado de computador preto tem sobre ele uma capa transparente acrílica, que se chama teclado colmeia. A capa é vazada e tem orifícios para todas as teclas. Este teclado tem a função de auxiliar pessoas com dificuldades motoras a digitar e não tocar em várias teclas de uma vez.

6 - Pouco esforço físico: pode ser utilizado com um mínimo de esforço, de forma eficiente e confortável.



Para facilitar a autonomia de todos pelos espaços, as maçanetas das portas são um requisito importante, pois frequentemente impedem a livre circulação. Muitas portas têm maçanetas redondas ou de bolas, impossibilitando, muitas vezes, que pessoas com mobilidade reduzida dos membros superiores tenham autonomia.

Em contrapartida, as portas com maçanetas de alavanca proporcionam a abertura por pessoas com condições funcionais diferentes. Possibilita tanto a autonomia de usuários e funcionários com mobilidade reduzida quanto para profissionais que estejam com as mãos ocupadas com livros, cena comum do cotidiano de escolas e bibliotecas.

AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

A foto de um jovem, do qual só vemos o tronco. Ele usa uma camiseta branca e carrega um embrulho na mão direita e uma planta na mão esquerda. A planta está em um vaso transparente cheio de água e tem a folhagem verde e amarela. Com o cotovelo direito, o jovem abaixa a alavanca de uma maçaneta de uma porta.



7 - Dimensão e espaço para uso e interação: oferece espaços e dimensões apropriados para interação, alcance, manipulação e uso, independentemente de tamanho, postura ou mobilidade do usuário.



A organização das bibliotecas e das salas de leitura, nas áreas voltadas ao público infantil, deve considerar que o mobiliário (mesas, cadeiras, estantes) tenha um tamanho adequado às crianças e que, portanto, os livros possam ser escolhidos e retirados por elas, garantindo a possibilidade de escolha e autonomia.

AD))) **DESCRIÇÃO DA IMAGEM**

Fotografia de uma sala, que parece uma sala de leitura ou uma biblioteca infantil. Tem as paredes desenhadas com árvores e duas estantes cheias de livros. Há pequenas cadeiras e mesas, com tampo em forma de flor, espalhadas pela sala, além de algumas poltronas de tamanho normal, estofadas em azul.



Esperamos que estes princípios tenham inspirado vocês a abrirem a roda e que possamos continuar juntos nesta aventura.

Queremos trazer aqui uma citação do livro *Os dias e os Livros*, de Daniel Goldin, um autor do qual gostamos muito e que fala de uma forma bonita da roda:

O círculo é uma proteção e uma janela. Ler para alguém é abrir um espaço que quebra o tempo regular, que dá serenidade, que permite a chegada de uma brisa fresca na casa. Também é dar poder ao outro para que seja outro, num duplo sentido: diferente de nós e diferente de si mesmo.

Para finalizar, queremos contar para vocês que agora, no Brasil, *O Pequeno Príncipe* é **público, comum**, gratuito e disponível para todos.



Assista a um trecho do [“5. Livro Audiovisual - O Pequeno Príncipe”](#) com diferentes recursos de acessibilidade, pautados no Desenho Universal, no qual todos podem estar juntos na roda.



Domínio Público ocorre quando não incidem mais direitos autorais do autor sobre sua obra, podendo, portanto, ser reproduzida livremente por qualquer pessoa, não necessitando de autorização do autor, editor ou de quem os representem.

Os direitos do autor não são eternos. Via de regra, eles expiram em 50 ou 70 anos após a sua morte, passando, assim, para o domínio público.

Fonte: www.jurisway.org.br.

O Portal Domínio Público

O governo federal lançou em 2004 o Portal Domínio Público. Propõe compartilhar conhecimentos, colocando à disposição de usuários da Internet uma biblioteca virtual que deverá se constituir em referência para professores, alunos, pesquisadores e para a população em geral.

Este portal constitui-se em um ambiente virtual que permite a coleta, a integração, a preservação e o compartilhamento de conhecimentos, sendo seu principal objetivo o de promover o amplo acesso às obras literárias, artísticas e científicas (na forma de textos, sons, imagens e vídeos), já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, que constituem o patrimônio cultural brasileiro e universal.

Desta forma, também pretende contribuir para o desenvolvimento da educação e da cultura, assim como

aprimorar a construção da consciência social, da cidadania e da democracia no Brasil.

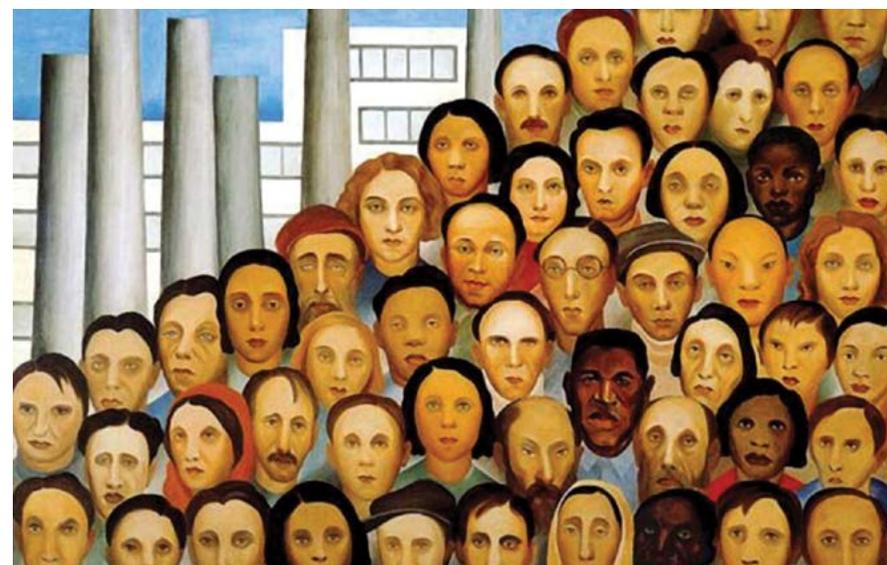
Adicionalmente, o Portal Domínio Público, ao disponibilizar informações e conhecimentos de forma livre e gratuita, busca incentivar o aprendizado, a inovação e a cooperação entre os geradores de conteúdo e seus usuários, ao mesmo tempo em que também pretende induzir uma ampla discussão sobre as legislações relacionadas aos direitos autorais – de modo que a “preservação de certos direitos incentive outros usos” – e haja uma adequação aos novos paradigmas de mudança tecnológica, da produção e do uso de conhecimentos.

www.dominiopublico.gov.br



Para saber mais sobre acessibilidade arquitetônica conheça:

- [Lei 10.098/00](#) e [Decreto 5.296/04](#), que tratam da acessibilidade
- [Norma Técnica - ABNT 9050/15](#)
- [Manual de Acessibilidade Espacial para Escolas. O Direito à Escola Acessível. Ministério da Educação. 2009](#)



“OPERÁRIOS”
TARSILA DO AMARAL
1933
Óleo sobre tela
105 X 200 CM

Atividades para o mediador

Propomos agora que você faça um exercício de descrever a ilustração acima. Observe, pense como você gostaria que fosse descrita. De uma forma mais objetiva? De uma forma mais poética? De uma forma mais simples ou com riqueza de detalhes?

5. TEM GENTE NOVA NA RODA: LEITORES COM DEFICIÊNCIA, NEOLEITORES E OUTROS CONVIVAS

AD))) DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Um desenho em azul mostra uma menina com cabelos crespos, presos por duas chuquinhas e um menino de óculos e camiseta listrada. No chão, entre eles, um livro aberto. A menina, que parece sinalizar algo, eleva o dedo indicador. O menino aparenta prestar atenção ao seu sinal, sem olhar o livro. Retângulos coloridos, em variadas disposições, contornam a cena descrita.



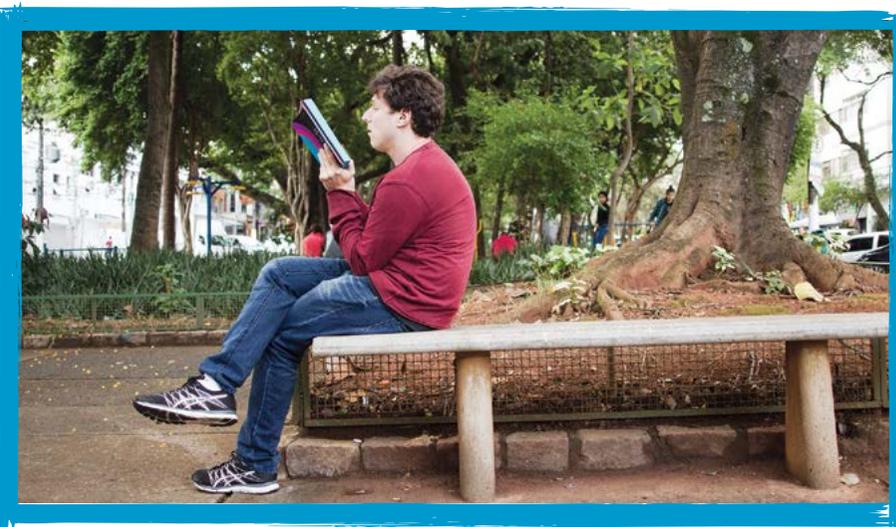
Para receber os novos convidados, que já estão conosco há muito tempo, mas que ainda não tinham sido convidados a ler, ou seja, que ainda não estão na roda, é preciso o quê?

Podemos seguir vários percursos, estratégias, caminhos que gerem:

— possibilidades, invenções, descobertas, apaixonamentos, silêncios, pensamentos, dúvidas, erros, acertos, leituras, conversas, surpresas, colaborações, aprendizagens, compromissos;

— negação, resistência, dificuldades, impotência, descompromisso, medo, paralisção.

Talvez um percurso não invalide o outro, mas queremos conversar aqui sobre o primeiro caminho. O caminho que gera possibilidades, invenções e tantos outros sentimentos e sensações que vamos descobrindo a cada momento em que nos colocamos no exercício da leitura, da produção de conteúdo acessível, das mediações de leitura que fazemos. Este percurso nos conduz à possibilidade de ler juntos, à criação de diferentes formas de fazer e de ler um texto, aos diferentes espaços em que a leitura pode acontecer. Convidamos a refletir sobre as bibliotecas que frequentamos, os autores que descobrimos, o tempo que encontramos para ler, o leitor que “nasce” e que vem nos contar sobre o livro que está lendo.



AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

A foto de um rapaz sentado em um banco de uma praça bastante arborizada. Ele é jovem, tem os cabelos curtos e castanhos e a pele branca, está sentado de perfil com as pernas cruzadas, segura um livro com as duas mãos e lê atentamente. O rapaz da imagem é Mário Paulo, colaborador da Mais Diferenças.

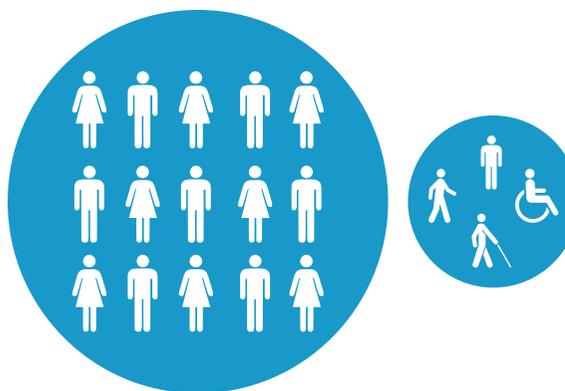
É importante lembrarmos que estes novos convivas (as pessoas com deficiência, os moradores de rua, os detentos, entre outros) não estiveram somente fora do acesso ao livro e à leitura. Estiveram, e muitas vezes ainda estão, excluídos do direito à educação, à cultura e ao trabalho.

Apresentamos a seguir um diagrama com as diferentes concepções e práticas em relação às pessoas com deficiência em diferentes períodos e contextos.

EXCLUSÃO



SEGREGAÇÃO



AD

DESCRIÇÃO da IMAGEM

Quatro círculos azuis ocupam a página. O primeiro deles, no canto superior esquerdo, tem o título *Exclusão*. Dentro do círculo estão ícones representando homens e mulheres e, excluídos do círculo e a sua volta, ícones representando pessoas com deficiência, cegos e cadeirantes. O segundo círculo, à direita do primeiro, tem o título *Segregação*. Nele há um círculo maior com homens e mulheres e, ao lado dele, um círculo menor com pessoas com deficiência. O terceiro círculo, no canto inferior esquerdo, tem o título *Integração*. Dentro dele há a representação de homens e mulheres e um círculo menor onde estão representadas as pessoas com deficiência. O quarto círculo, ao lado direito do terceiro, tem o título *Inclusão* e dentro dele estão todas as pessoas, com e sem deficiência.

INTEGRAÇÃO



INCLUSÃO



Convém ressaltar que os movimentos apresentados no diagrama não são estáticos, tampouco um acaba quando o outro se inicia. Eles coexistem até hoje. Se fizermos um exercício de memória, lembraremos de situações cotidianas em que as pessoas com deficiência vivem práticas excludentes, segregadoras, integradoras ou inclusivas.

Saiba
+
mais

Nos últimos 30 anos, desde o processo de redemocratização do país, tivemos uma série de conquistas, tais como a diminuição das desigualdades, a democratização e a ampliação do acesso à educação para todos, a criação de várias instâncias de participação e controle social, a aprovação de vários marcos legais na perspectiva dos direitos humanos e da inclusão. Estas conquistas são resultado de lutas de vários movimentos, mas principalmente do movimento das pessoas com deficiência.



AD

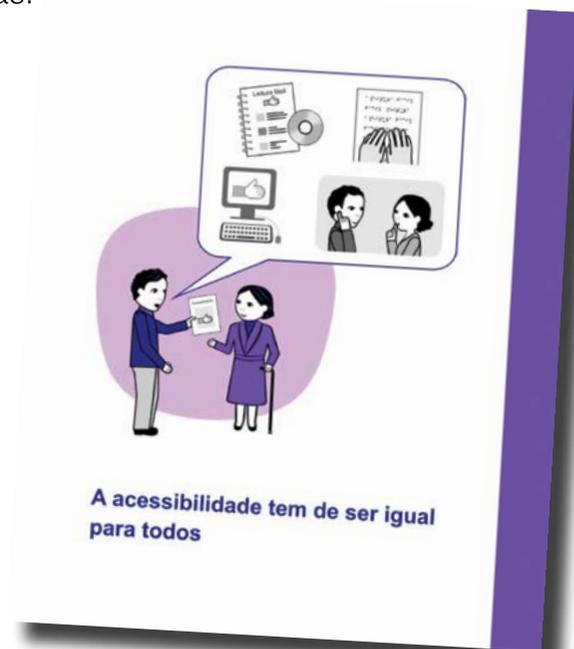
DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Imagem tirada do filme “História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil”. Na imagem, que tem tons característicos de um filme antigo, há várias pessoas numa passeata e, em destaque, um cartaz no qual está escrito: “Não somos coitadinhos, queremos ser úteis”.

Mesmo com estes avanços, a situação de invisibilidade e de exclusão ainda é gritante. Para exemplificar este cenário em termos de dados concretos, segundo o Censo do IBGE (2010), quase 24% da população brasileira apresenta alguma deficiência, ou seja, 45 milhões de pessoas. Provavelmente, nenhum de nós, nas diversas esferas da nossa vida, convive com este contingente. Cabe então a pergunta: onde eles estão?

Um dos instrumentos mais importantes para a superação desta realidade é a Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006), que é o primeiro tratado de Direitos Humanos do século 21 e, no Brasil, tem status de Constituição, bem como seus desdobramentos.

Este documento traz uma nova compreensão sobre a questão da deficiência, pautada nos direitos humanos e no desenvolvimento inclusivo. Define que pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas.



AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Ilustração de um homem entregando para uma mulher de bengala um folheto, no qual está escrita a palavra **acessibilidade**. Ele fala com ela e no balão de diálogo aparece a imagem de um livro acessível, um documento em braile, um computador com programas de acessibilidade e uma imagem de ambos conversando em Libras.

A Convenção reconhece que a deficiência é um conceito em evolução, que resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras, devido às atitudes e ao ambiente, que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade, em igualdade de oportunidades em relação às demais pessoas.

Este conceito difere radicalmente de princípios defendidos em outros momentos históricos, que focavam a deficiência somente no indivíduo e não na relação deste sujeito com as barreiras impostas pela sociedade.

Já no conceito atual, a deficiência está diretamente relacionada às barreiras decorrentes dos ambientes, dos espaços, das relações entre as pessoas. Portanto, hoje em dia, precisamos entender que somos corresponsáveis pela eliminação de barreiras e que a inclusão é compromisso de todos nós.

Esperamos que, após este breve sobrevoo histórico, possamos entender melhor porque ainda, em muitas situações, não tenhamos aberto a roda para estes leitores. Esta publicação pretende, também, contribuir para recebermos os novos leitores.

Também gostaríamos de lembrar que estas mudanças são muito lentas e que apresentam muita resistência em nossa sociedade. Infelizmente, ainda tem muita gente que, seja por desconhecimento ou por preconceito, acredita que as pessoas com deficiência não deveriam estar na mesma roda. Um exemplo disto, que explicita a compreensão de uma parcela representativa da população e que escutamos quase que diariamente, é: *As pessoas com deficiência não deviam estar junto das pessoas normais.*

Este “normal” aponta que as pessoas com deficiência seriam, então, anormais? Não estar dentro do padrão do que se entende por “normal” justifica excluir e segregar? É contra este entendimento que lutamos. Não podemos aceitar que, por exemplo, uma criança, por ter uma deficiência, qualquer que seja, não possa conviver com as outras crianças, que precisem viver separadas, que não possam entrar na “roda”.

A LEGISLAÇÃO SOBRE O TEMA PARA QUE TODOS ESTEJAM NA RODA

Como apontamos anteriormente, o marco legal brasileiro garante o direito das pessoas com deficiência a terem acesso ao livro e à leitura, à cultura, à educação, à acessibilidade, à comunicação e à informação.

Dessa forma, é papel dos profissionais das escolas, das bibliotecas e da sociedade em geral conhecer e difundir tais marcos legais para que todos possam entrar na “roda”.

Com relação à legislação, que na esfera federal garante o acesso ao livro e à leitura para as pessoas com deficiência, destacam-se:

- **LEI Nº 4.169, DE 4 DE DEZEMBRO DE 1962** - Oficializa as convenções braile para uso na escrita e na leitura dos cegos.
- **LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998** - Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Garante a reprodução de obras literárias, artísticas ou científicas, para uso das pessoas com deficiência, sem que para isso seja necessário a cessão de direitos autorais.
- **LEI Nº 10.753, DE 30 DE OUTUBRO DE 2003** - Institui a Política Nacional do Livro. Assegura às pessoas com deficiência acesso à leitura e aos livros em meio digital, magnético e ótico.

- **DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005** - regulamenta a Lei 10.436/02, que dispõe sobre a Libras - Língua Brasileira de Sinais - como segunda língua oficial do país e organiza a oferta de atendimento às pessoas surdas.
- **DECRETO Nº 6.949, de 25 DE AGOSTO DE 2009** - ratifica a Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006), aprovada com status constitucional pelo Congresso Nacional, garantindo às pessoas com deficiência o acesso a bens culturais em formatos acessíveis, a igualdade de oportunidades e a identidade cultural e linguística, incluindo as línguas de sinais e a cultura surda, e dá outras providências.
- **DECRETO Nº 7.559, DE 1 DE SETEMBRO DE 2011** Dispõe sobre o PNLL - Plano Nacional do Livro e Leitura - e dá outras providências. Fomenta as ações de produção, distribuição e circulação de livros e outros materiais de leitura em formatos acessíveis.
- **TRATADO DE MARRAQUECHE** - Tratado internacional, ratificado pelo Brasil, em vigor desde setembro de 2016, visa facilitar o acesso de pessoas com deficiência ao livro e à leitura. Define que livros e outros materiais em formato de texto e ilustrações podem ser reproduzidos e distribuídos em formatos acessíveis, sem a necessidade de autorização do titular de direitos autorais, preconizando que o direito ao acesso à obra deve prevalecer sobre os direitos autorais.
- **LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015** - Institui a Lei

Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Define que o poder público deve adotar mecanismos de incentivo à produção, à edição, à difusão, à distribuição e à comercialização de livros em formatos acessíveis, com vistas a garantir à pessoa com deficiência o direito de acesso à leitura, à informação e à comunicação.

Por isso, é muito importante que todos nós conheçamos o marco legal vigente e os seus desdobramentos normativos, que criam um novo campo de oportunidades para a democratização do acesso ao livro e à leitura e para a constituição de bibliotecas e espaços de leitura para todos, sem qualquer tipo de discriminação, para que toda esta gente nova possa entrar na roda.

Vamos pensar em uma conversa com ecos de várias vozes e diferentes dúvidas e compreensões sobre a leitura e seus usuários.

Quantas vezes pensamos seriamente em como todos podem ter acesso ao livro, à leitura, à informação e ao conhecimento?

Quem são esse “todos”? As pessoas com deficiência, como já falamos repetidamente, geralmente não estão nesse “todos” e, quando estão, aparecem como “e também”.

É lógico que estas falas são fragmentos de muitas falas que escutamos ao longo dos anos, de muitas pessoas e não somente de uma pessoa, mas ainda refletem muito o pouco convívio e o desconhecimento em relação às pessoas com deficiência.

Por muito tempo, os livros foram destinados somente para algumas crianças.

Quais crianças?

As crianças que sabiam ler, as que estavam na escola, as de classe média, as brancas...

E para quem mais?

Aí começam a surgir os “e também”...

O livro começou a ser destinado também a crianças pobres, a crianças negras, a crianças de periferia... e aos moradores de rua, aos detentos.

Ah, e agora também às pessoas com deficiência.

Às pessoas com deficiência?

É verdade! Mas as pessoas com deficiência física têm cada vez mais acessibilidade nos espaços – rampas, elevadores, transporte público. Elas também têm cadeiras de rodas. Precisam de mais alguma coisa?

E as pessoas com outras deficiências?

Outras... Ah, lembrei, tem as pessoas com deficiência visual e as pessoas cegas. Mas estas têm livros em braille, têm computador com sintetizador de voz, têm audiolivro. Precisam de mais alguma coisa?

E as pessoas com deficiência auditiva e com surdez?

Pessoas com deficiência auditiva e surdez?! Mas qual é o problema? Elas não precisam de nada. A gente nem percebe que elas têm deficiência, têm algumas que falam e outras que falam com as mãos. Como é o nome mesmo?

As pessoas surdas não são leitoras? Não podia imaginar! As escolas não são bilíngues? Não ensinam português e também Libras?

E as pessoas com deficiência intelectual?

Mas pessoas com deficiência intelectual aprendem a ler? Pelo que me falaram, elas são eternas crianças. Parece que não chegam ao pensamento abstrato...

*É Libras.
Língua Brasileira de Sinais.*

Por isso é que defendemos que as escolas, as bibliotecas, os espaços de leitura, as mediações e os livros possam ser para todos. Que a igualdade seja um valor!

No entanto, como o universo das pessoas com deficiência está tão longe de nós, muitas vezes, quando entramos em contato com as pessoas com deficiência, quando recebemos os novos leitores, ficamos inseguros e queremos saber os tipos de deficiência, o que eles podem fazer e o que não podem, o que aprendem, até onde avançam.

Esta forma de se relacionar com algo tão desconhecido é natural e, geralmente, é a primeira busca. Porém, nesta publicação, não trabalharemos com esta perspectiva. Em primeiro lugar, porque parte-se de uma lógica de classificação e esta lógica, geralmente, é reducionista e homogeneizadora. Muitas vezes, está vinculada a um diagnóstico, com forte ênfase nas questões da impossibilidade, nas coisas que as pessoas com deficiência não podem fazer.

Em segundo lugar, porque poderíamos colocar os conceitos e as tipologias das diferentes deficiências: deficiência física, deficiência auditiva, deficiência intelectual, deficiência visual, deficiência múltipla, surdocegueira. No entanto, as pessoas com deficiência são plurais, têm várias outras características que as compõem. São crianças, jovens, adultos ou idosos; nasceram com deficiências ou as adquiriram; foram à escola especial, à escola regular ou não foram à escola; moram em uma cidade grande, em uma cidade pequena, em uma aldeia indígena ou no campo; moram no centro ou na periferia... e por aí afora.

Todo esse amálgama gera histórias de vida diferentes, ou seja, saber o que é deficiência intelectual não traz muitos elementos para nos ajudar a pensar as formas de fazer, nem as formas de ler.

Além disso, esta publicação não é um guia sobre deficiência, mas um material que pretende contribuir com a garantia do direito à leitura em uma perspectiva acessível e inclusiva. Outra questão é que já existe um material extenso sobre estes conceitos, classificações e definições já disponível.

Pretendemos sair da lógica da necessidade e ir para a lógica das possibilidades, de todos estarem na roda lendo.



Se começarmos a pensar em quais recursos e estratégias podem ser utilizados para que todos leiam, teremos uma roda com infinitas possibilidades e combinações de leitura, na qual, por exemplo, um audiolivro pode ser lido pelas pessoas com deficiência visual – público para o qual este recurso de acessibilidade foi criado –, mas que também pode ser para todos. Pode ser disponibilizado para pessoas sem deficiência, para pessoas com deficiência intelectual, pessoas com baixo letramento, estrangeiros que estão aprendendo o português.

Vamos apresentar um conto que pode contribuir com a construção de outra relação com as pessoas com deficiência. Escolhemos um conto porque acreditamos no poder da literatura. Esperamos que ele represente outra forma de se aproximar e pensar sobre as questões da deficiência, para que possamos ter gente nova na roda.

Era uma vez uma escola pública especial voltada a alunos “deficientes mentais treináveis”. Nesta classificação, entendia-se que o grupo enquadrado como tal não aprendia, somente podia ser treinado, jamais iria aprender a ler e escrever. O QI (quociente de inteligência) era entre 36 e 51. O QI é uma medida psicométrica que foi por muito tempo um instrumento de classificação para definir quem tinha deficiência e quem não tinha. Consideram que uma pessoa “normal” tenha QI entre 90 e 110. O QI, como única forma de diagnóstico, fez muitos estragos por estes mundos de meu Deus.

As professoras desta escola eram professoras especialistas, também, em “deficiência mental”, e foram formadas não para ensinar, mas para cuidar, treinar, modelar o comportamento, “normalizar”, que era um dos princípios da educação especial, ou seja, tratar de aproximar ao máximo as pessoas com deficiência ao padrão de normalidade imposto. As salas de aula também tinham poucos alunos (entre 6 e 8), o sonho de muitos professores, uma educação quase individualizada, de acordo com as necessidades dos alunos. Ah, também tinham vários profissionais da área clínica – fonoaudiólogos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, que eram os atendimentos nobres e importantes. Uma conquista! Tudo estava dentro da cartilha da educação especial, seguindo os moldes que tanto se preconizou e ainda muitos defendem. Pessoas tão raras, difíceis e especiais precisavam de todo um aparato especializado!

Porém, alguma coisa saiu fora do roteiro... Estas professoras resolveram sair do padrão, resolveram que queriam ser professoras, queriam que aquele espaço fosse uma escola, e não uma clínica-escola. Queriam ensinar e imaginavam, contra tudo o que tinham aprendido em sua faculdade especializada, que talvez aqueles alunos pudessem ser estudantes, pudessem aprender – e não somente ser treinados.

Mesmo fazendo parte da rede de ensino, aquela escola era tão diferente que a Secretaria de Educação não se envolvia muito na organização dela, nem a escola tinha as mesmas exigências das “escolas de verdade”: não tinha currículo porque os alunos não aprendiam, o histórico escolar era um eterno zero com a palavra repetente a todo o final de ano... e, com isso, as professoras foram trabalhando do seu modo.

Muitas coisas aconteceram na escola, naqueles tempos, lá pelos anos 90... Para a história não ficar muito comprida, como as histórias épicas – porque não se trata disso, trata-se simplesmente de um conto de uma escola qualquer –, vamos pular e voltar para o tão falado e desejado diagnóstico. As professoras resolveram que a escola receberia qualquer um, não precisava mais ter o laudo de “deficiente mental treinável”. O único critério era a faixa etária, porque uma escola não é para toda vida, tem uma época de se ir para escola.

Com esta “falta de critério”, começaram a chegar os alunos que não tinham sido considerados qualquer um nas outras escolas. Chegaram os alunos que nenhuma escola aceitava, os que tinham deficiências múltiplas, os que ainda não tinham diagnóstico, os que tinham suspeita de “doença mental”... Como a escola já era uma “escola sem critério”, decidiram que não iam mais ler os diagnósticos, saber qual era o CID - Código Internacional de Doenças -, pois não precisavam mais saber o diagnóstico para serem elegíveis para a escola. Além disso, os diagnósticos não diziam muito sobre o que era ser estudante em uma escola.

Resolveram que, se a escola tivesse vagas, os alunos iam simplesmente ser recebidos em um dos grupos. Neste grupo iam se conhecer, fazer atividades, exercícios, entrar no trabalho, viver o cotidiano da sala de aula e da escola.

Um certo dia, a coordenadora pedagógica da escola chama uma das professoras para conversar e diz que tinha recebido uma mãe que solicitava a matrícula para sua filha. A professora falou que podia receber mais um aluno em sua sala de aula. No entanto, a coordenadora pedagógica, preocupada com o que significaria a entrada desta aluna tão “rara”, tinha “escorregado” e lido o laudo. Tratava-se de uma adolescente com um diagnóstico muito grave: deficiência múltipla, nunca tinha frequentado a escola, “deficiente mental profunda” (portanto com um QI menor do que 20). A professora reafirmou que não queria saber do diagnóstico e que a adolescente poderia iniciar

em seu grupo. A professora voltou para a sala e contou para os alunos que chegaria mais uma colega para o grupo.

No dia seguinte, chega uma adolescente negra, muito tímida, que quase não falava, com um corpo muito desproporcional. Era enorme, com um tronco curto, pernas longas como garça, que se desequilibrava e caía muito, com uma corcova e um olhar assustado. A professora apresentou a adolescente para o grupo, conversaram e seguiram o trabalho...

De novo, para não seguir com a ladainha: em três meses, a jovem “deficiente intelectual profunda” estava lendo e escrevendo.

A pergunta é: será que se a escola e a professora estivessem pautadas nos diagnósticos, a jovem teria sido matriculada na escola? Caso tivesse sido matriculada, se a professora tivesse ficado grudada no diagnóstico e estudado sobre as patologias, teria tido tempo, lugar e atenção para propor atividades escolares? Teria tido tempo para ler e escrever com a estudante? Teria tido tempo para ficar atenta aos olhos brilhantes e curiosos da menina, enquanto lia uma história para o grupo? Teria percebido o modo como a menina se relacionava com os materiais de estudo?

Provavelmente não, mas isto é só um conto...



A partir deste conto, convidamos todos a ampliar o olhar e a estarem abertos para trabalhar a partir do potencial das pessoas com deficiência. Conviver é a melhor forma de aprendermos a trabalhar. Neste convívio, é fundamental estarmos atentos, estudarmos, conversarmos com as próprias pessoas com deficiência, com a família, com outros profissionais que trabalham com elas, para irmos construindo estratégias de trabalho que possam atender a todos, a partir do princípio da igualdade, mas respeitando as diferenças, os tempos de cada um, as suas formas de se relacionar com o livro e com o conhecimento.

Para quem nunca conviveu com uma pessoa com deficiência, é natural se sentir perdido. Essa sensação diminuirá quando houver oportunidades de convivência entre pessoas com e sem deficiência.

Para trabalhar com o público com deficiência no contexto de mediações de livro e leitura, seguem algumas percepções que poderão contribuir com a construção de um trabalho inclusivo e para todos. É importante ressaltar que não se tratam de regras ou fórmulas, mas indicações baseadas nas aprendizagens acumuladas com a convivência em meio à diversidade humana.

SUGESTÕES QUE PODEM CONTRIBUIR PARA QUE TODOS ESTEJAM NA RODA

- Ao se relacionar com uma pessoa com deficiência, não ignore a deficiência, pois você estará ignorando uma de suas características. No entanto, não esqueça que a deficiência é apenas uma de suas características, dentre muitas.
- As pessoas com deficiência têm o direito, podem e querem tomar suas próprias decisões e assumir responsabilidade por suas escolhas. Não subestime as possibilidades, não superestime as dificuldades.
- As pessoas com deficiência são pessoas como todas as outras. Têm direitos, sentimentos, receios, sonhos. Diante delas, o importante é agir com naturalidade, respeito e atenção. Aliás, é assim que lidamos nas relações com qualquer pessoa. Se ocorrer alguma situação embaraçosa, uma boa dose de delicadeza e sinceridade costuma ajudar.
- Cada pessoa com deficiência é diferente das outras, independentemente do tipo de deficiência. É uma pessoa única. Não existem duas crianças com Síndrome de Down que sejam iguais, ou dois adultos com deficiência auditiva que respondam ou reajam da mesma forma.
- As pessoas com deficiência têm ritmos e formas de executar tarefas e de se relacionar que lhes são próprios. Assim como qualquer outro indivíduo, cada um tem o seu percurso na busca de sua independência e autonomia.

- As pessoas com deficiência têm os mesmos direitos de todos: falhar, sofrer, desacreditar, chorar, desesperar-se, não entender.
- Muitas vezes, uma pessoa com deficiência não tem acesso aos mesmos códigos, informações e referências que a maioria das pessoas sem deficiência. Por isso, é importante estar atento e não ignorar essa realidade, que não diz respeito à deficiência, mas às barreiras socialmente construídas.
- As pessoas com deficiência têm um potencial ilimitado para se tornar não o que nós queremos que sejam, mas o que elas desejam ser, desde que a igualdade de oportunidades seja uma realidade.
- A pessoa com deficiência pode ter dificuldade para realizar algumas atividades e, por outro lado, ter extrema habilidade para fazer outras coisas. Exatamente como todo mundo.
- Para auxiliar uma pessoa com deficiência, é importante perguntar se ela necessita de ajuda e qual seria a forma mais adequada de ajudá-la. Mas não se ofenda se sua oferta for recusada, pois nem sempre as pessoas com deficiência precisam ou querem receber auxílio. Às vezes, uma determinada atividade pode ser bem melhor desenvolvida sem ajuda.
- As pessoas com deficiência devem encontrar sua própria maneira de fazer as coisas. Impor-lhes nossos padrões pessoais ou culturais é deixá-las sem um lugar de pertencimento. Existem muitas maneiras de cumprir as atividades diárias e corriqueiras, desde amarrar os sapatos,

beber em um copo, chegar até o ponto do ônibus. Há muitas formas de aprender e criar soluções. Cada pessoa encontra a melhor forma dentro das suas possibilidades.

- Todos nós aprendemos com as interações e relações com as outras pessoas. As pessoas com deficiência com frequência são privadas dessas oportunidades, cabendo a cada um de nós evitar esse tipo de exclusão.

TEM GENTE NOVA NA RODA: MAIS ALGUMAS PISTAS PARA O TRABALHO

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

- Você deve agir naturalmente ao se dirigir às pessoas com deficiência intelectual. Trate-as considerando as características e os interesses de sua faixa etária: se for uma criança, trate-a como criança; se for adolescente, trate-a como adolescente; se for uma pessoa adulta, trate-a como tal.
- Converse com ela normalmente, como você faria com qualquer pessoa sem deficiência – nem mais rápido, nem mais devagar, nem mais alto, nem utilizando diminutivos ou infantilizando o discurso.
- Muitas vezes, as pessoas com deficiência intelectual são vistas como passivas ou dependentes das pessoas próximas. Estas atitudes geralmente decorrem da forma como interagimos com elas e das expectativas que temos.

- As pessoas com deficiência intelectual, em especial as com Síndrome de Down, são muitas vezes incentivadas a sorrir, beijar e abraçar de forma exagerada, reforçando estereótipos.
- Não subestime a inteligência de uma pessoa com deficiência intelectual. Elas têm um ritmo próprio para aprender e constroem muitas habilidades intelectuais e sociais.
- As pessoas com deficiência intelectual podem levar mais tempo para entender uma pergunta ou uma solicitação, para compreender um conceito ou para ler um texto. Podem necessitar que a questão seja explicada novamente, de outra maneira. Tenha paciência e não desista.
- A pessoa com deficiência intelectual desenvolve processos de cognição, porém de formas diferentes, por caminhos e meios distintos. É importante fazer a mediação entre elas, as variáveis do contexto e os temas envolvidos nesta relação.
- Utilize, sempre que necessário, uma linguagem simples, recursos visuais e concretos para auxiliar a comunicação com pessoas com deficiência intelectual.
- Incentive a pessoa com deficiência intelectual a realizar ações com autonomia.
- Caso ocorra um problema com a criança, jovem ou adulto com deficiência intelectual, a melhor saída é conversar e orientar a pessoa com deficiência.
- As pessoas com deficiência intelectual têm vontade de namorar, casar, ter filhos, ter uma vida sexual ativa, como todos, mas, às vezes, por não terem espaços e

possibilidades de viver tais experiências, tendem a falar mais sobre estas vontades, de forma repetitiva. É importante dialogar e pontuar que estas questões são importantes, mas que as relações e os interesses não se resumem a isso.

- Muitas pessoas com deficiência intelectual tiveram seu processo de escolarização realizado em escolas especiais e, até pouco tempo, não se investia na sua formação como leitores. Essa situação está começando a mudar a partir da educação inclusiva.
- É importante conversar com as pessoas com deficiência intelectual para buscar auxiliá-los nas suas escolhas de leitura, uma vez que, geralmente, elas têm poucas experiência como leitoras. A ideia é saber quais são seus interesses, do que gostam.
- É importante apresentar diferentes opções de leitura, explicando de forma simples qual é a temática, o enredo, o período em que foi escrito.
- Às vezes, como muitas pessoas, as experiências leitoras delas podem ter sido difíceis e complexas. Portanto, provavelmente será necessário fazer um trabalho intensivo e não desistir na primeira vez.

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA E SURDEZ

- Ao interagir com uma pessoa com deficiência auditiva ou surda, procure perceber qual a forma de comunicação usada por ela (Libras, gestos, mímica, leitura labial, sinais caseiros, alfabeto manual, escrita).

- Procure buscar alternativas de comunicação. Se a pessoa surda ou com deficiência auditiva tiver dificuldade em entender, ela avisará (usando linguagem verbal ou não). De maneira geral, as tentativas de comunicação serão bem-vindas.
 - Quando estiver conversando com uma pessoa com deficiência auditiva ou surda, fale de maneira clara, pronunciando bem as palavras, mas não exagere. Fale de frente para ela, naturalmente, sem tensão. Use a sua velocidade normal, a não ser que lhe peçam para falar mais devagar.
 - Use um tom normal de voz, a não ser que a pessoa com deficiência auditiva lhe peça para falar mais alto. Gritar nunca adianta e pode causar constrangimentos.
 - Quando estiver conversando com alguém com deficiência auditiva ou surda, evite falar de costas, de lado ou com a cabeça baixa. Isto prejudica a leitura labial e também a leitura das expressões faciais e corporais.
 - Seja expressivo, pois a expressão facial, os movimentos do corpo e gestos auxiliam a comunicação, podendo indicar sutilezas importantes. Lembre-se de que a Libras também utiliza todas estas formas de expressão.
 - Ao perceber que alguma palavra não foi compreendida, utilize um sinônimo; por exemplo, ao invés de residência, utilize casa ou palavras que auxiliem o entendimento e a ampliação de vocabulário.
 - Quando quiser falar com uma pessoa com deficiência auditiva ou surda, se ela não estiver prestando atenção em você, acene para ela ou toque em seu braço levemente.
- As pessoas surdas ou com deficiência auditiva podem estar acompanhadas, seja por um amigo, familiar ou intérprete de Libras. Tenha o cuidado de dirigir-se à pessoa surda, não ao acompanhante. O intérprete ou familiar, neste caso, será o tradutor do diálogo.
 - A leitura e a escrita podem ser recursos importantes para a comunicação com pessoas com deficiência auditiva ou surdas. Neste caso, ao escrever, procure utilizar frases curtas e claras. Ao ler, esteja atento porque a pessoa com deficiência auditiva, muitas vezes, escreve com outra estrutura de texto.
 - Caso a pessoa com deficiência auditiva ou surda não se utilize das formas de comunicação anteriormente descritas, recorra aos recursos visuais e às mímicas simples, ou seja, gestos para estabelecer um diálogo. Lembre-se que a pessoa surda ou com deficiência auditiva é essencialmente visual.
 - Um dos grandes problemas que podem surgir diz respeito à comunicação e à falta de informações que as pessoas surdas ou com deficiência auditiva enfrentam. Lembre-se de incluí-las nas conversas, informar o que está acontecendo, tanto nos momentos informais como nos vinculados aos processos de trabalho e aprendizagem. É muito difícil a pessoa compreender o que está acontecendo se não participar.
 - Com frequência, as pessoas surdas e com deficiência auditiva têm baixa proficiência em língua portuguesa e não são leitoras habituais, porque, geralmente, o português não é sua primeira língua.

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

- Ao aproximar-se de uma pessoa cega, identifique-se em primeiro lugar, dizendo o seu nome e se disponibilizando a auxiliá-la.
- Para guiar uma pessoa cega, não segure no seu braço. Pergunte a ela se necessita de ajuda para locomoção; em caso afirmativo, geralmente se oferece o braço para que ela o segure. Tente andar um passo à frente dela, para que ela possa sentir o percurso. Ou, se preferir, pergunte antes como ela prefere ser auxiliada.
- Sempre avise às pessoas cegas e com baixa visão sobre a existência de degraus, pisos escorregadios, buracos e obstáculos durante o trajeto.
- Ao explicar direções para uma pessoa cega, seja o mais preciso e específico possível, de preferência indique as distâncias em metros (uns vinte metros à sua frente) e a direção (esquerda, direita, frente, trás). Não utilize expressões como *para lá, ali e lá* e nem gestos indicativos.
- Fique à vontade para usar palavras como *veja e olhe*. As pessoas cegas geralmente as usam com naturalidade.
- Quando chegar ou sair de um ambiente com uma pessoa cega, avise-a sempre.
- Algumas pessoas com deficiência visual possuem um cão-guia. Lembre-se de que as pessoas cegas têm direito de entrar em todos os espaços com os seus cães-guia. Por mais tentador que seja acariciar um cão-guia, lembre-se de que esses cães têm a responsabilidade de guiar seu dono. O cão nunca deve ser distraído do seu dever de guiar.

- Para que uma pessoa cega possa interagir com algum objeto, é importante que ela possa manuseá-lo e que seja descrito, explicitando suas características, funções, dimensões, etc.
- A pessoa com baixa visão pode ter algumas dificuldades, entre elas: observar detalhes em objetos de uso comum e imagens de um livro, ler textos em letras comuns ou em cores claras, identificar pessoas ou objetos a distância.
- Para as pessoas com baixa visão, é recomendável a utilização do contraste de cores, textos com fontes ampliadas, também chamados de letra ampliada. Várias tecnologias também podem auxiliar a leitura, tais como lupa, telulupa, leitor de tela.
- A pessoa com baixa visão muitas vezes necessita se aproximar muito para reconhecer pessoas, objetos e desenhos; nos ambientes desconhecidos, pode esbarrar ou tropeçar em objetos. Pode, ainda, ter muita sensibilidade à luz.
- Quando uma pessoa cega ou com baixa visão chega a um novo espaço, é necessário conhecê-lo: localização das portas, janelas, móveis, escadas, banheiros, entre outros. Por esse motivo, é recomendável não mudar objetos de lugar, pois a pessoa faz um mapa visual do ambiente. Caso seja imprescindível realizar alterações nos espaços físicos, ela precisa ser avisada.
- Sinalizar espaços como salas e banheiros com letra ampliada ou em braile.

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

- Nem sempre as pessoas com deficiência física têm a deficiência aparente. Por exemplo, uma pessoa com prótese na perna pode estar usando calça e você não perceber. Para evitar constrangimentos, procure estar atento e ser sensível àqueles que estão a sua volta.
- Se for um cadeirante, é importante saber que, para uma pessoa sentada, é incômodo ficar olhando para cima por muito tempo, portanto, se a conversa for demorar mais tempo do que alguns minutos, lembre-se de procurar uma posição em que você e ela fiquem com os olhos no mesmo nível. O mesmo vale para pessoas com nanismo (anões).
- A cadeira de rodas, as bengalas e as muletas fazem parte do espaço corporal da pessoa com deficiência física, são quase uma extensão do seu corpo. Agarrar ou apoiar-se na cadeira de rodas é como agarrar a pessoa ou nela se apoiar.
- Empurrar um cadeirante não é como empurrar um carrinho de supermercado. Quando estiver empurrando e parar para conversar com alguém, lembre-se de virar a cadeira de frente, para que a pessoa também possa participar da conversa.
- Se você estiver acompanhando uma pessoa com deficiência que anda devagar ou precisa de auxílio de bengala, procure acompanhar o passo dela. Caso ela não esteja utilizando momentaneamente sua muleta, bengala ou cadeira de rodas, mantenha-os próximo a ela.

- Pessoas com paralisia cerebral podem ter dificuldades para andar e falar e podem também ter movimentos involuntários nos membros inferiores, superiores e face. Tais características são bem comuns.
- Se a pessoa tiver dificuldade na fala e você não compreender imediatamente o que ela está dizendo, peça para que repita. A pessoa com esse tipo de dificuldade costuma não se incomodar em repetir para que se faça entender.
- Algumas pessoas com deficiência física podem não conseguir falar. Às vezes, utilizam-se de outros recursos para isso. Um exemplo são as pranchas com imagens, palavras e símbolos, nas quais as pessoas apontam o que querem comunicar. Outras vezes, podem se utilizar da escrita. Não esqueça também de ficar atento às expressões faciais.
- Não se acanhe em usar palavras como “andar” e “correr”. As pessoas com deficiência física empregam estes termos naturalmente.

Esperamos que, mais que receitas e regras, estas pistas auxiliem a perceber que todos podem estar na roda – e que todos são bem-vindos.

Atividades para sala de aula

Assista com seus alunos ao curta metragem **Diferente, Mas Igual**, com roteiro de Simone Alessandra, direção de Alex Molett, arte de Sérgio Pires e a trilha sonora de Fernando Sardo.

Os recursos de audiodescrição, legendas e interpretação em Libras foram produzidos pela Mais Diferenças.

Este vídeo, que tem a duração de 1 minuto e 30 segundos, foi finalista em 2008 do I Claro Curtas – Festival Nacional de Curtíssima Metragem, que teve como tema Diversidade e Inclusão.

Assista ao vídeo [“6. Claro Curtas”](#).

Após a exibição, abra a roda para pensar e conversar sobre a temática, a partir do olhar de uma criança. Propomos também que todos possam se colocar um pouco no lugar do outro, para entender a importância da acessibilidade.

Você pode começar conversando com as crianças se elas sabem como as pessoas cegas ou surdas conseguem assistir à televisão, a filmes e a vídeos.

A partir da conversa, sugerimos que o vídeo seja exibido três vezes.

Na primeira vez, exiba o vídeo com audiodescrição para que as pessoas possam entender um pouco sobre este recurso. Distribua vendas para as crianças. Depois peça para o grupo tirar a venda e conversar sobre a experiência: O que sentiram? Qual é a história? O que entenderam? Quem são os personagens? Como imaginaram a menina?

Na segunda vez, tire o som e exiba o vídeo com Libras e legenda. Novamente, quando terminarem, converse sobre como foi a sensação.

Finalmente, exiba o vídeo utilizando todos os recursos e discuta com o grupo sobre a importância da acessibilidade e de como ainda temos que avançar para que todos possam ter acesso à educação, às informações, ao conhecimento, ao lazer e à cultura.

Saiba mais +

Assista ao documentário **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**, que retrata o movimento social pela inclusão, produzido pela OEI - Organização dos Estados Iberoamericanos - e pela SDH - Secretaria Especial dos Direitos Humanos, acessando a *playlist* do *Guia* no canal da Plataforma do Letramento no Youtube.

Para conhecer a Convenção da ONU sobre os direitos das pessoas com deficiência,

- em [pdf](#)

- em [txt](#)

6. PARA RECEBER OS NOVOS CONVIDADOS: RECURSOS DE ACESSIBILIDADE E OUTRAS FORMAS DE LER



AD)))

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Em delicadas linhas traçadas em azul, uma menina está com os cotovelos apoiados em uma mesa na qual há um monitor de computador, um teclado e um mouse. A menina tem os cabelos compridos e lisos. Usa um fone de ouvido, com as duas mãos segura o fone na altura das orelhas e parece prestar bastante atenção ao que está na tela do computador.

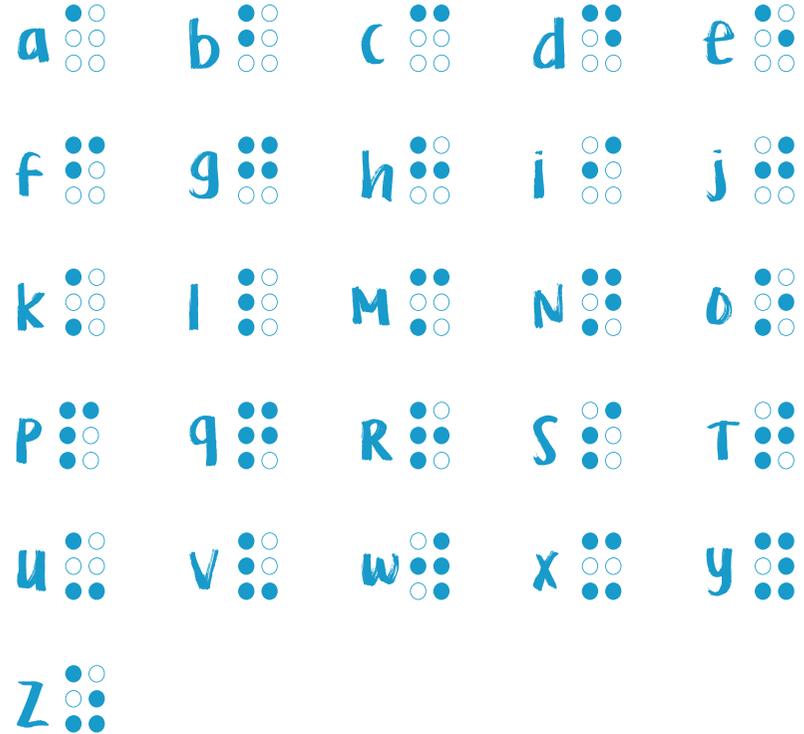
Abaixo do desenho há um mosaico com várias formas quadriculadas e sobrepostas. As formas são coloridas e têm diferentes tamanhos e disposições. Formam uma espécie de grafismo, que ocupa toda parte inferior do desenho, e são coloridas em tons de amarelo, azul, vermelho, verde, rosa e laranja.

Os recursos de acessibilidade têm o objetivo de contribuir com a equiparação de oportunidades para as pessoas com deficiência, partindo do princípio da igualdade de direitos. Aqui focaremos em alguns recursos de acessibilidade de comunicação, de informação e pedagógicos.

Inicialmente, os recursos de acessibilidade foram projetados para pessoas com determinados tipos de deficiência e com funções mais específicas. No entanto, atualmente têm-se trabalhado com a perspectiva do Desenho Universal, no qual os recursos de acessibilidade, mais que garantir o acesso, devem ampliar as possibilidades de inclusão, para que todos possam aprender juntos, ler juntos, enfim, para que todos possam estar juntos na roda, conforme já explicitamos no Capítulo 5.

1 **Saiba mais**

Vamos iniciar por um recurso de acessibilidade muito antigo e importante para as pessoas com deficiência visual, o braille. É um sistema de leitura e escrita destinado a pessoas cegas, feito por meio do tato. Sua escrita é baseada na combinação de 6 pontos, dispostos em duas colunas de 3 pontos, que permite a formação de 63 caracteres diferentes, representando letras, números, simbologia aritmética, fonética, musicografia e informática.

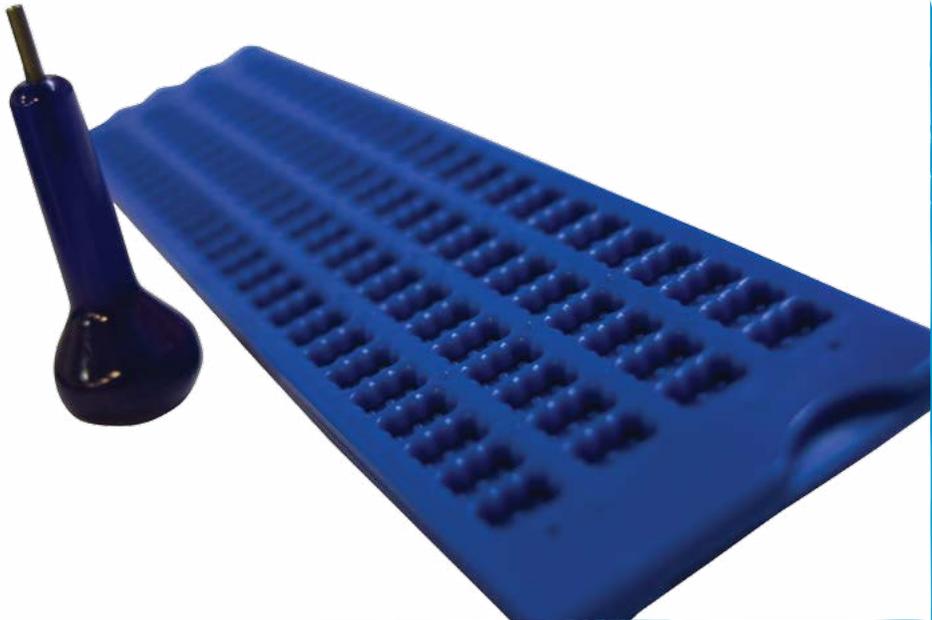


AD



DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Grafadas em azul, todas as letras do alfabeto com sua representação em braille ao lado de cada uma delas.



AD)))

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Imagem de uma reglete e de uma punção, que são instrumentos para a escrita manual em braile. A reglete é semelhante a uma régua, contém quatro linhas com celas braile, lado a lado, para serem perfuradas com a punção. A punção é uma ferramenta que tem uma ponta de metal que, pressionada contra o papel, marca os pontos das letras.

O braile foi e segue sendo muito importante para as pessoas cegas. Hoje, há muita discussão sobre se é importante seguir ensinando o braile para as crianças. Nossa concepção é de que é fundamental, principalmente para o processo de letramento, para entenderem o processo alfabético e ortográfico. Portanto, defendemos o ensino do braile e a importância de disponibilizar materiais em braile e em outros suportes. Ao mesmo tempo, é importante que se leve em conta questões de custo, sustentabilidade, escala, tempo para produção e espaço de armazenamento dos materiais em braile.

Neste sentido, é inviável que todo o material escrito e disponível em papel esteja disponível em braile. É importante criar estratégias de colaboração e de articulação para o compartilhamento de materiais em braile, para ampliar o acesso e permitir que a pessoa cega possa optar por materiais em braile. Assim como os videntes, que muitas vezes não abrem mão de ler em livro de papel, há pessoas cegas que preferem ler em braile.

Outro ponto que queremos explicitar e que entendemos que necessitamos avançar diz respeito à produção de materiais não em um único formato e para um público específico, mas que possamos pensar em materiais de que um maior público possa se beneficiar.

Um livro em braile é acessível para as pessoas cegas que sabem o braile. Elas podem ler e escrever, porém, se produzimos e disponibilizamos um livro somente em braile, ele dificulta os processos de interação e mediação, pois muitos familiares, professores, amigos e colegas de escola não

sabem o braile. Neste sentido, se disponibilizarmos um livro em braile e tinta, podem ter acesso a ele tanto as pessoas cegas que são usuárias do braile como pessoas que não têm deficiência visual e não sabem o braile. Todos terão acesso ao mesmo material, poderão conversar, discutir, tirar dúvidas, fazer leituras coletivas, interessar-se pelo texto que o colega está lendo.



AD **DESCRIÇÃO DA IMAGEM**

Fotografia de um livro aberto em tinta e braile. Em sua página laranja está escrito um texto e, sobre o texto, em alto relevo, sua versão em braile.

Vamos contar uma cena:

Duas pessoas estão assistindo a TV, sendo que uma está de olhos fechados e a outra, de olhos abertos. É um programa de cultura e o jornalista inicia uma nova matéria falando sobre quatro exposições de artes visuais gratuitas, que estão acontecendo na cidade. A partir daí, começa a soar uma sequência de quatro trechos de músicas instrumentais. A pessoa que está de olhos fechados imagina que cada trecho da música corresponde a imagens de uma exposição diferente e seu entendimento acaba aí.

O jornalista não fala o nome da exposição, onde está acontecendo ou o nome do artista. Estas informações aparecem escritas na tela. Quando termina a matéria, o espectador que estava de olhos fechados os abre e, a partir daí, inicia-se uma conversa sobre as informações visuais e escritas que apareceram na tela. O espectador que estava de olhos abertos passa a ser o narrador. A narração dependerá do quanto ele esteve atento aos detalhes, da forma que escolhe para narrar, se é objetiva ou subjetiva, se é superficial ou detalhada, do quanto ele conhece sobre arte, do quanto as exposições o interessaram.

Esta cena apresenta, de forma simples, o cotidiano de uma pessoa cega e um recurso que chamamos de audiodescrição, estratégia que podemos utilizar para ajudá-la a ter acesso a informações visuais.

A audiodescrição é um recurso de acessibilidade já regulamentado pela legislação brasileira e fundamental para que pessoas cegas e com deficiência visual tenham acesso às informações, ao contexto, às paisagens visuais e cenas. Pode ser utilizada por qualquer pessoa e ajuda bastante aquelas com deficiência intelectual.

Na audiodescrição, faz-se a descrição de cenários, personagens, posições, formas, cores, situações e detalhes para que as pessoas cegas e com deficiência visual tenham acesso à narrativa, tanto por meio da voz humana como por equipamentos de áudio. O conteúdo da audiodescrição, quando feito para filmes, por exemplo, deve ser inserido entre as falas do áudio original, sem se sobrepor a elas.



Em uma contação de histórias, é importante descrever o cenário, figurinos, ambientes e objetos. Caso seja utilizado um livro com ilustrações e imagens, é importante descrevê-las.

Por se tratar de um conceito novo, sua utilização ainda é pouco difundida em programações culturais de cinema, teatro, literatura, artes visuais. Mas, ainda que se trate de um conceito novo, a audiodescrição remonta a práticas antigas e que estamos perdendo, baseadas na oralidade, como a narração, a contação de histórias, os disquinhos de vinil coloridos que reproduziam clássicos da literatura infantil, as radionovelas. Quem já não viu uma pessoa mais velha que prefere acompanhar um jogo de futebol, mesmo que seja pela televisão, ouvindo a transmissão pelo rádio?

É importante lembrar que, por mais que existam algumas regras, normas e padrões, cada descrição dependerá muito do descritor, do público que será beneficiado, do tom que der para as informações, do quanto conhece sobre o assunto.

O processo de audiodescrição envolve criação, aprendizagem, estudo, pesquisa, atenção, disponibilidade e sensibilidade. Possibilita, também, observar a expressão de uma pessoa escutando uma audiodescrição, conversar sobre como foi a experiência da audiodescrição. Ou seja, todo esse processo contribui para reduzir barreiras de acesso, garantir direitos e para a construção de uma sociedade mais igualitária.

São inúmeras as formas de leitura, escrita, interpretação, tradução e apreensão do mundo. Mostraremos, a seguir, alguns exemplos de diferentes usos da audiodescrição.

EM CDS

Como já falamos anteriormente, os disquinhos coloridos narravam clássicos da literatura infantil e nos levavam a mundos mágicos e distantes. Atualmente, são outras mídias e recursos que contam essas histórias, como os CDs.

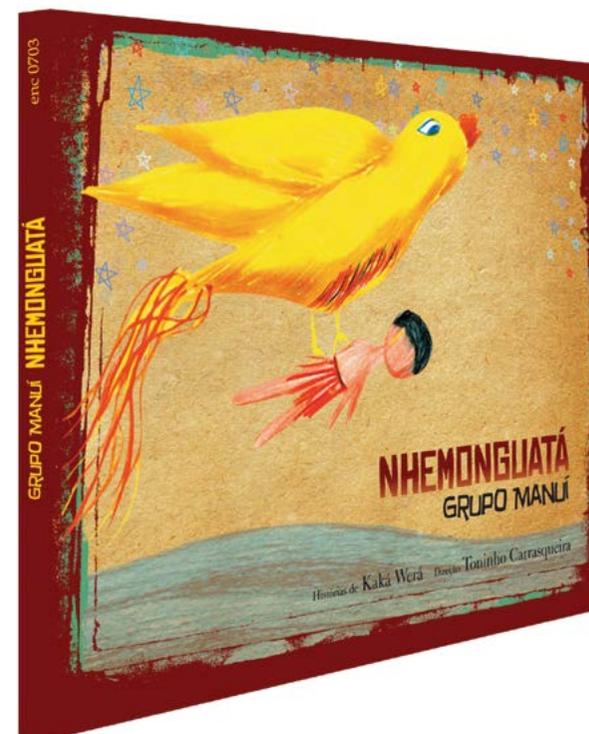
Por acreditarmos na força das histórias, para ajudar a seguir semeando novas narrativas para os grandes e pequenos e ter a alegria de escutar histórias e músicas, fizemos uma parceria com o grupo Manuí, que lançou um CD com histórias de Kaká Werá e direção musical de Toninho Carrasqueira.

O nome do CD é “Nhemonguatá”, que significa “tirar histórias que vêm de dentro” ou, simplesmente, “contar histórias”. Manuí é “o beija-flor que, na tradição, faz a ponte entre o visível e o invisível”, o que, aliás, parece-nos muito apropriado para a arte de contar histórias. Também nos parece muito bonito pensar a audiodescrição como a possibilidade de transformar o invisível em visível, por meio da acessibilidade.

Neste CD, experimentamos criar a audiodescrição junto com crianças. Foram os curumins que, junto conosco, foram dando forma, moldando e encontrando as palavras para narrar as imagens desenhadas por outras crianças e que contam uma história por meio de desenhos e de texto.



Após a descrição finalizada, decidimos que uma das meninas que participou do processo de audiodescrição seria a narradora. Adoramos o resultado e queremos compartilhá-lo com vocês! Para que vocês possam sentir a atmosfera de “Nhemonguatá”, segue a [“7. Faixa 1 - Nhemonguatá”](#), que se chama “A mulher que se casou com Iauaretê”, de Kaká Werá, e a [“8. Faixa 13”](#), que é a audiodescrição do encarte, narrada por Mannoela Silva.



AD DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Capa do disco
“Nhemonguatá”
do Grupo Manuí,
com a ilustração
de um grande
pássaro amarelo
que sobrevoa o rio e
carrega um menino
índio em suas patas.

EM EXPOSIÇÕES

A audiodescrição tem sido utilizada também, cada vez mais, para acessibilizar exposições de arte. Vamos compartilhar aqui a experiência de acessibilizar uma exposição chamada “Os Penélope”, que reuniu obras dos artistas Arthur Bispo do Rosário e Leonilson. A exposição foi realizada em 2015 para a inauguração de uma unidade do Sesc na cidade de Jundiaí, no Estado de São Paulo.

Veja abaixo a imagem de uma obra chamada “Grande Veleiro”, de Bispo do Rosário.



Grande veleiro, sem data

Arthur Bispo do Rosário

(Japaratuba - SE, 1909 - Rio de Janeiro - RJ, 1988)

AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Tecido algodão, tecido lã, madeira, linha, papelão, plástico, tinta PVA e metal

**Coleção Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea/
Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro**

Entre 1925 e 1933, Bispo serviu na marinha do Rio de Janeiro em diversos navios e em diferentes ofícios. Um veleiro de quatro mastros, de 1 metro e meio de extensão por 60 centímetros de altura, está apoiado em uma estrutura que contém quatro rodas, semelhante a uma carreta. Esta carreta foi produzida em madeira, incluindo as rodas e os seus eixos. O casco do barco, que é a parte exterior da embarcação, feito em papelão espesso, está pintado de branco e tem detalhes em tecido de algodão grosso em tom bege escuro, com pequenas escotilhas, as janelas da embarcação, pintadas em preto. Um piso fecha o casco, formando o convés, que é feito de papelão natural, composto por duas partes costuradas ao centro no sentido longitudinal, não deixando abertura para o interior do casco. No convés estão bordadas, com linha preta e linha azul, várias palavras. Da proa, a parte da frente de uma embarcação, sai uma haste que aponta para a frente e segura uma rede entrelaçada nela, pendendo na horizontal. Logo abaixo da rede, nota-se uma âncora toda recoberta por fio azul, presa por correntes de ferro. Um fio grosso sai da ponta da haste, passa pela ponta do primeiro mastro, seguindo seu percurso por todas as pontas dos demais mastros. Pendem dele inúmeras bandeirolas de tecido, em formatos triangulares e retangulares, em diferentes tamanhos, desfilando suas diversas cores e detalhes.

O processo de descrição de uma obra de um artista reconhecido internacionalmente, que viveu a maior parte da sua vida na Colônia Psiquiátrica Juliano Moreira, sofrendo processos de discriminação e exclusão, é um desafio e um presente. Uma oportunidade de se aproximar e admirar um indivíduo que, do seu lugar marginal, construiu uma obra singular e genial, cheia de referências e simbolismos que nos remetem ao inconsciente e à realidade, à cultura popular, ao sincretismo religioso, à sua visão do homem na cidade e em contato com a natureza. É uma obra carregada de detalhes e intensidade.



Assista ao vídeo [“9. Grande Veleiro”](#), veja a obra, ouça uma proposta de audiodescrição e pense como uma pessoa com deficiência visual consegue imaginar o veleiro a partir da audiodescrição.

E para você? A audiodescrição trouxe novas informações ou elementos que você não tinha percebido ao olhar a imagem?

Tradução e INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS

Agora vamos tratar de outro recurso fundamental para garantir que as pessoas com deficiência auditiva e surdez possam estar na roda.

A Libras – Língua Brasileira de Sinais – é uma língua espacial-visual que pessoas surdas e com deficiência auditiva utilizam para se comunicar. É regulamentada como a segunda língua oficial do país, por meio da Lei Nº 10.436/2002 e do Decreto Nº 5.626/2005. Segundo a legislação, entende-se por Libras a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, transmite ideias e fatos.



Diferentemente do que muitos acreditam, as línguas de sinais não são criadas somente pela gestualização da língua oral, tampouco os sinais são formados por meio do alfabeto dactilológico (alfabeto manual). O alfabeto é usado para soletração de palavras que não possuem sinais ou para nomes próprios.

A Libras obedece a uma sintaxe própria, complexa, regida por uma gramática específica.

As línguas de sinais não são estáticas, herméticas ou imutáveis, mas mudam de acordo com as regiões em que são sinalizadas, conforme os diferentes estratos socioculturais de seus usuários e consoante com os momentos e as circunstâncias da enunciação.

As línguas de sinais se relacionam com a cultura do país. Podemos citar o exemplo do sinal da palavra abril (mês), que faz referência ao enforcamento de Tiradentes, ocorrido no dia 21 de abril.



Abril

AD **DESCRIÇÃO DA IMAGEM**

Em uma foto, um rapaz de camisa preta faz o sinal do mês de abril, em Libras. Ele tem a mão fechada com indicador sobre o polegar e desloca a mão do pescoço para fora.



Assista ao vídeo [“10. Sinais dos Meses”](#) e conheça os sinais dos meses do ano.

As línguas de sinais são sistemas dinâmicos, vivos, que se refazem no cotidiano dos vários grupos sinalizadores. São, assim, línguas-rio que correm nas mãos de surdos e ouvintes, desaguando em formas únicas de arranjar palavras e frases (idioleto).

3 Saiba mais

A língua de sinais não é universal. Cada país conta com uma ou várias línguas de sinais. No Canadá, por exemplo, são usadas duas línguas de sinais diferentes, de acordo com a região do país: a ASL – American Sign Language – e a LSQ – Langue des Signes Québécoise.

A tradução e a interpretação em Libras, geralmente, é realizada por um intérprete, que é um profissional com formação específica. O intérprete pode traduzir do português para Libras e da Libras para o português. A interpretação pode acontecer ao vivo ou ser gravada em vídeo, sendo utilizada em diferentes produtos culturais, como livros, filmes e exposições.

À medida que a Libras se tornar mais conhecida e utilizada também por ouvintes que não sejam profissionais da tradução e interpretação, a comunicação se tornará mais fluida e com menor necessidade de ajuda profissional no cotidiano das escolas, bibliotecas e outros espaços de convivência. Um exemplo claro disso são as escolas bilíngues inclusivas, onde todos aprendem Libras e crianças ouvintes se comunicam com os professores e alunos surdos.



Inserir a Libras no cotidiano escolar é um ganho para todos. Poder assistir a uma contação de história bilíngue possibilita ampliar as estratégias de interação com o texto, de simbolização, por meio das características gestuais, de movimento e de expressão, tão fortes na língua de sinais, mas que também fazem parte da construção da linguagem das crianças ouvintes.

Saiba
+
Mais⁴



Assista a um trecho do [“11. Caminhos da Inclusão”](#) no qual uma aluna ouvinte conversa em Libras com um professor surdo.

LEGENDAGEM DESCRITIVA E TEXTOS EM PORTUGUÊS

São legendas que descrevem os diálogos, os personagens que estão em cena, os elementos narrativos não verbais, como música e efeitos sonoros, como por exemplo: “campainha tocando” ou “risos”. As legendas descritivas, também chamadas de legendas ocultas, destinam-se prioritariamente aos espectadores que apresentam alguma deficiência auditiva ou surdez, fazendo com que tenham informações importantes para o entendimento da obra. Ao mesmo tempo, as legendas, junto a outros recursos narrativos e de acessibilidade, contribuem muito para o processo de letramento, que vai

desde a compreensão de que a oralidade tem uma escrita até o auxílio no reconhecimento da estrutura textual, da ortografia, da pontuação, do gênero textual, entre outros.

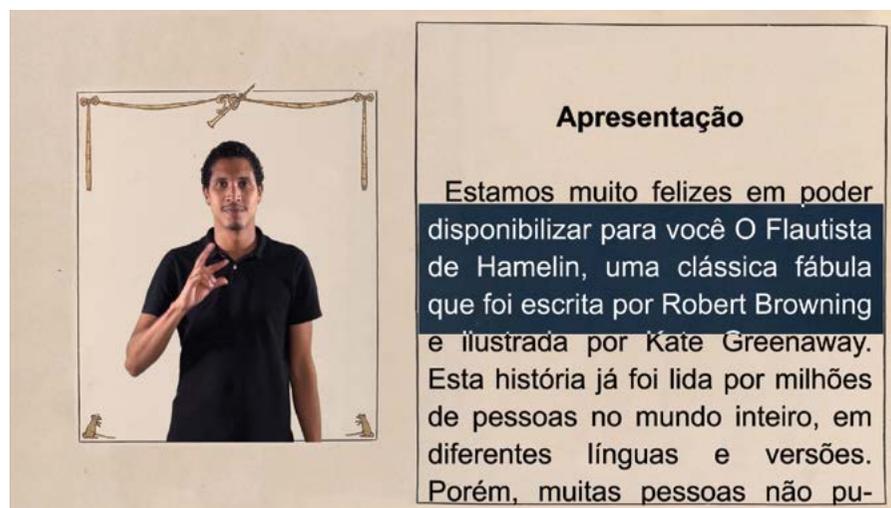
Um exemplo da importância da legenda e como sua supressão dificulta o acesso a diferentes bens culturais diz respeito ao cinema nacional, que consideramos outra forma de ler e entender o mundo, ampliar o repertório, estar inserido na cultura de nosso país. Os filmes, por estarem em língua original, não contam com legendas, inviabilizando que as pessoas com deficiência auditiva possam acessá-los.

Os textos em português referem-se às legendas do texto original, sem acréscimo de elementos sonoros, que também são um importante recurso para ser utilizado, junto a outros recursos de acessibilidade, nas ações de mediação de leitura acessível e inclusiva.



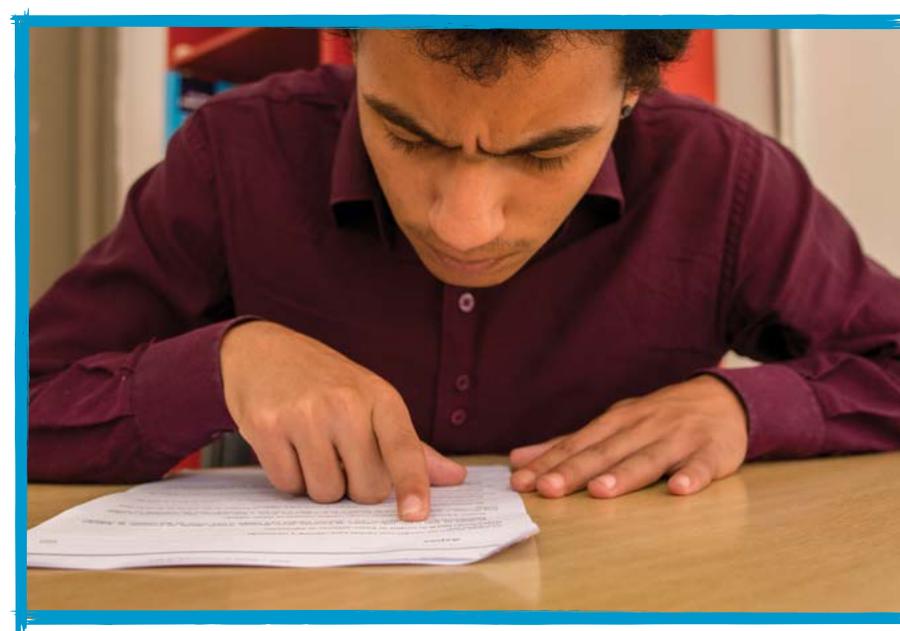
A utilização de técnicas audiovisuais que destacam o texto e, concomitantemente, permitem o acompanhamento da narração, tem sido um recurso que contribui com a ampliação das possibilidades de acesso à leitura para diferentes públicos, como pessoas com deficiência visual, deficiência intelectual, dislexia e baixo letramento. Em alguns materiais complementares disponibilizamos conteúdos acessíveis que contam com este recurso. Esta técnica audiovisual de marcação do texto tem como origem as antigas formas escolares de leitura do texto com acompanhamento do movimento do dedo ou de uma régua, que tem como objetivo aumentar a atenção do leitor ao texto.

Esta “tecnologia” tão anacrônica e esquecida pode voltar para as mediações de leitura com um novo significado. Outra estratégia para auxiliar na compreensão e leitura do texto é realçar as palavras mais importantes, gerando um roteiro visual de compreensão e entendimento da estrutura principal do texto.



AD))) **DESCRIÇÃO da IMAGEM**

A imagem de um recurso audiovisual acessível, que dá destaque visual ao texto que está sendo narrado em áudio e/ou interpretado em Libras, ocupa todo o lado direito da tela. No lado esquerdo, há um intérprete de Libras sinalizando o conteúdo do texto à direita.



AD))) **DESCRIÇÃO da IMAGEM**

Foto de um rapaz de camisa vinho, sentado, lendo uma folha que está sobre a mesa. Compenetrado, ele acompanha com o dedo as palavras que lê.

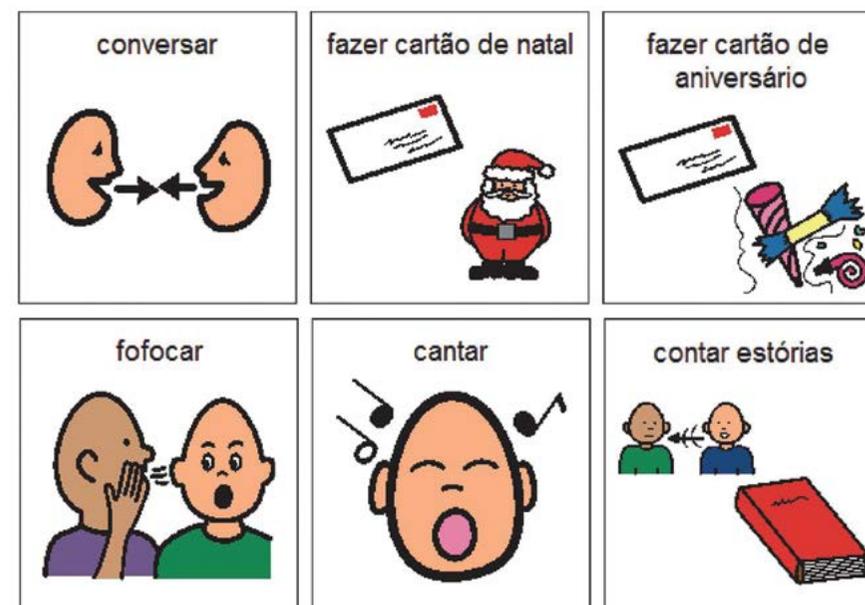
COMUNICAÇÃO SUPLEMENTAR E ALTERNATIVA

É um conjunto de recursos, ferramentas e estratégias que contribuem para ampliar as possibilidades de comunicação, interação e produção de sentidos para pessoas que apresentam algum tipo de comprometimento da linguagem oral.

Estes recursos englobam a utilização de sinais gráficos, desenhos, fotografias, imagens, acompanhados ou não de escrita, em diferentes suportes, como papel, prancha e aplicativos.



Para pessoas que não se comunicam de forma oral ou escrita, tal recurso é fundamental, mas vale lembrar que beneficiam diversos públicos, principalmente se forem utilizados de forma complementar e contextualizados com as atividades de leitura e mediações propostas.



AD))) **DESCRIÇÃO DA IMAGEM**

Seis quadrinhos desenhados com imagens de pictogramas de Comunicação Suplementar e Alternativa. No primeiro, duas pessoas com a boca aberta e de cada uma das bocas sai uma seta. As setas se encontram ao centro e em cima está escrito “conversar”. No segundo, há um cartão e um Papai Noel com touca e roupa vermelha e sua característica barba branca. Em cima está escrito “fazer cartão de Natal”. No terceiro, um cartão, uma língua de sogra, uma bala, um doce e está escrito “fazer cartão de aniversário”. No quarto, um homem de perfil cobre a boca com uma das mãos e fala bem próximo ao ouvido do outro, que arregala os olhos e abre a boca numa expressão de espanto. Em cima está escrito “focar”. No quinto há um homem com os olhos fechados e a boca aberta, notas musicais em volta dele e acima está escrito “cantar”. E, no último quadrinho, há um livro de capa vermelha e, ao fundo, um homem falando com outro. Acima está escrito “contar histórias”.

Os pictogramas, símbolos gráficos que representam uma ideia, são também utilizados para a sinalização visual de espaços e para indicar ações a serem realizadas no cotidiano.

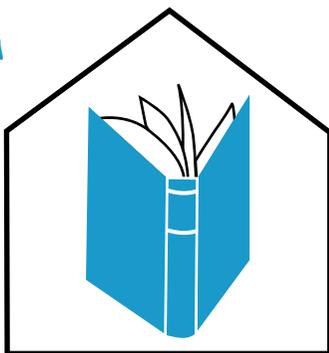
Os pictogramas abaixo estão disponíveis gratuitamente em um portal chamado ARASAAC – Portal Aragonês de Comunicação Alternativa e Ampliada –, que reúne um amplo catálogo de pictogramas, imagens e atividades que contribuem com a comunicação. O endereço do site é www.arasaac.org.

AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Três imagens na parte inferior da página, que também são pictogramas. Na primeira está escrito “biblioteca” e do lado direito da palavra está um livro aberto, inserido dentro de uma forma geométrica que representa uma casa. Na segunda está escrito “emprestar um livro da biblioteca”. Há a mesma imagem do livro aberto dentro da forma geométrica, uma mão que segura um livro fechado e uma seta que sugere que sairá da biblioteca, indicando que a pessoa está pegando o livro. Na terceira imagem está escrito “devolver um livro da biblioteca”. Há novamente a imagem do livro dentro da forma que representa a biblioteca e a mão segurando o livro fechado, só que agora a seta indica que o livro está entrando, ou seja, sendo devolvido.

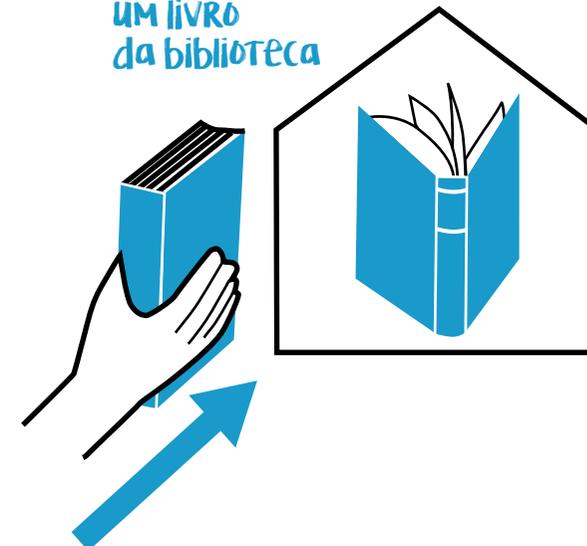
Biblioteca



EMPRESTAR
UM LIVRO
DA BIBLIOTECA



DEVOLVER
UM LIVRO
DA BIBLIOTECA



RECURSOS TÁTEIS E TRIDIMENSIONAIS

Como temos explicitado ao longo de toda a publicação, colocar todos na roda demanda dos profissionais diversas estratégias complementares e concomitantes. Neste sentido, a utilização de recursos táteis e tridimensionais amplia as possibilidades de ler o texto. Além disso, geram inúmeras atividades que se desdobram ao longo das mediações de leitura.

Inicialmente, podemos ter a sensação de que colocar todo mundo na roda é complexo, demorado e trabalhoso. Esta sensação é relativa, pois todo o trabalho inicial pode se tornar irrelevante perante os ganhos com a utilização de tais materiais. É como se fosse uma trama que, a cada nova composição, gera outras formas, possibilidades de arranjo e continuidade na construção de mediações e invenções.

Esta é uma das responsabilidades do ofício do mediador, leitor, professor, mas, acima de tudo, uma de suas alegrias e riquezas.

Os recursos táteis e tridimensionais, associados à história ou texto a ser trabalhado, ativam outros canais, sentidos e formas de ler.



Para a contação da história do livro “O homem que amava caixas”, escrito e ilustrado por Stephen Michael King (Editora Brinque-Book), foram criados diversos materiais com caixas de papelão, para serem utilizados no processo de mediação e, vários outros, junto às crianças. Além desses materiais especialmente produzidos, garimpamos outros objetos que faziam referência ao universo da história.



AD))) **DESCRIÇÃO DA IMAGEM**

A foto de uma roda com várias crianças sentadas em cadeiras baixas: uma menina em sua cadeira de rodas, um contador de histórias que segura um livro e um intérprete de Libras. Todas as crianças vestem um uniforme azul com listras vermelhas. No centro da roda há um menino de touca que ajeita algumas formas coloridas criadas em papelão. Uma das formas lembra um castelo, outra, um avião e outra uma pirâmide.



Assista ao vídeo da contação da história [“12. O homem que amava caixas”](#) em uma sala de aula inclusiva. Neste vídeo, você observará a presença do contador de histórias, de um intérprete de Libras e do livro como personagem central.

Esperamos que este capítulo tenha contribuído para você pensar nos recursos de acessibilidade como estratégias didáticas e de criação de mediação de leitura para todos. Estes subsídios são um convite para se aprofundar, inventar outras formas de ler e receber os novos convidados.



O sistema braile foi criado por Louis Braille, um francês que nasceu em 1809 em uma pequena cidade próxima de Paris. Louis ficou cego aos três anos enquanto brincava na oficina de seu pai, que era artesão. Naquele tempo, as pessoas com deficiência eram totalmente discriminadas e, muitas vezes, eram abandonadas ou viravam espetáculos grotescos para um público sedento por atrações bizarras. Braille estudou por um tempo na escola da sua aldeia, mas como era um menino muito inteligente e interessado, que guardava e recitava de cor todas as lições, conseguiu uma bolsa de estudos na única escola na França destinada aos cegos, que ficava em Paris. Até aquele momento, não havia nenhum sistema de escrita para cegos. Aos 15 anos, ele criou o sistema braile, tal como é conhecido até hoje em todo o mundo. Ao longo de sua vida, Louis Braille foi professor e musicista, criando as bases iniciais do sistema de musicografia braile. Morreu em 1852, aos 43 anos de idade.



Conheça o alfabeto manual da Língua Brasileira de Sinais acessando o documento "[Cartaz Sinais.pdf](#)"



INFLUÊNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS FRANCESA

Em meados do século 19, com a chancela de Dom Pedro II, foi fundada no Rio de Janeiro a primeira escola para surdos do país: o Collégio Nacional para Surdos-Mudos (hoje INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos). À frente da empreitada, o professor francês Huet (ex-diretor do Instituto dos Surdos-Mudos de Bourges) não só trouxe ao Brasil sua experiência com educação de surdos como também difundiu em nossas terras alguns sinais da *Languge des Signes Française* (Língua de Sinais Francesa), língua gestual que teve grande influência na formação da Libras.

Uma referência clara da Língua de Sinais Francesa na Libras é o sinal da palavra *falar*, que é produzido com a configuração da mão na letra “p”, que vem da palavra *parler*, cujo significado é *falar* em francês.



No Blog Cultura Surda é possível encontrar diversas produções culturais criadas por, para e sobre as comunidades surdas. Confira a riqueza da cultura surda!

Acesse: www.culturasurda.net



Que tal propor uma atividade de narração junto a seus alunos? É só escolher uma imagem e começar!

Propor que as crianças descrevam uma imagem possibilita a elas observá-la, prestar atenção aos detalhes, escolher a forma de narrar. Além disso, é um belo exercício de escrita, no qual você, mediador, poderá acompanhar o processo de redação, a coerência, a imaginação, a sequência.

O mais interessante é observar que cada criança fará a descrição de uma forma. Mesmo que a imagem seja a mesma, as formas de ver e narrar são infinitas. Caso seus alunos ainda não escrevam textos, eles podem contar o que estão vendo e você pode escrever, gravar ou filmar. Se você tiver alunos com surdez, pode filmar a narração produzida por eles em Libras.

Outra atividade que você pode propor é mostrar uma imagem e pedir para que eles escolham uma palavra que descreva essa imagem. Após descreverem, podem escrever a palavra, fazer os sinais em Libras, inventar uma história sobre a imagem, produzir a imagem de forma tridimensional.

Estas são algumas ideias para que você possa inventar, criar de acordo com sua imaginação, seu projeto pedagógico e de mediação de leitura.

Atividades para o mediador

Vamos compartilhar aqui com vocês um exercício realizado por diferentes profissionais da Mais Diferenças, com e sem deficiência, em um grupo de estudo sobre linguagem.

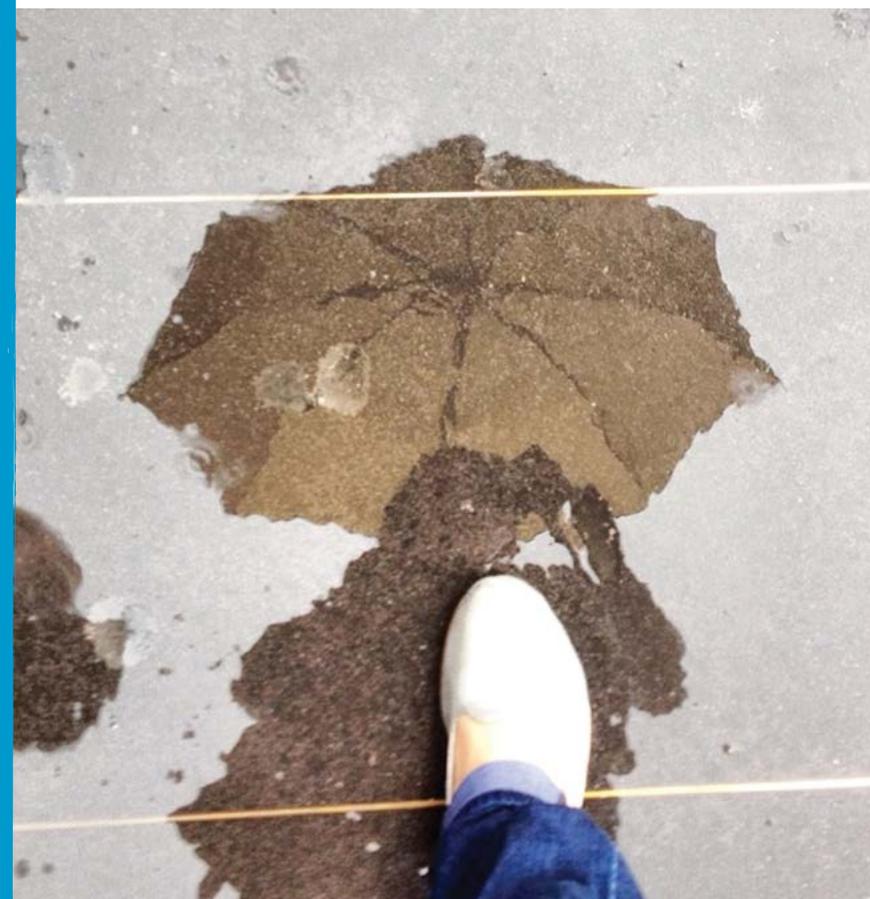
Esse processo tem sido fundamental para nossa formação, para nossa constituição enquanto leitores e para pensar em estratégias e formas de trabalhar a leitura para todos. Apesar de simples e sem a necessidade de recursos tecnológicos, o processo tem potência de aprendizagem e reflexão e exigiu, sobretudo, tempo e disponibilidade.



A partir da observação de uma fotografia, cada um dos participantes tinha que escolher uma palavra que representasse a imagem.

Como o grupo era composto por surdos e ouvintes, alguns falaram a palavra, outros fizeram o sinal da palavra em Libras e em alfabeto manual e outros, ainda, combinaram as três formas. Este exercício foi gravado com um celular por um dos participantes. ([13. Exercício AD](#))

Mesmo não tendo nenhum participante com deficiência visual, colocamo-nos no exercício de descrever a imagem da fotografia. As descrições da foto foram produzidas de diferentes formas e gêneros: objetivas, poéticas, como mini-contos, entre outras.



Audiodescrição 1

Guarda-chuva,
mas é a chuva quem o guarda,
que de guarda, só tem o sentido,
pois não bate continência,
mas sim, uma fotografia.
Reunindo seus pingos em poça,
Faz-se espelho,
Invertendo o que já era invertido.
Que divertido.
Pois a poça
Que antes era só chão
Troca as mãos
Pelos pés
Numa verdadeira brincadeira de “o que é, o que é”.
Desafiando a razão,
O que já foi terra, asfalto, enfim, chão,
No reflexo molhado, traz o céu
Fazendo de transeuntes na chuva,
Caminhando pela pista,
Legítimos equilibristas.

Audiodescrição 2

Um chão sujo de asfalto.
Meio dia. Sol forte.
Atravesso a rua deserta protegida pela sombrinha da minha avó.
Com a câmera na mão procuro pelo endereço da amante do meu marido.
Calor! Vestindo uma roupa fechada, de inverno, me disfarço.
Piso numa linha fina e branca como meu mocassim.
Reparo que há outra faixa, paralela a essa, a um metro de distância.
Penso neles. Irrito-me e disparo sem querer a câmera.
Essa é a foto.

Audiodescrição 3

Autorretrato de uma mulher pisando em seu reflexo num dia de chuva.
Sobre um suporte quadrado, um piso coberto por uma fina lâmina de água acumulada pela chuva, que ainda cai suavemente, cria um fundo homogêneo para o reflexo de uma figura de mulher com uma sombrinha. No reflexo, bem centralizado, a sombrinha aberta ocupa a metade superior da imagem. Logo abaixo, e num tom mais escuro, a silhueta um tanto indefinida da mulher é interrompida, no canto inferior, pelo seu pé direito, não mais um reflexo.

Toda imagem é em tons de marrom, exceto o branco do sapato e o azul da calça jeans da mulher, com a barra dobrada.

Duas finas linhas horizontais levemente inclinadas (juntas de dilatação) atravessam toda extensão da imagem.

Audiodescrição 4

Mulher na chuva. Guarda-chuva usa para cabeça proteger. Reflexo é espelho. Tudo molhado. Parece frio.

Nossa proposta é que você possa se inspirar neste exercício e trabalhar junto com seus colegas outras possibilidades de criação, experimentação e aprofundamento dos recursos de acessibilidade. Não se preocupe em utilizar o material produzido para atividades com os alunos. A ideia é que sirva de disparador e processo formativo.

Boa observação e escrita!

7. QUEM ABRE A RODA? O PAPEL DO MEDIADOR

AD))) **DESCRIÇÃO DA IMAGEM**

Desenhados em forma de traços da cor azul, um menino e uma menina sentam no chão. O menino tem os cabelos lisos e usa uma camiseta listrada. À frente dele há um grande livro aberto, ele passa uma das mãos no livro. A menina está sentada à direita dele. Ela tem os cabelos lisos e compridos, presos por um rabo de cavalo, e olha fixamente para frente. Contornando toda a parte direita da imagem, repetem-se os desenhos sempre presentes no livro, com as várias figuras quadriculadas, multicolores e justapostas.



A roda, para ser aberta, ampliada e para todos, como já vimos anteriormente, precisa ter alguém que a abra, que esteja disponível, que queira abrir e que ache importante abri-la. Alguém que perceba que pode aprender e que faz sentido colocar todo mundo nela.

Este alguém é o mediador. O mediador pode ser um professor, um bibliotecário, um agente de leitura, uma mãe, um pai, uma avó, um escritor, um contador de histórias.

Mais que uma profissão e uma função a ser exercida, um mediador precisa, necessariamente, ser um leitor. Deve ser alguém apaixonado pela leitura, que goste de histórias e que se encante pela magia da literatura. Uma pessoa que tenha sensibilidade para perceber os olhares, que goste de aprender e de inventar, que envolva a todos em uma atmosfera de encantamento, de cumplicidade, de silêncio, de cochicho, de conversa, de atenção e de fascínio.

Pode parecer óbvio que o mediador seja um leitor, mas, infelizmente, muitas vezes temos nos afastado do mundo da leitura, do livro e da literatura. Várias são as questões e as hipóteses para esta problemática e todas são legítimas, porém não podemos sucumbir a elas.

Uma grande questão que também afeta o mediador é o tempo para a leitura. O bom e velho tempo que nos faz falta, que não temos. Com isso, não conseguimos dar conta de tudo o que temos para fazer: trabalho em excesso, compromissos com a família, escola, faculdade, cuidar da casa, distância e tempo que levamos da nossa casa para o local do trabalho, engarrafamento, burocracias, lazer, redes sociais, novelas.



Para pensar sobre o tempo para ler, queremos trazer aqui um recorte de um texto de Daniel Pennac. Ler os textos dele tem nos ajudado, alertado, feito-nos pensar, inspirado-nos e nos emocionado muito. Ele tem sido um grande companheiro nesta jornada.

O tempo para ler é sempre um tempo roubado (tanto como o tempo para escrever, aliás, ou o tempo para amar). Roubado a quê? Digamos, à obrigação de viver... O tempo para ler, como o tempo para amar, dilata o tempo para viver. Se tivéssemos que olhar o amor do ponto de vista do nosso tempo disponível, quem se arriscaria? Quem é que tem tempo para se enamorar? E no entanto, alguém já viu um enamorado que não tenha tempo para amar?

Eu nunca tive tempo para ler, mas nada, jamais, pôde me impedir de terminar um romance de que eu gostasse. A leitura não depende da organização do tempo social, ela é, como o amor, uma maneira de ser.

Daniel Pennac em “Como um Romance”.

Qual o tempo que nos sobra para a leitura? Geralmente pouquíssimo, ou nenhum. E o que fazer? Nossa sugestão é: que tal roubar um tempo?

As coisas que são importantes para nós, mas que não estão necessariamente nas do dia a dia, da sobrevivência, vão ficando para trás. Infelizmente, passa a semana, passa o mês, passa o ano, passa a vida e não fizemos nem uma pequena parte de tudo o que gostamos. Portanto, é preciso estar atento e roubar tempo.

A leitura exige silêncio, atenção, introspecção, tranquilidade e tempo. Se não roubarmos o tempo, estaremos perdendo a leitura porque também estamos perdendo estas características, estes estados de ânimo.

Então ser um mediador de leitura pode ser entendido de duas maneiras: como mais uma tarefa, uma atividade que vamos fazendo, ou como a possibilidade de seguirmos acreditando que perder este tempo vale a pena, e que talvez este compromisso possa ser uma libertação, um presente, não só para os outros, mas para nós mesmos.

Abaixo, segue um trecho de “Mistérios da Educação”, um livro de poesias, organizado em 5 blocos: *Olhar, Ousadia, Escuta, Tempo, Espaço e Consistência*.

Compartilhamos aqui a fala entre uma mãe e o professor de seu filho. Ela pede que ele incentive seu filho a ler poesia.

– O senhor poderia pedir para o meu filho ler poesia? Ele nunca lê nenhuma página sequer, acha ruim quando peço para ele pegar um livro com um versinho que seja. Meu filho te admira tanto! Se o senhor disser “leia poesia”, com seu jeitinho, tenho certeza que meu filho vai acatar a sugestão.

– Pode voltar com seu filho daqui a um mês?

– Mas por que um mês, professor? O senhor não pode falar isso agora?

– Não, não posso.

– Por que não?

– Venha daqui a um mês, por favor.

– Leia poesia, meu querido, tenho certeza que você vai gostar. Te trouxe um livro bem bonito de presente.

Dizia o educador ao garoto, que abriu com animação o livro recheado de versos.

Quando o filho se afastou um pouco, a mãe se aproximou do educador e perguntou:

– Por que o senhor pediu um mês para dizer uma frase que poderia ter dito antes, no dia que vim aqui?

– *Porque antes eu não lia poesia. Nesse mês que eu pedi para vocês esperarem, voltei a ler Drummond e Manoel de Barros. Não me senti bem em dar um conselho que não levo a sério.*

André Gravatá e Daniel Ianae

A citação de Gravatá e Ianae exemplifica um pouco o que queremos compartilhar com vocês, leitores e mediadores: para ler com as crianças, é preciso que nós também leiamos e que tenhamos uma relação honesta com elas, conosco e com os livros. Este é mais um convite que fazemos!

Portanto, vamos arregaçar as mangas e achar este tempo... Não tem segredo, não tem receita, não tem técnica, é preciso começar ou recomeçar...

O QUE LEMOS E O QUE NÃO LEMOS – AS LEITURAS DO MEDIADOR

Um mediador que encontrou tempo para ler precisa definir o que lê, por que lê, o que precisa voltar a ler. Gêneros diferentes, de épocas diferentes, de escritores diferentes. Leituras que nos levam para outras leituras...

Em nosso processo de formação como leitores, também tivemos mediadores de leitura. Quem foram? O que nos indicavam para ler? Liam para nós? Líamos enquanto eles liam? O que eles liam? E, atualmente, quem são os nossos mediadores? Em que bibliotecas buscamos inspirações? Com quem compartilhamos nossas leituras?

Alejandro Zambra, um escritor chileno da nova geração, que também é professor e foi crítico literário, tem um livro que ainda não foi publicado no Brasil, que se chama **No leer – Crônicas y ensayos sobre literatura**. Neste livro, escreve sobre seus autores favoritos, sobre o modo como escrevem, sobre os motivos que o fazem gostar muito de alguns escritores, sobre o seu processo de formação como leitor e também fala sobre o que não se deve ler. Traduzimos um trecho do espanhol para o português, que compartilhamos aqui:

Quando deixei a crítica literária semanal, senti muitas vezes o prazer de não ler alguns livros. Esta é uma das razões do título deste livro. Não ler. Pois estão claras as imposturas do mundo literário, a tirania das novidades, as desconcertantes listas de leituras obrigatórias, o insólito, mas arraigado costume de falar de livros sem tê-los lido e também, de certo modo, a dificuldade em encontrar um livro que se quer muito, mas não está disponível.



Confira alguns títulos de Alejandro Zambra no Brasil

Esta questão também é fundamental, já que a leitura, muitas vezes, parece tão ameaçada que aceitamos que o importante é ler, não importando o quê. No entanto, se somos mediadores de leitura, também precisamos estar atentos a estas questões. Não precisamos fazer força para que as pessoas leiam alguns livros, pois o mercado já investe milhões para conquistar o leitor. É lógico que não vamos brigar com isto, mas não

precisamos incentivar e reforçar esta lógica e este tipo de livro. Existem livros já estabelecidos, e não são os clássicos, são aqueles que, pela lógica do mercado e do tempo imediatista em que vivemos, têm seu lugar garantido. Nossa atenção tem que estar voltada àqueles livros que subvertem essa noção imediatista e que nos apresentam novas possibilidades de mundo, de encontros e de experiências.

Jorge Larrosa, que pode ser considerado um dos nossos mediadores de leitura, pois nos indica leituras, autores que não conhecíamos, disponibiliza sua biblioteca e suas leituras prévias, de forma generosa, diz que: “assim como nos preocupamos com a nossa dieta alimentar, com o que faz bem para a saúde e o que não faz, quais alimentos comemos e quais evitamos”, também devemos nos preocupar com a nossa “dieta visual e auditiva”, ou seja, o que vemos no cinema, na televisão, que músicas escutamos, o que lemos e o que não lemos. Ele nos lembra que neste quesito também existem “alimentos” que fazem muito mal, que nossos olhos não merecem ver... Mas também existem outros “alimentos” – filmes, músicas, livros, que nos fazem muito bem, que são um presente para a nossa alma, para nossa existência, para nossa vida.

Sabemos que esta questão é bastante polêmica, mas achamos que também é importante a colocarmos na “roda”. Achamos importante que quem abre a “roda” deve pensar nestes pontos.

O PAPEL DO MEDIADOR NA FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES

UMA DIDÁTICA DA INVENÇÃO

Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:

Que o esplendor da manhã não se abre com faca

O modo como as violetas preparam o dia para morrer

*Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm
devoção por túmulos*

*Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote,
tem salvação*

*Que um rio que flui entre 2 jacintos carrega mais ternura que
um rio que flui entre 2 lagartos*

Como pegar na voz de um peixe

Qual o lado da noite que umedece primeiro.

Etc.

etc.

etc.

Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios.

Manoel de Barros

3 Saiba mais

Para pensarmos sobre o papel do mediador na formação de novos leitores com ou sem deficiência, trazemos um poema de Manoel de Barros, outro escritor que nos inspira muito.

Manoel, ao longo de sua obra, ensina-nos a ver as coisas de outra forma, ler o mundo com outros sentidos, introduz uma poética do pequeno, do delicado, inverte a lógica dominante. Ensina que é importante olhar com calma, demorar-se, ensina a ter paciência e prestar atenção. E termina lindamente este poema nos fazendo um convite: “desaprender 8 horas por dia ensina os princípios”.

Manoel nos propõe uma didática da invenção que, em nosso entendimento, é o papel do mediador, ou seja, encontrar e produzir uma didática da invenção, para que a leitura seja para todos.

O processo de formação de novos leitores demanda uma série de ações, estratégias, recursos que são complementares e interdependentes. Não existe uma única maneira de formar leitores. Várias questões e fatores interferem neste processo. A formação de novos leitores com deficiência não é diferente, dialoga com estas mesmas questões. Vamos elencar aqui alguns pontos:

- Quais são as experiências prévias destes leitores? Que tipo de contato e de relação estes leitores têm com diferentes suportes escritos e gêneros literários? Eles têm livros e materiais escritos disponíveis em casa? Eles convivem com pessoas que leem em sua casa, na família, na escola? A leitura e a escrita são um valor? Eles são incentivados a ler? Alguém

lê com eles e para eles frequentemente? As pessoas que são referências para eles incentivam e acreditam que eles podem ser leitores?

São tantas perguntas que geram infinitas formas de pensar a formação de novos leitores, mas, independentemente disso, todas dependem de tempo, espaços, materiais diferentes disponíveis e mediadores para que, com estes ingredientes, possamos gerar interesse, curiosidade, vontade.



Daniel Pennac nasceu no Marrocos em 1944. É professor de língua francesa em Paris e escritor. Entre seus livros publicados no Brasil estão “Diário da Escola”, “Como um romance”, “O paraíso dos ogros”, “A pequena vendedora de prosa”, “Senhor Malaussène”, “Frutos da paixão”, “Esses senhores, os meninos”, “Kamo e a Agência Babel”, “Kamo e a ideia do século”, “O olho do lobo” e “Vira-lata virador”. Pennac morou em Fortaleza, por dois anos, na década de 1980.



Livros de Alejandro Zambra no Brasil:

Bonsai

A Vida Privada das Árvores

Meus Documentos

*todos títulos publicados pela Editora Cosac Naify



Manoel de Barros

Acervo de Manoel de Barros no PNBE - Programa Nacional Biblioteca na Escola:

São quatro livros de Manoel de Barros que fazem parte do acervo: “Poeminhas pescados numa fala de João” (Editora Bertrand Russel), “Memórias Inventadas para Crianças” (Editora Planeta), ambos de 2005; “Memórias Inventadas - A Segunda Infância” (Editora Planeta Jovem) e “Poemas Rupestres” (Editora Best Seller), ambos de 2006.

8. O QUE ESTÁ NO CENTRO DA RODA: A LEITURA ACESSÍVEL E INCLUSIVA



AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Em linhas riscadas em azul, uma menina leva as duas mãos espalmadas à altura do peito, fazendo um sinal em Libras. Ela tem os cabelos lisos e soltos na altura do ombro e sorri. Na parte inferior do desenho, na altura da cintura da menina e cobrindo toda parte inferior da imagem, sobrepõem-se diversos retângulos coloridos.

Para que a leitura possa ser acessível e inclusiva, queremos trazer para a nossa roda livros em diferentes formatos. Será uma alegria quando no centro da roda pululem acervos de diferentes gêneros literários, em múltiplos formatos acessíveis.

É nosso desejo que no centro da roda estejam livros em papel, em braile, em tinta e braile, em letra ampliada, em audiolivro, em versão bilíngue (português-Libras), em leitura fácil, em Daisy, ou ainda em outras combinações, como por exemplo, em versão leitura fácil bilíngue (português-Libras). E sabemos que, quanto mais livros acessíveis estiverem disponíveis no centro da nossa roda, um número muito maior de pessoas poderá ter acesso ao livro e à leitura.

Convém ressaltar que a oferta de livros acessíveis ainda é extremamente restrita em termos de quantidade de títulos, gêneros e formatos, sendo que a maioria está disponível em braile ou em audiolivro, formatos que originalmente são destinados às pessoas com deficiência visual.



Os livros em braile e os audiolivros, por já estarem mais consolidados, passaram a fazer parte de programas governamentais de incentivo e democratização do acesso ao livro e à leitura como o PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola – , do MEC.

Esses livros geralmente são produzidos por organizações voltadas às pessoas com deficiência, que os disponibilizam gratuitamente, por financiamento público, para pessoas com deficiência visual, bibliotecas, escolas, instituições especializadas.

É inegável a importância dessas iniciativas, pois, para um percentual muito alto da população, essa é a única forma de ter acesso ao livro. Portanto, esses projetos devem ser ampliados, fomentados e divulgados e, além disso, tais programas devem ofertar livros em outros formatos acessíveis.

Ao mesmo tempo, em nosso país existe uma cadeia produtiva do livro consolidada, responsável pela produção, distribuição e comercialização dessas publicações. Nesse meio, a questão dos livros em diferentes formatos acessíveis está começando a aparecer somente agora, muito por força da Lei Brasileira de Inclusão e do Tratado de Marraqueche. Em outros países, nos quais a literatura, o livro e a leitura são entendidos como fundamentais, existem muitas editoras que produzem e comercializam livros em diferentes formatos acessíveis.

Esta realidade gera uma desvantagem enorme no processo de formação de leitores, pois se não existem livros disponíveis para um contingente enorme da população, como poderão ser leitores?



No filme “Palavra (En)cantada”, Ferréz, um romancista, contista e poeta paulistano, diz que “a literatura tem que ser compartilhada como o pão”. Esta fala de Ferréz nos remete, novamente, à questão da literatura como bem público e comum e, infelizmente, aponta-nos para uma realidade de extrema exclusão e desigualdade, pois um grande contingente de crianças, jovens, adultos e idosos não têm o direito de compartilhar o pão porque simplesmente não têm pão para eles.

Queremos novamente convidá-los a pensar em algumas cenas, corriqueiras e permanentes, da vida das pessoas com deficiência:

- Imaginem um professor de história, apaixonado por literatura brasileira, que está em uma roda de amigos, em que cada um está contando sobre suas leituras recentes. Um amigo fala de um novo livro, que é muito bom, de Benjamin Moser, chamado “Todos os Contos”, com uma compilação de textos de Clarice Lispector. O professor se interessa e, ao chegar em casa, decide comprar o livro em um site de livraria. No entanto, ele não consegue, devido ao simples fato que deixamos de contar: ele é cego e o livro está disponível somente em papel.

- Agora a cena se passa em uma sala de aula de segundo ano. É sexta-feira e é hora das crianças irem até a biblioteca para escolher o livro que levarão para casa para ler no final de semana. Nesse grupo há dois alunos com surdez, que estão em início de processo de alfabetização. As crianças saem animadas para escolher o seu livro. Falam sobre os títulos,

sobre os temas que lhes interessam, algumas até falam de alguns autores que gostam e que vão procurar. No entanto, as duas crianças com surdez ficam um pouco deslocadas, ainda não sabem o que escolher e também na biblioteca não há nenhum livro disponível em Libras. Será que é fácil para elas ficarem interessadas nos livros?

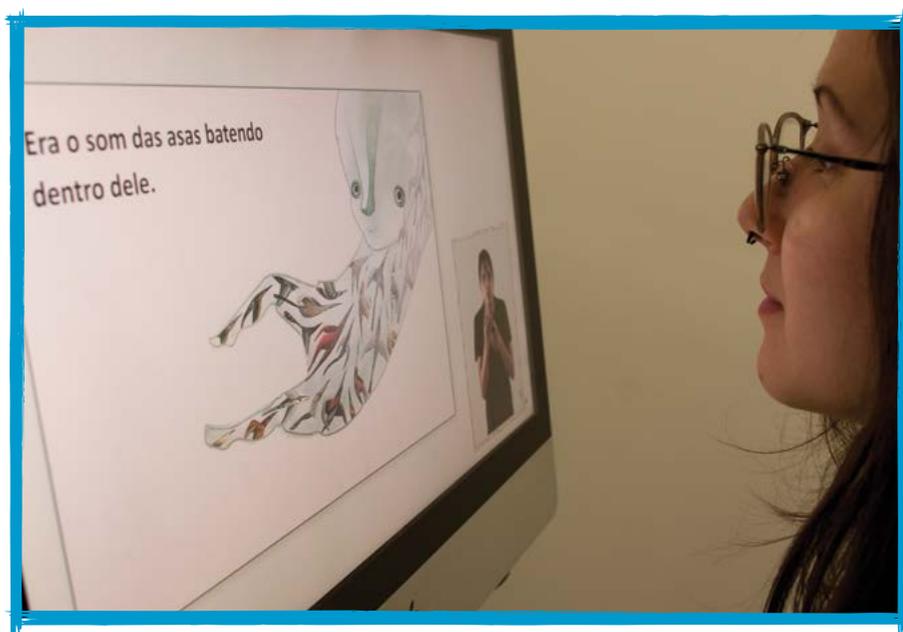
Podemos também criar uma cena similar:

- Imaginem se na biblioteca só estivessem disponíveis livros em alemão. Será que as crianças ouvintes, mas que são brasileiras, ficariam interessadas? Iam se sentir interessadas em retirar o livro para ler, em uma língua que não entendem?

Estas cenas, muitas vezes, acabam gerando um distanciamento dos livros e do conhecimento. Sentimentos que muitas vezes passam despercebidos por nós, e que dizem muito do quanto a equiparação de oportunidades e a igualdade ainda são uma ficção. É muito mais difícil construir uma relação de proximidade e de amor com os livros diante desta realidade. No centro da roda, ao invés de possibilitarmos sentimentos de pertencimento e aproximação, ainda temos o vazio e impedimentos objetivos e simbólicos.

Porém, mesmo que de forma minoritária, existem muitas outras formas de um livro existir para além do livro de papel. É o que vamos compartilhar agora, mas queremos deixar claro que um formato não deve inviabilizar a presença do outro. Existem muitas formas de ler um livro, que podem ser usufruídas e disponibilizadas para todos. Um mesmo livro pode se abrir e ser produzido em diferentes formatos e suportes. Todos saem

ganhando com essa oferta, mas, para alguns públicos, se não disponibilizarmos os livros em formatos diferentes do papel, é como se os livros não existissem.



AD DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Em frente a uma tela de computador, uma moça de óculos assiste à exibição de um livro audiovisual acessível. Ela observa a ilustração de um menino cheio de pássaros em seu corpo translúcido, lê o texto onde está escrito “Era o som das asas batendo dentro dele” e assiste à interpretação em Libras.

FORMATOS DE LIVROS ACESSÍVEIS PARA COLOCARMOS NO CENTRO DA RODA

Para facilitar o entendimento sobre os formatos de livros acessíveis que podem compor o acervo de uma biblioteca, de uma sala de aula, de uma sala de leitura, de uma estante em casa, de uma livraria, seguem abaixo a descrição de diferentes tipos de livros e exemplos de cada um deles.

Queremos reforçar que um formato de livro não invalida o outro e, dependendo da proposta de mediação, do tipo de leitura, das características do grupo, podem ser usados todos os formatos, alguns formatos ou um único formato.

Boas leituras, de diferentes formas!

LIVRO EM ÁUDIO (AUDIO LIVRO OU LIVRO FALADO)

Audiolivro é um livro em formato de áudio, também chamado de livro falado ou *audiobook*. Normalmente é gravado em estúdio, lido de forma pausada e com interpretação, considerando o gênero literário e a faixa etária do público destinado. Pode contar com a utilização de efeitos sonoros e trilhas (músicas) que ajudam o ouvinte a se aproximar da atmosfera.



Ouça a crônica “[14. A Diferença](#)”, do livro “Diálogos Impossíveis”, de Luis Fernando Veríssimo, da Editora Objetiva.

Compartilhamos aqui uma citação de Albert Manguel, escritor argentino que, durante um tempo, foi leitor para Jorge Luis Borges quando o grande autor portenho ficou cego por conta de uma doença congênita.

Pode-se perceber que ler para alguém gera outras formas de leitura, que tocam os sujeitos envolvidos de forma singular, quer seja ele o leitor, quer seja ele o leitor-ouvinte:

“Antes de encontrar Borges, eu lia em silêncio, sozinho, ou alguém lia em voz alta para mim um livro de minha escolha. Ler para um cego era uma experiência curiosa, porque, embora com algum esforço eu me sentisse no controle do tom e do ritmo da leitura, era todavia Borges, o ouvinte, quem se tornava o senhor do texto. Eu era o motorista, mas a paisagem, o espaço que se desenrolava, pertenciam ao passageiro, para quem não havia outra responsabilidade senão a de aprender o campo visto das janelas. Borges escolhia o livro, Borges fazia-me parar ou pedia que continuasse, Borges interrompia para comentar, Borges permitia que as palavras chegassem até ele. Eu era invisível”. (MANGUEL, 1997, p.33).



As novas tecnologias têm possibilitado e facilitado a produção de materiais em áudio por meio do uso de aparelhos celulares. Esta é uma possibilidade muito interessante de mediação com diferentes grupos de leitores. Gravar um audiolivro envolve diferentes etapas: escolher o livro, ler o livro, decidir quem será o leitor, preparar a leitura (observando entonação, pontuação, ritmo), gravar, revisar, disponibilizar. Você pode, ainda, colocar informações complementares sobre o autor,

a obra, o período em que se passa, o local onde o enredo acontece, o gênero literário, entre outros. Portanto, a produção de um audiolivro pode gerar um belo projeto de leitura, além de garantir que pessoas com deficiência visual, ou que ainda não sejam leitoras, usufruam do prazer da leitura.

LIVRO EM BRAILLE

Livro impresso em papel a partir da escrita braile, que é um sistema de leitura e escrita em relevo. É destinado a pessoas cegas e produzido em impressoras específicas deste formato. O processo de produção de um livro braile está organizado em diferentes etapas, desde a adequação do conteúdo, que envolve a descrição das imagens, ilustrações e outros elementos visuais, até a transcrição, revisão, impressão e encadernação. Os livros neste formato se tornam muito mais volumosos que os livros impressos em tinta. Geralmente são quatro vezes maiores que os originais.



Lembramos que existe um bom acervo em bibliotecas, escolas e instituições especializadas que, muitas vezes, são subutilizados. É importante que aumentemos a quantidade de acervos em braile, mas que também criemos estratégias para que eles circulem, sejam lidos, compartilhados. Lembre-se que promover estratégias para que o livro também esteja no centro da roda junto com todos os leitores é um dos papéis do mediador. Podemos dizer que um não existe e não faz sentido sem o outro.



AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Fotografia de um aluno da Educação de Jovens e Adultos. Ele é cego e está ajustando, sobre uma mesa, sua máquina de escrever em braile.

Muitos leitores preferem ler o livro de forma autônoma, considerando que a relação com o papel e o tato possibilitam sentidos únicos para a leitura.

Segundo Silvana, uma frequente leitora em braile:

A sensação da leitura em braile não tem comparação. Poder tocar, perceber o que você está lendo, faz com que você mergulhe naqueles pontos. A gente se envolve a tal ponto que pode imaginar uma palavra. A gente acaba imaginando a palavra na forma daqueles pontinhos.

Atualmente, muitas bibliotecas, instituições que trabalham com pessoas com deficiência visual e escolas públicas que contam com salas de recursos multifuncionais possuem impressoras braile.

Como a oferta de livros em tinta e braile ainda é muito reduzida, uma alternativa é construir parcerias com estas organizações para ampliar as possibilidades de trabalho com materiais inclusivos.

Em livros infantis que têm pouco texto, pode-se produzir o texto em braile nessas impressoras e adicionar a impressão às páginas do livro, tomando o cuidado para não sobrepor ilustrações e palavras. Ainda, pode-se imprimir o braile em etiquetas transparentes e colocá-las sobre o texto em tinta, não causando tanta interferência na estrutura original do livro.



AD))) **DESCRIÇÃO DA IMAGEM**

A foto da página de um livro onde se lê “Tom dançou completamente” e, embaixo, um adesivo com a versão tátil, em braille.

LIVRO EM BRAILLE E TINTA

Livro que apresenta, de forma concomitante, o texto em braille e em tinta. Neste caso, a fonte utilizada geralmente é ampliada. Muitas vezes, quando este tipo de publicação é destinada ao público infantil, são acrescentados elementos táteis às ilustrações e às imagens.



AD))) **DESCRIÇÃO DA IMAGEM**

A foto de um livro aberto com o texto impresso e letra ampliada na cor preta sobre a página branca, com as texturas da versão em braille sobre a impressão do texto.



Muitas atividades de leitura e mediações são organizadas em grupos. A possibilidade de alunos com e sem deficiência visual lerem o mesmo livro os coloca em uma situação de interação, igualdade, compartilhamento e troca. Inclusão não se faz somente com princípios, mas com práticas concretas e trazendo a materialidade do que isto significa para o centro da roda.

LIVRO COM FONTE AMPLIADA

Livro impresso ou digital com fonte maior em relação às utilizadas normalmente, podendo contar também com forte contraste de cores da fonte e do fundo.



Os livros, textos, atividades, materiais pedagógicos e jogos podem ser produzidos em fonte ampliada, de forma artesanal ou usando recursos do computador, que disponibilizam vários meios de ampliação e contraste de cor.

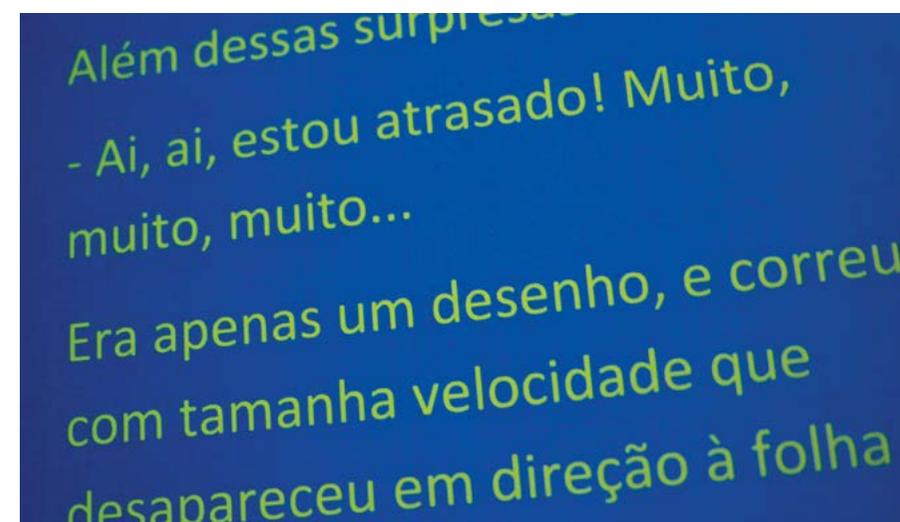
O tamanho da letra indicado é entre 22 e 28. Arial é uma boa fonte, pois é limpa e sem detalhes, que prejudicam a leitura. É importante também usar entrelinhas grandes e mais espaços entre as palavras. Em alguns casos, é indicado o uso de letras maiúsculas.

Os padrões de contrastes ideais são: letra preta sobre fundo branco e vice-versa, letra preta sobre fundo amarelo e vice-versa, além de letra amarela sobre fundo azul royal e vice-

versa. Cores muito próximas ou em tons pastéis dificultam a leitura de quem possui baixa visão.

Ao trabalhar com desenhos e imagens, atente para que sejam de cores fortes, sem muitos detalhes e com contornos definidos, podendo ser realçados com canetas de ponta grossa, cola colorida e barbante.

Não se esqueça de conversar com o usuário e observar quais destas possibilidades são as mais indicadas para ele.



AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Fotografia da página de um livro com o fundo azul e as letras de um texto ampliadas e em amarelo.

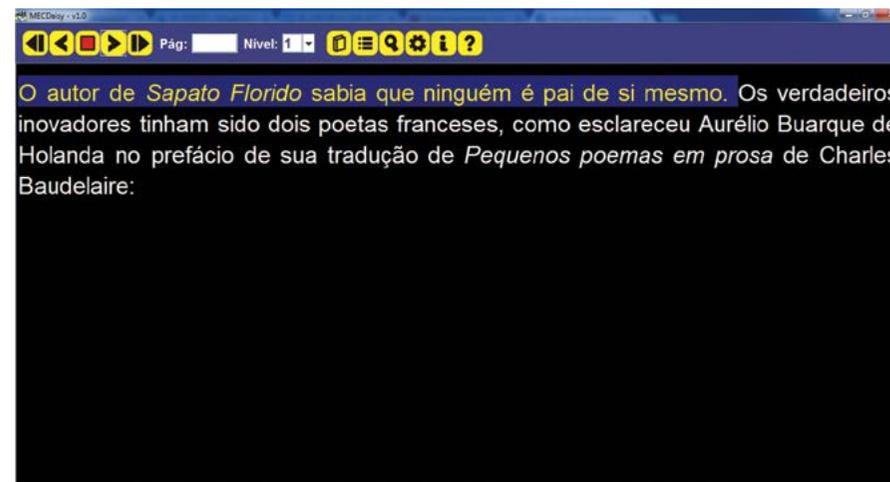
LIVRO DIGITAL DAISY

O padrão de livros digitais Daisy – *Digital Accessible Information System* – é uma tecnologia desenvolvida por um consórcio internacional que criou um sistema aberto e gratuito que combina texto e áudio, propiciando maior autonomia dos usuários por meio de mecanismos de navegação por seções, capítulos, números da página, pesquisa por palavras, possibilidade de grifar trechos do texto, fazer notas, aumentar o tamanho de fonte, definir o contraste etc. Os livros neste formato podem ser produzidos em voz sintética ou voz humana. No desenvolvimento de obras com imagens e ilustrações, é necessário introduzir a descrição das mesmas para que o leitor tenha acesso a esse conteúdo.

É importante destacar que essa tecnologia, disponibilizada gratuitamente, pode possibilitar a produção de livros acessíveis por qualquer usuário.

Para acessar o livro produzido em Daisy, é necessário que o usuário tenha instalado em seu computador um tocador Daisy, que se encontra disponível para download. O Ministério da Educação desenvolveu uma versão denominada MEC Daisy e a utiliza nos livros didáticos e paradidáticos do PNLD – Programa Nacional do Livro Didático – e PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola.

Para baixar acesse <http://intervox.nce.ufrj.br/mecdaisy/download.htm>



AD III DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Imagem da tela de um computador com a interface do programa Daisy. Na parte de cima há uma barra azul com os ícones em amarelo; abaixo, o trecho do texto que está sendo reproduzido em branco e, no trecho inicial, em destaque, há uma faixa azul como fundo e a fonte em amarelo.

LIVRO DIGITAL EM TEXTO

Livro cujo conteúdo está disponível em arquivos digitais, em formato que possa ser reconhecido por leitor de tela, sendo que todo o conteúdo gráfico e imagético deve ser descrito para que possa ser acessível. Normalmente é produzido nos formatos PDF e TXT.



AD III DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Página digital do cordel “Romance do Pavão Misterioso”, que mostra uma parte do texto e uma ilustração. Na imagem, os irmãos João Batista e Evangelista conversam em uma sala decorada com um tapete e assentos baixos e arredondados. Ao fundo, uma ampla janela permite que se veja um palácio com colunas em arco, um coqueiro, duas torres e a lua crescente no céu. Os irmãos usam roupas largas e elegantes, além de chapéus. Um deles segura na mão o retrato de uma mulher. É possível perceber, pela arquitetura do palácio, pelos desenhos no tapete e pelas roupas dos personagens, que os irmãos estão na Turquia.

LIVRO TÁTIL

Os livros táteis podem ser desenvolvidos e produzidos com diferentes materiais e suportes, como tecidos de diferentes texturas, plástico, papelão, EVA. Contribuem para ampliar as possibilidades de interação entre a literatura e os diversos sentidos.

Os livros táteis podem trazer diferentes superfícies, texturas, consistências e variações de temperatura. Em relação à visão, pode-se trabalhar as diferentes cores e contrastes, intensidades de luz e cor, com a possibilidade também de acrescentar recursos tecnológicos como um *Led* que acende quando acionado pelo tato. Em relação à audição, os materiais que fazem parte do livro podem produzir diferentes sons e ruídos e os recursos tecnológicos de sonorização contribuem com a narrativa do texto.

Os livros táteis oferecem a oportunidade de exploração da tridimensionalidade, que pode gerar diferentes mediações e interações com os elementos criados para narrar a história. Esses elementos, ao serem retirados das páginas, tornam-se brinquedos ou objetos cênicos, gerando outra forma de ler a mesma história.



Estes livros contribuem, ainda, com a compreensão da história e de seus elementos, além da ampliação do repertório dos leitores. Se o livro apresenta a temática das flores, pode-se produzir diferentes flores com os materiais, expandindo a categoria flor para a variedade de flores e as inúmeras possibilidades de desdobramentos em torno do tema.



AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Foto de uma mão de criança, que tateia uma ilustração em relevo feita com palha entrelaçada, além de folhas de árvore em tecido, bichinhos em pelúcia, grama sintética e um pregador de roupas.

LIVRO AUDIOVISUAL BILÍNGUE PORTUGUÊS-LIBRAS

Livro produzido em português e Libras, visando fortalecer o bilinguismo, a identidade linguística da comunidade surda, a disseminação da Libras para diferentes públicos e a equiparação de oportunidades. Os livros em Libras necessariamente precisam ser audiovisuais, uma vez que a língua de sinais é gestual e visual, uma língua que tem movimento.

As imagens e ilustrações também são muito importantes como suporte e camada narrativa complementar nos livros bilíngues, principalmente se forem infantis. Ainda é possível, principalmente em livros de domínio público e em outros gêneros textuais, desenvolver ilustrações e inserir imagens e fotografias.

O conteúdo em português do texto original pode aparecer em forma de legenda ou outro tipo de técnica de inserção de texto em movimento na tela. O conteúdo em Libras é apresentado em vídeo por um intérprete ou por um surdo. Este livro audiovisual pode ser disponibilizado em DVD ou via internet.

Este formato de livro é quase inexistente no Brasil, dificultando muito o acesso dos surdos aos conteúdos, às informações, à leitura. A Libras é a primeira língua de muitas pessoas com surdez e a escassez desses recursos dificulta também o aprendizado da língua portuguesa escrita como segunda língua.



Acesse o trecho da versão livro bilíngue do cordel [“15. Romance do Pavão Misterioso”](#).

LIVRO EM LEITURA FÁCIL

Livro cujo conteúdo segue diretrizes internacionais da IFLA – *International Federation of Library Associations and Institutions* – em relação à linguagem, ao conteúdo e à forma. Vários elementos, como imagens, pictogramas e glossários, apoiam o texto para ampliar a compreensão.

A leitura fácil foi inicialmente desenvolvida para pessoas com deficiência intelectual, mas tem sido utilizada também por pessoas com baixo letramento, pessoas com surdez e neoleitores de diferentes idades.



Ao longo dos dois últimos anos, temos estudado e produzido livros e materiais em leitura fácil. Neste processo, trabalhamos com pessoas com e sem deficiência, de diferentes faixas etárias, no processo de experimentação e elaboração dos materiais.

Precisamos confessar que um novo universo foi aberto e a nossa relação com a língua, a leitura e a literatura se intensificou. Até chegarmos à versão final do primeiro livro em leitura fácil, várias estações do ano nos acompanharam e, a cada mudança do tempo, surgiram novas aprendizagens, descobertas, dúvidas, erros, espantos, alegrias, leituras e leitores. Certezas caíam com as folhas das árvores no outono... Os livros, os dicionários, as imagens, os cadernos, o computador, as pessoas, a roda foram nossos companheiros.

Iniciamos lendo livros de literatura em leitura fácil em outros idiomas, juntamente com normativas e estudos internacionais, uma vez que, no Brasil, a leitura fácil ainda não está no centro da roda. Fizemos parcerias com associações internacionais e encontramos jovens com deficiência que se dispuseram a nos acompanhar. Percebemos, durante o processo de produção, criação e de experimentação com os jovens, que novas estratégias e recursos deveriam ser incorporados para além do que constava nas normas. Ousamos inventar, experimentar e acrescentar a este formato novas características que fazem sentido à realidade dos leitores brasileiros e que talvez possam auxiliar em outras realidades além das fronteiras do nosso país.

O livro escolhido para começar foi “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll. Lemos Alice muitas vezes, em diferentes línguas e versões.

Fizemos a primeira versão do primeiro capítulo e precisamos confessar que foi muito difícil começar. Sempre é um desafio começar a escrever, ainda mais algo tão diferente. Muitas vezes, reescrevemos, cortamos, acrescentamos, mudamos as palavras, revisamos. Várias mãos, corações, vontades e pensamentos produziram o primeiro capítulo. Finalizada esta fase, mostramos para várias pessoas, que leram com carinho e atenção. Mais alterações. E chegou o grande dia! A apresentação e a leitura conjunta do capítulo com um grupo de jovens com deficiência, que tinha aceitado o desafio de trabalhar conosco. Lemos o primeiro capítulo do livro, conversamos, lemos novamente. Algumas palavras foram sendo escritas no quadro, com seus significados, suas etimologias, tanto em Português como em Libras. Sugestões, dúvidas, críticas e descobertas foram aparecendo.

No final deste dia de trabalho coletivo, percebemos que ainda tínhamos muito pela frente, junto à nítida sensação de que aquele material fazia sentido e que tinha ecoado de uma forma muito potente para todos. Uma fala que pode explicitar este sentimento veio de um jovem com surdez: *Quero seguir aprendendo o sentido das palavras*. Esta fala pode parecer um detalhe, no entanto este detalhe faz toda diferença. Isto porque muitos jovens com surdez têm uma grande resistência ao livro, à leitura e à língua portuguesa.

Seguimos no trabalho intenso de produção da versão de Alice em leitura fácil e nas atividades com os jovens. No decorrer do processo, foram muitas aprendizagens, mas compartilharemos aqui algumas, que podem auxiliar na criação de diferentes estratégias de mediações e de atividades de leitura e escrita.



É importante, no início do livro ou do material escrito, apresentar a síntese da história, dos personagens, da época em que foi escrita, do autor, entre outros. É importante que as frases sejam claras e concisas. Ilustrações podem ser um ótimo apoio para auxiliar a compreensão.

	Vaidoso Um homem que quer ser importante e receber elogios. Para ele, não é importante se os elogios são sinceros. Ele quer aplausos de qualquer jeito. E, quando as palmas acabam, ele se sente sozinho.
	Bêbado Este personagem bebe para esquecer que tem vergonha de ser bêbado. É um homem viciado e medroso.
	Empresário Este personagem é um homem que só faz contas. Ele soma, subtrai e calcula as estrelas. O empresário só pensa em trabalhar e não cuida da saúde e da vida.
	Acendedor de Lâmpioes Personagem que se dedica a acender lâmpioes. Ele faz isso sem pensar. Cumpre as ordens sem saber o motivo.
	Geógrafo Um homem inteligente que dedica a vida aos estudos. Ele aprendeu muitas coisas. Essas coisas podem não ser muito importantes para todas as pessoas.

8

AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Imagem da página de um livro em Leitura Fácil. Ao lado das imagens dos personagens está o texto que os apresenta. Nesta página estão os seguintes personagens do livro *O Pequeno Príncipe*: o vaidoso, o bêbado, o empresário, o acendedor de lâmpioes e o geógrafo.



Durante a leitura e as conversas com os jovens, que se davam de forma bilíngue (português e Libras) percebemos, por exemplo, que os jovens com surdez conheciam o conceito e o sinal de muitas palavras corriqueiras e comuns, mas não sabiam a grafia em português de termos como *relógio, flor, jardim, colete*. Já os jovens com deficiência intelectual tinham dificuldade com alguns conceitos, que não fazem parte do seu cotidiano, como *carruagem, lebre, leque*.

Isto nos acendeu uma enorme luz amarela e a necessidade urgente de colocar a leitura fácil no centro da roda, de forma intensa e variada.



No decorrer do texto, é importante destacar algumas palavras que possam ser mais difíceis ou pouco usuais e colocar o seu significado também de forma simples ao lado do texto, se possível com a inserção de imagens.

Com isso, estamos colocando um glossário mais interativo, ao longo do texto. Mesmo que o texto esteja escrito e organizado com uma estrutura simplificada, também é muito importante ampliar o repertório, manter o estilo e a narrativa do texto original. Não se esqueça de procurar encontrar o tom, o ritmo e a atmosfera do texto.



Durante o processo de trabalho com jovens com diferentes tipos de deficiência, percebemos que uma das grandes dificuldades na leitura dizia respeito aos diálogos, ou melhor, ao uso do travessão para informar quem estava falando. Para tanto, experimentamos colocar antes do travessão uma ilustração ou ícone que representava quem estava falando. Esta estratégia funcionou quase como poção mágica do bolo da Alice (a compreensão aumentou exponencialmente). Uma jovem com deficiência intelectual disse: *Nossa, entendi tudinho o que a Alice e o Coelho estão falando. Sei quem é cada um*. Esta fala teve o acréscimo de outro complemento de um jovem surdo: *Não acredito, é isso que são os traços antes do texto. Não sabia. Mudou tudo!*

Podemos dizer que isto mudou tudo para nós, ou melhor, fortaleceu o nosso entendimento sobre a importância desta estratégia. Como uma pessoa com Ensino Médio não tinha entendido o que era o travessão, seus usos e funções? O que fizeram com ele? O que fizeram dele?

Cordovil

- Coitado! descansou.

Cordovil disse que preferia morrer de forma rápida e inesperada. Ou talvez de uma forma trágica, do tipo ser morto pelo próprio filho. E Cordovil nem tinha filhos.

Na noite anterior, quando tinha saído do baile, foi cochilando no carro. Perto de casa o carro parou e ele ouviu vozes na rua. Lá estavam dois policiais levantando do chão um homem morto.

Cordovil perguntou para o seu empregado:

Cordovil

- Assassinado?

Empregado

- Não sei, não, senhor.

Cordovil

- Pergunta o que é.

Empregado

- Este moço sabe como foi.

O livro em Leitura Fácil foi produzido nas versões para impressão e em audiovisual acessível, contando com audiolivro, janela de Libras, descrição de imagens e texto.

No processo de desenvolvimento e experimentação, ficou claro que produzir uma versão bilíngue português-Libras a partir do texto produzido em leitura fácil ampliava em muito as possibilidades de leitura em português por parte dos surdos. Em nossas pesquisas, até o momento, não encontramos livros neste formato. Reafirmamos a importância de estarem todos juntos na roda, pois, se trabalhássemos somente com as necessidades específicas em relação a um tipo de deficiência, talvez não tivéssemos chegado à conclusão de novas combinações. Isto se deu porque colocamos o livro no centro da roda e pensamos nas diferentes formas de lê-lo, independente da deficiência.

AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Outra imagem da página de um livro em Leitura Fácil. Neste livro, a representação dos personagens que dialogam é feita por ícones, que são quadrados coloridos com o nome em destaque. Os personagens apresentados nesta página são Cordovil e o empregado.



AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Um homem de cerca de 50 anos está sentado em uma mesa e lê atentamente um livro. Este é um livro em Leitura Fácil. Ele tem a expressão compenetrada e apoia uma das mãos sobre a página em que lê, orientando a sua leitura. Ele é Luiz Carlos, colaborador da Mais Diferenças.

LIVRO AUDIOVISUAL ACESSÍVEL EM MÚLTIPLOS FORMATOS

O livro audiovisual acessível é originário da utilização de técnicas e metodologias audiovisuais aliadas aos princípios da acessibilidade e da literatura.

Uma premissa importante que incorporamos a este formato são os princípios do Desenho Universal, para que o livro esteja no centro da roda, para todos. Portanto, é fundamental a combinação e composição com diferentes formatos acessíveis em um mesmo livro.

Dentre esses formatos acessíveis estão o audiolivro, o texto em língua portuguesa em forma de legendas ou outras inserções de texto em movimento, descrição das imagens, narração de texto, janela de Libras, animações e trilhas sonoras.

Para a composição do livro audiovisual acessível, pode-se partir do texto original do livro escolhido ou pode-se ter como núcleo o texto em leitura fácil. A partir da escolha da forma que o texto será apresentado, desenvolvem-se os demais formatos.



Assista a um trecho do livro [“16. Daniel no Mundo do Silêncio”](#) em versão audiovisual acessível.



As estratégias de mediação de leitura com pessoas surdas podem ser muito ampliadas quando não nos fechamos em um único formato ou composição, ou seja, uma mediação pode iniciar por meio do trabalho com o livro em leitura fácil impresso e, após, trabalhar com a leitura do livro audiovisual acessível bilíngue em versão original. Isto possibilita que possam ter o primeiro contato com o texto por meio de versão escrita e com os recursos da leitura fácil e, após, ler o texto no original com o suporte da língua de sinais na versão audiovisual.

A escolha de formatos e a sequência de leitura podem variar e dependerão das características do grupo e da intencionalidade do mediador.

Para nós é muito evidente que, quanto maior o número de formatos acessíveis aliados a estratégias de mediação de leitura, mais um mesmo livro gera múltiplas formas de ler, acessar o texto, compreender, relacionar-se com a língua, ampliar o repertório, enfim, proporcionar o direito de ser leitor e estar na roda com todos.

O DESENVOLVIMENTO DE ACERVOS EM FORMATOS ACESSÍVEIS

O acervo acessível em uma biblioteca, sala de leitura ou escola pode ser formado por meio de compras, doações ou produção própria.

Cada instituição possui suas estratégias para a composição e ampliação de acervo. Vale destacar que a preocupação com o acervo acessível também deve estar presente no planejamento e na organização do trabalho.

O mercado editorial brasileiro, como comentamos anteriormente, apresenta uma oferta bastante restrita de livros em diferentes formatos acessíveis. No entanto, com a entrada de novos marcos legais, há um movimento da cadeia produtiva do livro no sentido de se aproximar das questões relativas à produção, comercialização e distribuição de livros acessíveis, principalmente em meios digitais.

Assim, caso haja recursos para a aquisição de acervos, é importante contatar as editoras e solicitar as versões em formatos acessíveis dos títulos a serem incorporados ao acervo da biblioteca, tendo como parâmetro o Marco Legal já mencionado. Além disso, há editoras que se especializaram na produção de livros em formatos acessíveis, tais como a Editora Arara Azul (<http://editora-arara-azul.com.br/>) e Editora WVA (www.wvaeditora.com.br).

Ao mesmo tempo, é inegável o avanço das tecnologias de informação voltadas à disponibilização de conteúdos em diferentes suportes (livros, periódicos, músicas, audiovisuais, imagens, dicionários etc.) por meio de acervos digitais tornados públicos por bibliotecas, universidades, centros de estudo, órgãos do poder público (executivo, legislativo, judiciário), institutos e fundações, associações, empresas, entre outros. Assim, passamos a contar com novas possibilidades de ampliação e disponibilização de acervos.

Existem também instituições públicas e organizações da sociedade civil atuantes na produção e distribuição de livros em formatos acessíveis, que podem ser obtidos gratuitamente. Esta é uma forma para que todos possam colocar o livro e a leitura acessível no centro da roda. A seguir, são apresentadas algumas destas instituições:

PROJETO ACESSIBILIDADE EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS – MINISTÉRIO DA CULTURA/SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS/MAIS DIFERENÇAS

Site: <http://acessibilidadeembibliotecas.culturadigital.br/>

O Projeto Acessibilidade em Bibliotecas Públicas, realizado por meio de Convênio entre o Minc – Ministério da Cultura – e a Mais Diferenças, produziu e disponibilizará 25 livros em diferentes formatos acessíveis, de diversos gêneros literários. Os trechos de livros apresentados neste capítulo fazem parte deste projeto e você poderá acessar tudo gratuitamente no site.

IBC - INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

Site: <http://www.ibr.gov.br/>

Ligado ao MEC – Ministério da Educação –, desenvolve um trabalho de edição e distribuição de livros em braile e audiolivro (livro falado). O IBC possui um catálogo com mais de 200 obras disponíveis nestes formatos para distribuição gratuita para bibliotecas e instituições que atendem pessoas com deficiência. No site da instituição existem formulários com as normas para solicitações de livros.

INES - INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

Site: <http://www.ines.gov.br/>

Também vinculado ao MEC, possui uma biblioteca de referência no país sobre a questão da surdez. Além disso, produz recursos audiovisuais com conteúdos em Libras para a divulgação da cultura surda, como revistas, periódicos e livros de diferentes temáticas (literatura, poesia, livros técnicos, livros didáticos etc.) em versão bilíngue português-Libras. Esses materiais podem ser solicitados gratuitamente.

FUNDAÇÃO DORINA NOWILL

Site: <http://www.fundacaodorina.org.br/>

Organização sem fins lucrativos, a Fundação Dorina produz e distribui gratuitamente livros voltados a pessoas com deficiência visual, que podem ser solicitados.

CENTROS PÚBLICOS DE PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS ACESSÍVEIS

Site: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9960-relacao-centro-publicos-secadi&category_slug=fevereiro-2012-pdf&Itemid=30192

Iniciativa do Ministério da Educação em parceria com Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, estão presentes em todos os estados brasileiros. Várias bibliotecas e escolas estabelecem parcerias com esses centros para a produção de materiais e recursos acessíveis.



O PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola, desenvolvido desde 1997 pelo Ministério da Educação, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura aos alunos e professores, por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. O atendimento é feito de forma alternada: ou são contempladas as escolas de educação infantil, de ensino fundamental (anos iniciais) e de educação de jovens e adultos, ou são atendidas as escolas de ensino fundamental (anos finais) e de ensino médio. Hoje o programa atende de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar.

O programa se divide em três ações: PNBE Literário, que avalia e distribui as obras literárias, cujos acervos são compostos por textos em prosa (romãs, contos, crônicas, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de história em quadrinhos; o PNBE Periódicos, que avalia e distribui periódicos de conteúdo didático e metodológico para as escolas da educação infantil, ensino fundamental e médio;

o PNBE do Professor, que tem por objetivo apoiar a prática pedagógica dos professores da educação básica e também da Educação de Jovens e Adultos, por meio da avaliação e distribuição de obras de cunho teórico e metodológico.

A apropriação e o domínio do código escrito contribuem significativamente para o desenvolvimento de competências e habilidades importantes para que os educandos e educadores possam transitar com autonomia pela cultura letrada. O investimento contínuo na avaliação e distribuição de obras de literatura tem por objetivo fornecer aos estudantes e seus professores material de leitura variado para promover tanto a leitura literária como fonte de fruição e reelaboração da realidade quanto como instrumento de ampliação de conhecimentos, em especial o aprimoramento das práticas educativas entre os professores.

PNBE Especial – Ainda em 2010, os alunos e professores foram atendidos pelo PNBE Especial. O Programa adquiriu e distribuiu obras de orientação pedagógica aos docentes do ensino regular e de atendimento educacional especializado e, ainda, obras de literatura infantil e juvenil em formato acessível aos alunos com necessidades educacionais especiais sensoriais. Nesse ano foram distribuídas 1,2 milhão de obras (82.350 acervos).



O filme Palavra (En)cantada é uma viagem na história do cancionero brasileiro, com um olhar especial para a relação entre poesia e música. Dos poetas provençais ao rap, do carnaval de rua aos poetas do morro, da bossa nova ao tropicalismo, passeia pela música brasileira até os dias de hoje, costurando depoimentos de grandes nomes da nossa cultura, com performances musicais e surpreendente pesquisa de imagens.

O filme conta com a participação de Adriana Calcanhotto, Antônio Cícero, Arnaldo Antunes, BNegão, Chico Buarque, Ferréz, Jorge Mautner, José Celso Martinez Correa, José Miguel Wisnik, Lirinha (Cordel do Fogo Encantado), Lenine, Luiz Tatit, Maria Bethânia, Martinho da Vila, Paulo César Pinheiro, Tom Zé e Zélia Duncan. Imagens de arquivo resgatam momentos sublimes de Dorival Caymmi, Caetano Veloso e Tom Jobim.

Dirigido por Helena Solberg, com roteiro de Diana Vasconcellos, Helena Solberg e Marcio Debellian e produzido por David Meyer, o documentário de 2009 tem duração de 86 minutos.

No site oficial do filme, são disponibilizados vários materiais complementares que podem ser utilizados em ações e atividades de leitura. Pesquise.

<http://palavraencantada.com.br/>

9. PARA FAZER A RODA GIRAR: SENTIDOS DA LEITURA, ESTRATÉGIAS E MEDIAÇÕES.

AD)))

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

No fino traço azul dos demais desenhos um homem jovem está com um menino nos braços, os dois estão debruçados sobre um livro. Com a mão esquerda ele aponta algo nas páginas do livro que o menino observa com um enorme sorriso. À esquerda e à direita, os grafismos coloridos contornam o desenho.



Os livros lidos são moradas emprestadas onde é possível se sentir protegido e sonhar com outros futuros, elaborar uma distância, mudar de ponto de vista.

Michèle Petit

Iremos, neste capítulo, pensar em como contribuir para que os livros possam ser moradas emprestadas para todos e teremos como uma das nossas convidadas, Michèle Petit, uma antropóloga francesa que fará o caminho conosco.

Para fazer a roda girar, é importante que os sentidos da leitura, da palavra, da língua, da linguagem, da oralidade, da escrita, estejam muito presentes, ou seja, as diferentes práticas sociais em que a leitura está inserida e que dela decorrem. Se não compreendemos a pluralidade na qual a leitura está e se faz presente, é muito difícil encontrarmos sentidos para ela. Ela geralmente nos acompanha desde as nossas primeiras relações com o mundo, fazendo parte das nossas memórias mais remotas.

No entanto, para muitas pessoas com deficiência, essas memórias não existem ou são muito frágeis. São poucas as possibilidades e experiências com este universo, tanto do ponto de vista concreto e objetivo, quanto simbólico. Trazemos aqui duas situações muito resumidas, mas que podem nos ajudar a entender o quão exiladas estão das práticas de leitura.

Quando nasce um bebê com surdez, pode-se levar algum tempo até perceber que ele não escuta. Atualmente, a maioria

dos pais de crianças com surdez são ouvintes. Portanto, esta interação é muito fraturada, pois os pais falam e o bebê não responde, não acompanha, não escuta, diminuindo as possibilidades de contato. Leva-se um tempo até construir estratégias de comunicação, linguagem e aquisição da língua. Em muitas situações, as crianças irão ter contato com a Libras e iniciar o processo de aquisição somente quando entram na escola. Mesmo após adquirirem a língua de sinais, com quantas pessoas conseguem interagir, devido à barreira da língua? Quais são os brinquedos, jogos, filmes e animações que contam com a língua de sinais?

1 Saiba mais

Estas situações excludentes seguem por toda a vida, dificultando a produção de sentidos para a leitura. Para entender um pouco mais deste universo, assista ao filme francês “Sou surdo e não sabia”, de 2009, baseado em uma história verdadeira. Você também pode ler o livro “O Voo da Gaivota”, de Emmanuelle Laborit.

Outra situação que dificulta a produção de sentidos para a leitura diz respeito à oferta e disponibilidade de materiais. Todos sabemos que o contato intenso e variado com materiais em diferentes suportes e gêneros é uma condição fundamental para que todos possam estar na roda. No entanto, as pessoas com diferentes tipos de deficiência dificilmente têm acesso a materiais acessíveis. Em livrarias, feiras de livros e sebos, não se encontram livros em formatos acessíveis à venda. Como alguém irá criar uma proximidade e intimidade com os livros e com a leitura, se não existem livros? O que geramos é um discurso antagônico, pois de um lado é consenso que a leitura

é importante e, de outro, não disponibilizamos materiais. Portanto, desdizemos para eles o discurso corrente e ainda reforçamos o que é importante somente para alguns. Portanto, as relações de pertencimento, igualdade, dignidade e direito, que a princípio são para todos os cidadãos, não fazem parte do seu cotidiano e da sua vida. Em encontro recente com um cego que, apesar de todas as dificuldades, resistiu aos “nãos” e hoje é leitor, ele disse: *Eu sonho em poder ir a uma livraria comprar o livro que desejo e mais, quero um dia poder perder tempo lendo as orelhas dos livros para descobrir novos autores e títulos que me seduzam e levá-los comigo para casa, como qualquer trabalhador-leitor que frequenta uma livraria faz sem pensar.*

Este depoimento dialoga com uma citação presente no livro “A arte de ler ou como resistir à adversidade”, de Michèle Petit:

Não importa o meio onde vivemos e a cultura que nos viu nascer, precisamos de mediações, de representações, de figurações simbólicas para sair do caos, seja ele exterior ou interior. O que está em nós precisa primeiro procurar uma expressão exterior, e por vias indiretas, para que possamos nos instalar em nós mesmos.

Portanto, quando falamos dos múltiplos sentidos da leitura, muito além de pensar nas mediações acessíveis, é preciso que estejamos atentos e sensíveis em como iremos, de fato, propiciar que a leitura seja para todos. É importante considerar que isto às vezes leva tempo e talvez seja importante termos em mente palavras e expressões que fazem parte das narrações dos clássicos da literatura infantil, e dos pedidos

que as crianças fazem infinitas vezes: *Era uma vez... Conta de novo... Mais uma vez... E foram felizes para sempre...*

O “foram felizes para sempre”, para nós, seria aqui a metáfora para “agora todos estão na roda, todos fazem parte da roda”. E assim, poder celebrar a fala de Petit sobre a hospitalidade:

Os livros são hospitaleiros e nos permitem suportar os exílios de que cada vida é feita, pensá-los, construir nossos lares interiores, inventar um fio condutor para nossas histórias, reescrevê-las dia após dia. E algumas vezes eles nos fazem atravessar oceanos, dão-nos o desejo e a força de descobrir paisagens, rostos nunca vistos, terras onde outra coisa, outros encontros serão talvez possíveis. Abramos então as janelas, abramos os livros.

ESTRATÉGIAS E MEDIAÇÕES A PARTIR DO USO DE DICIONÁRIOS E GLOSSÁRIOS

Em nosso trabalho, tanto nas mediações de leituras acessíveis e inclusivas quanto na produção de livros e materiais acessíveis, os dicionários têm sido nossos companheiros inseparáveis.

Assim, reaproximamo-nos do dicionário, ou melhor, dos dicionários. Eles têm nos auxiliado a encontrar as melhores palavras, o seu significado, a sua origem, o seu léxico, os seus adjetivos, os seus sinônimos, os seus múltiplos sentidos e nos auxiliado na produção de múltiplas formas de apresentar um mesmo texto.

Pode soar estranho, então, que estejamos propondo o uso de dicionários para muitas pessoas, inclusive para algumas que ainda não leiam nem escrevam, que tenham tido pouquíssimas experiências com práticas de leitura e, em geral, fracassadas. Para nós mesmos o dicionário é considerado, muitas vezes, um artefato arcaico, que remete a situações constrangedoras, rígidas e maçantes de nossas memórias escolares. Até vemos o dicionário assumir uma nova função, a ergonômica, transformando-se em apoio para computadores em escritórios, em salas de aula.

Vocês podem discordar de nossa proposta e argumentar que o dicionário não auxiliará na aproximação dos que estão tão distantes da leitura. Pode-se pensar que ele afastará ainda mais os novos leitores e que será mais um vilão na série de experiências negativas.

No entanto, queremos tratar o dicionário a partir de uma acepção que ele também é conhecido, que é a de tesouro. Tesouro, do latim *thesaurus*, significa tanto o “lugar onde se guardam coisas” como “grandes riquezas”. Não um tesouro impossível, para poucos, mas um tesouro que abre segredos, senhas para novos mundos e saberes, que ajuda a colocar todo mundo na roda.

Segue um trecho de uma entrevista de Chico Buarque para os repórteres Regina Echeverria e José Arbex Junior na Revista Caros Amigos, de dezembro de 1998, falando sobre a relação dele com os dicionários.

Imaginamos que, se para o Chico Buarque o dicionário é tão importante, isso talvez possa nos inspirar e auxiliar.

Chico Buarque: *O meu dicionário é o Caldas Aulete, cinco volumes (risos). E tem um outro dicionário, aliás, por falar nisso, que é herança do meu pai. Meu pai me deu, e disse: “Isso vai te ser útil.” E é tão útil que já comprei três em sebo, porque ele vai se desmilinguindo todo, que manuseio muito, é um dicionário analógico, aquilo é fundamental. Outro dia, li uma entrevista do João Ubaldo, e perguntaram qual era o livro de cabeceira dele, ele disse que é esse. (risos) Que é uma leitura maravilhosa.*

José Arbex Jr: *E os pássaros da música “Os homens vão chegar”, você vai falando um monte de pássaros um atrás do outro, aqueles nomes todos. Aí você foi pesquisar no dicionário nomes de pássaros todos.*

Chico Buarque: *Ali fui, claro, na velha e boa enciclopédia.*

O trabalho intenso com a leitura em uma perspectiva acessível e inclusiva também nos aproximou das infinitas relações com o texto, com a palavra, com os múltiplos sentidos da leitura, com os diferentes gêneros literários, com as práticas sociais da leitura, com a palavra, com a tradução, com a imagem, com a oralidade, com a voz, com os sinais, com os pictogramas, com a gestualidade, com o leitor, com o leitor. E esta aproximação tem nos apresentado com inúmeras descobertas, alegrias, composições, combinações e com a vontade de seguir estudando, compartilhando e lendo.

Queremos reafirmar aqui que, para nós, o dicionário é fundamental para possibilitar que a leitura seja para todos. Para isso, é importante que convivamos com este livro, que exploremos as diferentes possibilidades de uso, que seja percebido como suporte de leitura e escrita.

Portanto, é preciso criar estratégias de mediação nas quais ele esteja no centro da roda.

Difícilmente, alguém se aproximará de um dicionário, se não entender para quê usá-lo. Também não iremos colocar na roda um dicionário integral da língua portuguesa para grupos que não têm proximidade com a língua.

A partir de agora, compartilharemos os usos que temos feito com vários tipos de dicionários, para explorá-los em diferentes aspectos da leitura acessível e inclusiva.

Para a produção de materiais acessíveis, nós temos utilizado vários tipos de dicionários, tanto em papel como digitais,

desde os clássicos, passando pelos de etimologia, os de sinônimos, os bilíngues (português-Libras, português-inglês, português-francês) e os temáticos, como os de cultura e artes, os regionais e os infantis.

Também buscamos outros livros inspirados em dicionários, com citações de escritores para palavras, que aparecem ao longo de sua obra.

No dicionário “João Guimarães Rosa – Uma odisseia brasileira”, na letra “l” buscamos o verbete linguagem, que compartilhamos aqui:

[...] a linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente.

Ficção Completa, v. I. Diálogo com Guimarães Rosa, p.47.

Reunimos a seguir o relato de algumas experimentações que realizamos, tanto no processo de planejamento e produção de conteúdos para mediações de leituras acessíveis e inclusivas quanto sugestões de algumas atividades voltadas ao “uso do dicionário”, para os públicos com os quais trabalhamos.

Tais propostas pretendem inspirá-los a desenvolver estratégias para reconhecer o que é um dicionário e quais são suas funções, para contribuir com o entendimento da lógica dos dicionários no momento de procurar um verbete; para a ampliação do vocabulário, para a compreensão das diferentes

acepções de uma palavra, suas definições e grafias, para o entendimento da classificação gramatical, origem etc.

No entanto, dicionários e glossários só farão parte do nosso cotidiano se, além de sabermos seus usos, forem-nos propostas atividades contextualizadas, com situações concretas, que façam sentido e ampliem nossas possibilidades de leitura.

Relembramos que, para fazer a roda girar, é preciso disponibilizar dicionários e glossários, com diferentes recursos de acessibilidade ou estratégias que garantam o acesso para que todos possam participar.

Compartilhamos aqui estratégias de uso e de produção de mediações acessíveis e inclusivas com dicionários e glossários:

DESCRIÇÃO DE IMAGENS E AUDIODESCRIÇÃO

Na descrição das imagens e na audiodescrição de diferentes linguagens artísticas como cinema, dança, exposição de artes e livros, ter um dicionário por perto, no momento de produzir o texto, auxilia a encontrar a melhor palavra, ampliar o vocabulário e o repertório sobre a temática de que trata a imagem ou a obra a ser acessibilizada.



Veja um trecho de um balé da [“17. São Paulo Companhia de Dança”](#) com audiodescrição.

LEITURA FÁCIL

Na produção de conteúdo em leitura fácil os dicionários têm vários usos, como encontrar um sinônimo mais fácil para algumas palavras pouco usuais, difíceis e arcaicas, ou seja, palavras que rememoram épocas em que o vocabulário era outro, mais rebuscado, que inclusive nós desconhecemos. Um dos livros que produzimos em Leitura Fácil foi “O Alienista”, de Machado de Assis, escrito em 1882. No capítulo 4, intitulado *Uma Teoria Nova*, aparece o termo *remédio para sezões*.

Sabíamos que era um termo da medicina, no entanto, não é mais utilizado. Fomos a vários dicionários:

No dicionário online da língua portuguesa www.dicio.com.br, *sezão* aparece como “s.f. febre intermitente ou periódica”. *Sezão* é sinônimo de: malária, maleita, paludismo, impaludismo, sezonismo.

No dicionário léxico de português online www.lexico.pt/, aparece:

Sezão n.f.

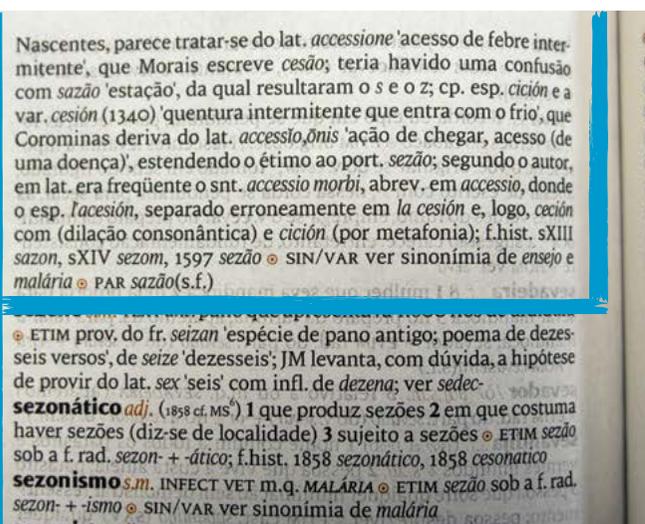
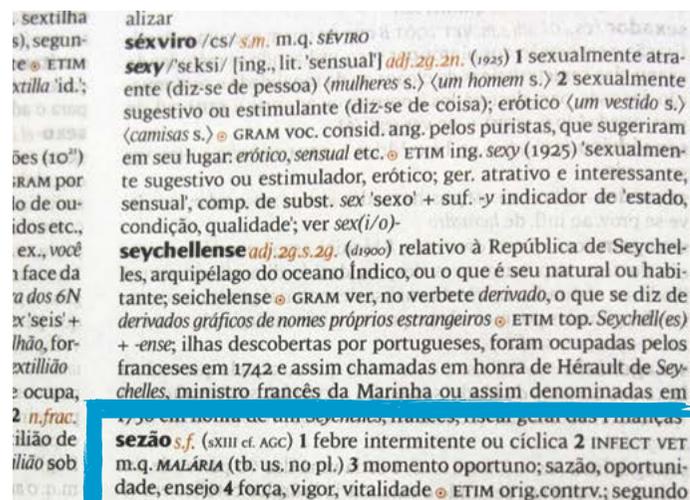
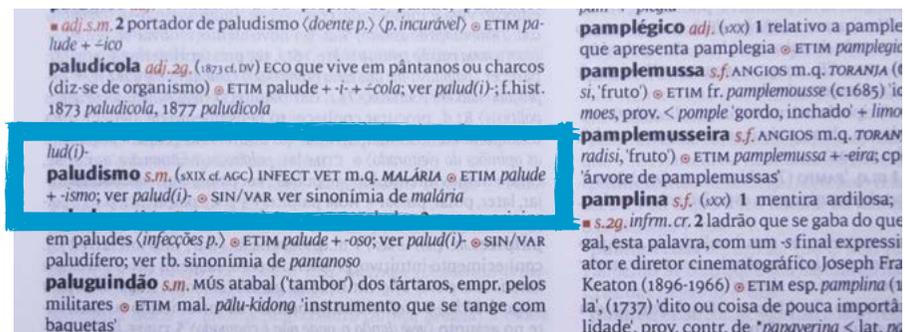
1. (Medicina) Designação atribuída a uma febre acentuada e descontínua;
2. (Medicina) Ver: paludismo.
(Etm. do latim: palūde + ismo)

E indica que se procure a palavra *paludismo*:

Paludismo n.f.

1. (Medicina) Patologia séria, originada por esporozoários, instilada no indivíduo através de um mosquito; também é designa por malária.

Já no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, em papel, que é muito mais completo:



AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Imagens de páginas do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, em papel, que mostram as definições das palavras *paludismo* e *seção*.

Exemplificamos o trabalho realizado a partir de uma única palavra, perdida em um capítulo de um livro. Poderíamos ter parado no significado disponível na primeira versão online. Estava correto, mas a possibilidade de procurar em outros dicionários mais completos também enriquece o nosso estudo sobre a língua e sobre as possibilidades de ampliação do nosso repertório.

Para a produção do texto em leitura fácil, não necessitamos saber a etimologia da palavra, a época de origem, nem as mudanças e alterações produzidas ao longo do tempo, até chegar a palavra e o sentido do texto. No entanto, é um exercício que materializa o conceito de que uma língua é viva e mutante.

Muitas pessoas acham que produzir um livro em leitura fácil pode ser uma atividade empobrecida e maçante, mas chegar a algo simples, mas que mantenha o sentido, às vezes, é mais difícil do que a produção de textos complexos.

Dando continuidade ao trabalho com a produção de conteúdo em leitura fácil, uma das diretrizes para a produção deste tipo de material é que se selecionem as palavras que, mesmo com a simplificação do texto, possam ser desconhecidas para o leitor. Elas são grifadas no texto e um glossário é posto na própria página, com o seu significado.

Aí vem outro desafio, colocar o significado da palavra de forma simples, mas com os conceitos corretos e coerentes. Isso é muito difícil porque nossa forma de pensar é cada vez mais abstrata e estamos perdendo, muitas vezes, a concretude e a exatidão dos significados.

Para este processo, procuramos a palavra nos mesmos dicionários citados anteriormente e também em dicionários infantis.



AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

A imagem da capa de três dicionários sobrepostos. O dicionário ilustrado Houaiss, que tem na sua capa uma menina em um balanço, um planeta, uma joaninha e uma estrela do mar. O dicionário Saraiva infantil, com diversas ilustrações na capa. E, sobre os dois, o livro “Casa das Estrelas - O universo contado pelas crianças”, com vários desenhos sobrepostos, que remetem a um universo fantástico.



Estes dicionários foram disponibilizados no PNLD – Programa Nacional do Livro Didático – para escolas públicas de todo o país e são um ótimo recurso de apoio para o trabalho com leitura acessível e inclusiva.

Em nossas andanças pelas escolas públicas, temos encontrado estes acervos nas bibliotecas e nas salas de leitura, mas quase nunca os vemos sendo utilizados.

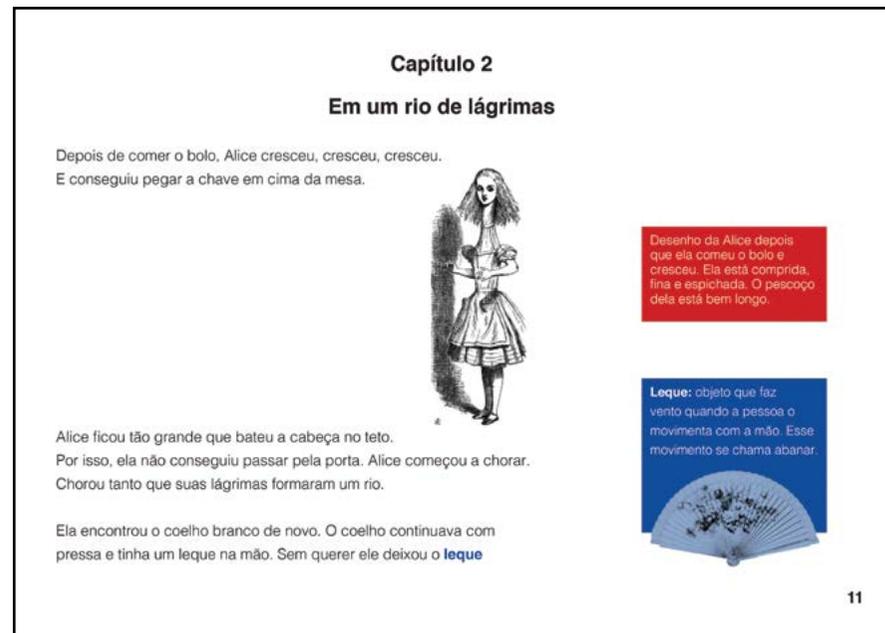
2 *Saiba mais*

O MEC, além de disponibilizar para as escolas acervos com vários dicionários (dependendo da modalidade de ensino), produziu uma publicação excelente sobre como usar o dicionário na sala de aula.

Voltando ao processo de produção do glossário, a metodologia que temos utilizado é definir as palavras que entendemos que necessitam do glossário ou pedir para pessoas com diferentes níveis de letramento, incluindo pessoas com deficiência, para que leiam o texto e assinalem as palavras que não conhecem. A partir da seleção das palavras, pesquisamos em vários dicionários e redigimos o significado da palavra. A seguir, mostramos as palavras com seus respectivos significados para leitores, para saber se entenderam seus significados.

Se percebermos que ainda há dificuldade na compreensão do significado, propomos outra redação. Às vezes, colocamos imagens da palavra para facilitar o entendimento.

Segue exemplo de uma palavra de glossário retirada da versão em leitura fácil do livro *Alice no País das Maravilhas*.



AD III DESCRIÇÃO DA IMAGEM

A imagem mostra uma página do livro *Alice no País das Maravilhas em Leitura Fácil*. O texto está à esquerda; no centro a imagem de Alice espichada; à direita, um quadro vermelho com a descrição da imagem e, no canto inferior direito, um quadrado azul com a palavra **leque**, seu significado e a imagem de um leque. No texto, a palavra **leque** está em negrito para marcar que, ao lado, está o seu significado.

MATERIAIS BILÍNGUES

Na produção de materiais bilíngues (português-Libras), como os livros audiovisuais, os dicionários são importantes para buscarmos os sinônimos das palavras, para que os intérpretes e surdos encontrem o melhor sinal para determinado conceito.

Além disso, também utilizamos muito os dicionários bilíngues (português-Libras) para pesquisa de sinais. Outra questão frequente que encontramos no processo de tradução do português para a Libras é que muitas vezes o sinal ainda não existe.



AD))) DESCRIÇÃO DA IMAGEM

A imagem de quatro livros sobrepostos da esquerda para direita. “Enciclopédia da língua de sinais brasileira”, a capa é vinho com um faixa cinza no centro. À direita, o próximo livro, outro volume da “Enciclopédia da língua de sinais brasileira” com a mesma disposição e com a capa azul. À direita dele, o “Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue” com a parte de cima cinza, onde está o título e o nome dos autores. Por fim, o “Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais”, com o subtítulo “Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez”. Nele, sobre o fundo laranja, está a imagem de dois pares de mãos, um deles, abaixo, faz um “V” e o outro par se sobrepõe a este com as duas mãos em concha. Os dois pares juntos formam a imagem de um coração.

Sabemos que a maioria das línguas são vivas e em construção, mas, nas línguas de sinais, por terem sido regulamentadas e estarem entrando no universo acadêmico há pouco tempo, vários vocábulos não existem.

Portanto, muitas vezes pesquisamos em Bancos de Sinais Internacionais, os chamados Sinalários (é assim que muitos estudiosos e surdos nomeiam os dicionários em línguas de sinais, o sinal em outras línguas), para inspirar a criação de sinais em Libras.

3 *Saiba mais*

Convém ressaltar que a criação de um sinal é um processo complexo, como a criação de um léxico em outra língua. Eles são criados pela comunidade surda, colocados em avaliação e, muitas vezes, são incorporados pela língua oficial ou são usados somente por um determinado grupo. Os sinais também são deixados de ser utilizados, são transformados. Mesmo na Libras, os sinais não são iguais, existem regionalismos, gírias, sinais utilizados em contextos formais e de língua culta, e sinais utilizados informalmente.

AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Três fotos do intérprete de Libras mostrando como são as diferentes formas de se “falar” a cor “verde” em Libras. Na primeira foto, o sinal no Rio de Janeiro, o intérprete coloca os dedos indicador e médio abertos sobre as costas da mão esquerda e eles formam uma imagem semelhante à letra “V”. Na segunda, ele indica a forma em São Paulo, o dedo indicador da mão direita em forma de gancho sobre o queixo e uma seta indica o movimento para frente e para trás. Na última foto a forma em Curitiba: a mão direita com os dedos esticados à frente do rosto e uma seta indicando o movimento para cima e para baixo.



VERde
Rio de Janeiro



VERde
São Paulo



VERde
CURITIBA



No livro [“18. A Alma Encantadora das Ruas”](#), de João do Rio, foi produzida uma versão bilíngue, a partir de uma versão em leitura fácil. Veja a palavra em português e seu significado, com a versão em

Libras.

No ano de 2014, produzimos o prólogo e o capítulo com o texto *Notas sobre a Experiência e o Saber de Experiência*, que fazem parte Livro *Tremores - Escritos Sobre Experiência*, de Jorge Larrosa, publicado pela Editora Autêntica em versão bilíngue. Foi um processo demorado e longo, que envolveu uma equipe interdisciplinar de profissionais da Mais Diferenças, com mais de 20 pessoas, entre surdas e ouvintes.

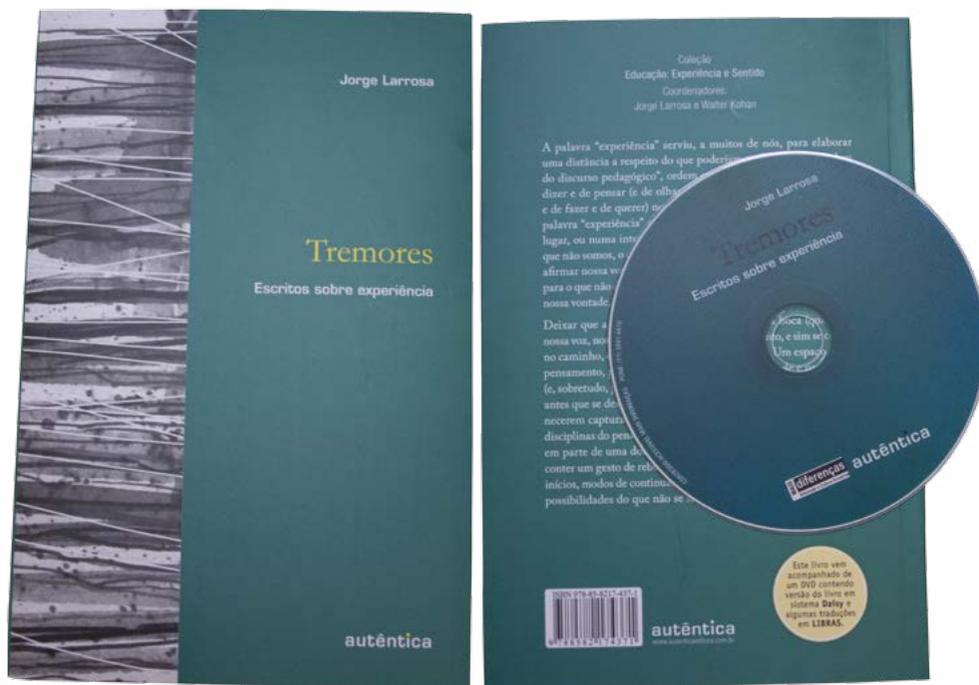
Este trabalho, para além de produzir o texto em versão bilíngue, ajudou-nos muito na criação de uma metodologia de tradução bilíngue de livros e foi um espaço de estudo e formação intenso para todos os envolvidos.

Vários livros e dicionários foram colocados no centro da roda: dicionário de português, dicionário de filosofia, dicionário de Libras, bancos de sinais internacionais. Para ampliar a dificuldade do processo de tradução, o autor fala do conceito de experiência em várias línguas, ou seja, experiência em inglês é *that what is happening to us*, experiência em alemão é *was mir passiert*, e assim por diante. Portanto, buscamos o sinal de experiência nos idiomas apresentados. Também foram criados sinais em Libras que ainda não existiam.



No vídeo [“19. Tremores”](#), veja excertos da versão audiovisual bilíngue e às avaliações de profissionais que participaram do processo de tradução.

Vocês poderão observar que vários profissionais fizeram a tradução, tanto intérpretes como instrutores surdos. Optamos por esta metodologia, em primeiro lugar, porque assumimos este processo como uma experimentação e, também, para compartilhar a riqueza e as diferentes formas de traduzir. Podemos dizer que, assim como os ouvintes têm uma forma de falar, um ritmo, um tom, com os usuários de línguas de sinais acontece o mesmo. Além disso, o próprio autor do livro, Jorge Larrosa, leu o Prólogo para que todos pudessem também escutar a sua voz, o seu ritmo, a sua gestualidade. O livro também foi produzido em Daisy para as pessoas cegas terem acesso ao texto.



AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

A imagem da capa do Livro “Tremores - Escritos sobre experiência”, da contracapa e do CD com recursos acessíveis. A capa, a contracapa do livro e o CD são verdes. Na capa, à direita, há um grafismo em preto e branco.

A produção de materiais acessíveis gera uma possibilidade incrível de didáticas da invenção, como nos ensinou Manoel de Barros, e de estratégias pedagógicas para todos. Uma ideia gera outra ideia, que gera outra demanda. Parece que vamos puxando um fio com tramas, cores, que geram infindáveis bordados.

O processo de criação do glossário para os livros de leitura fácil e o trabalho com grupos inclusivos levou-nos a perceber a importância dos glossários, não somente em leitura fácil como em braile e em Libras (com a inserção de imagens). Portanto, iniciamos a criação de um glossário que complementa este *Guia*. Ele tem versão impressa e digital. Este glossário pretende contribuir com o trabalho do mediador na criação de estratégias acessíveis e inclusivas de leitura e pode ser utilizado tanto pelos mediadores como pelo público que participa das atividades. Além disso, ele pode ser a base para a criação de diferentes atividades de letramento.

Novamente, para a criação deste glossário não precisamos dizer que utilizamos vários dicionários como apoio e inspiração.

Optamos por construir um móvel em madeira, com 25 gavetas. Em cada gaveta, colocamos uma letra, com exceção da última gaveta que tem as letras y e z. Em cada compartimento, colocamos as letras em madeira, em uma cor forte, além da letra correspondente escrita no código braile e a letra no alfabeto manual. Se você não puder produzir o móvel em madeira, ele pode ser desenvolvido com caixas de sapato, de camisa, caixas plásticas, etc.



AD))) **DESCRIÇÃO DA IMAGEM**

Foto do Dicionário Móvel, que é de madeira clara, tem uma linha de cinco gavetas na horizontal e cinco na vertical, totalizando 25 gavetas. O alfabeto está disposto de cima para baixo, da esquerda para direita, começando na primeira coluna. As letras são de um azul vivo e as gavetas têm pequenos orifícios para que sejam puxadas com a ponta do dedo.

AD))) **DESCRIÇÃO DA IMAGEM**

Outra foto do Dicionário Móvel, na qual a disposição do alfabeto agora é da esquerda para direita, de cima para baixo, começando na primeira linha e seguindo a lógica da leitura. A gaveta da letra “B” está aberta e, sobre ela, há uma borracha branca e uma ficha, com um sinal. E a da letra “O” também está aberta, com um óculos e uma ficha.



Como vocês podem ver nas imagens, a ordem alfabética da caixa pode ser utilizada de duas maneiras: em linha, da esquerda para a direita, como se dá na escrita, ou em colunas de cima para baixo, como se dá na organização do dicionário. Esta organização dependerá do objetivo que o profissional tem com a atividade.

A base móvel do dicionário-glossário pode ser “recheada” de várias maneiras e ir mudando de acordo com a proposta de mediação de leitura ou estratégia pedagógica.

Opção 1: a primeira versão produzida envolveu a criação de fichas com a palavra escrita em português, a imagem do objeto, a palavra escrita em braile, a palavra escrita no alfabeto manual. Do outro lado da ficha, a fotografia do sinal em Libras. Também colocamos o objeto em miniatura ou o objeto em tamanho real. Estes recursos podem ser inseridos na sua totalidade ou você pode utilizar somente alguns deles. Por exemplo, somente a palavra e a imagem ou a palavra e o sinal – e assim por diante. Estas palavras podem ser mudadas, por exemplo, pode-se colocar palavras que remetam à história que foi contada, aos temas que estão sendo trabalhados em sala de aula, aos nomes dos alunos.

AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Imagem de uma ficha na qual há a palavra *borracha*. Sobre ela, um adesivo em relevo com sua escrita em braile; acima, uma foto de uma borracha; abaixo, a tradução da palavra com o alfabeto manual de Libras, sua definição e uma borracha. Abaixo a imagem do verso da ficha com o intérprete de Libras. Ele leva a mão direita à palma da mão esquerda como se estivesse apagando algo.



Opção 2: nesta opção colocamos a palavra em português, a palavra em braile, o sinal de um lado e a imagem e o alfabeto manual do outro. Também dependerá do grupo que você tiver e das necessidades dele. No entanto, se as fichas forem produzidas com diversos recursos de acessibilidade, estarão prontas para serem usadas por alunos com diferentes características. É um material para todos.



AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Outra ficha da palavra *borracha*. Nela, agora, a palavra está no verso acima da foto do intérprete com o adesivo da representação em braile sobre ela.

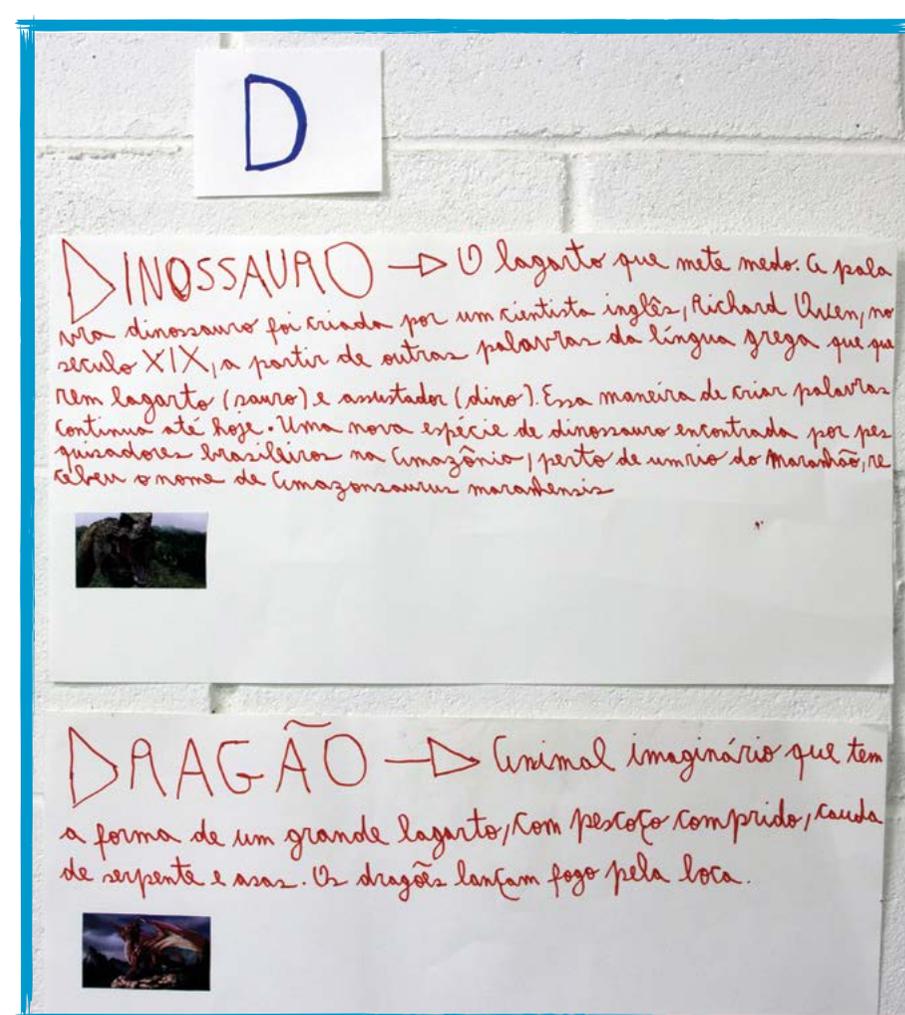
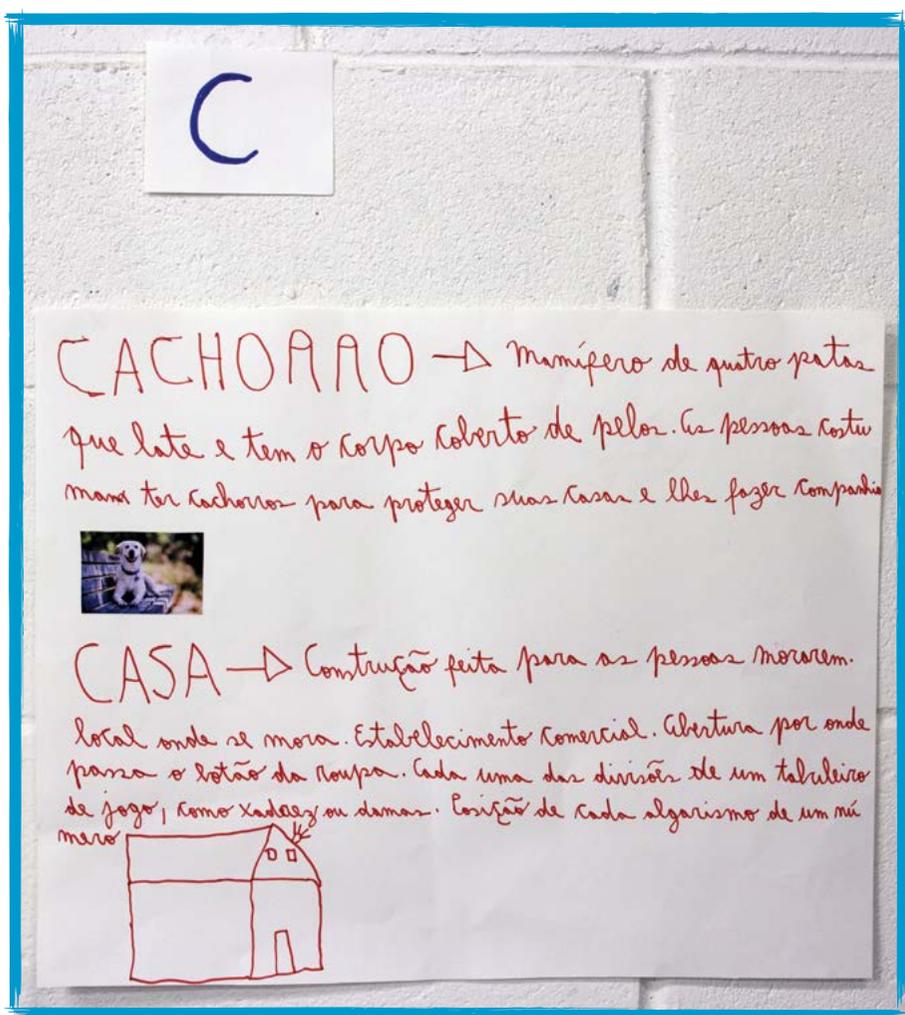
Opção 3: podem ser produzidas fichas com as imagens dos personagens de uma história, por exemplo, a Branca de Neve, os 7 anões e a rainha malvada escritos em português. Em outras fichas, pode-se colocar o nome dos personagens em Libras, braile e CSA (Comunicação Suplementar Alternativa). A ideia é que se criem várias estratégias para acessar o dicionário, que contribuam com o processo de letramento e a compreensão das práticas leitoras.

Opção 4: ainda podem ser escritas as palavras que compõem a história. Após isso, podem ser recortadas e colocadas na gaveta correspondente.

Convidamos você a inventar outras estratégias para uso do Dicionário Móvel, de acordo com o contexto do trabalho que está desenvolvendo.

Além do Dicionário Móvel, este dicionário pode se desdobrar em atividades com painéis, para ser afixado no espaço onde está sendo trabalhada a mediação de leitura acessível e inclusiva.

Pode ser construído ainda um dicionário colaborativo, tanto em papel como digital, com as palavras que estão sendo trabalhadas ao longo das mediações acessíveis e inclusivas.



AD



DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Dois fotos com exemplos de dicionários colaborativos. Na foto da esquerda há um papel com a letra “C” afixado na parede e abaixo uma folha com as palavras “cachorro” e “casa”, suas definições escritas à mão em uma letra que parece ser de uma criança ou de alguém em processo de alfabetização.

Junto à palavra “cachorro” há uma foto de um cachorro labrador e junto à palavra “casa” há um desenho. Na imagem da direita, com as mesmas características, está a letra “D” e as palavras “dinossauro” e “dragão”, ambas com fotos juntas às palavras.

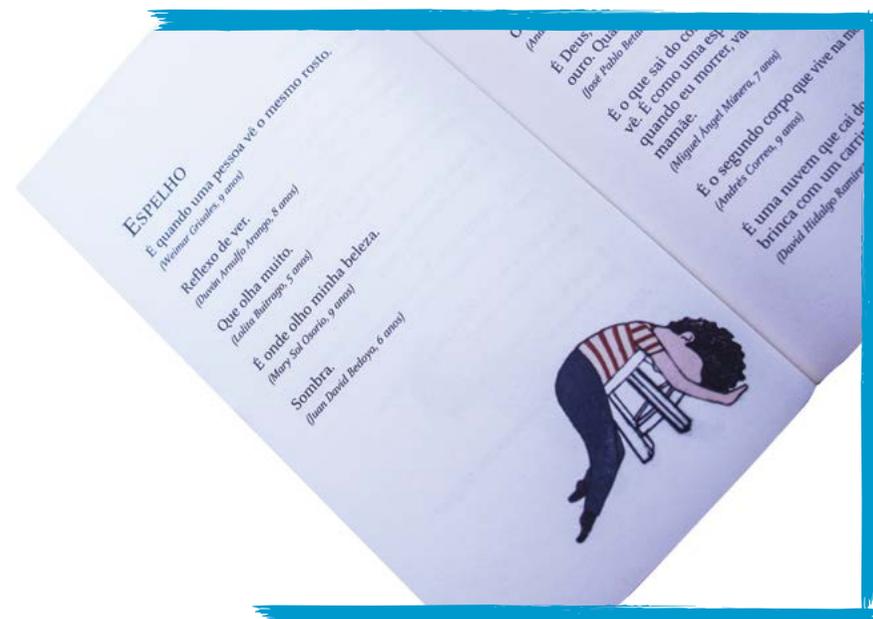
Para a construção dos dicionários e glossários, juntamente com o público que está na roda, é importante disponibilizar e utilizar diferentes dicionários digitais e em papel.

Outra questão importante a ser observada é que nem todos os participantes necessitam ou conseguem fazer as mesmas atividades. Dependendo da estratégia do trabalho, do processo de letramento e das características dos participantes, as tarefas podem ser compartilhadas. Um pode fazer o desenho ou procurar a imagem em revistas e jornais, outro pode escrever a palavra, outro pode escrever o significado da palavra, outro pode escrever em braille e assim por diante.

OUTROS DESDOBRAMENTOS

Ainda na lógica do dicionário-glossário, podem-se ir coletando, com diferentes públicos, definições de palavras variadas, inspirados pela experiência do professor Javier Naranjo, que publicou o livro *Casa das Estrelas – O Universo Contado Pelas Crianças*.

O professor Javier Naranjo guardou as definições que seus alunos, com idade entre 3 e 10 anos, davam para palavras, objetos, pessoas e, principalmente sentimentos, em suas aulas, durante mais de dez anos. Algumas centenas destas definições estão reunidas no livro. São poéticas, engraçadas, muitas vezes melancólicas. São universais.



AD

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

Página, do livro, *Casa das Estrelas - o universo contado pelas crianças*, de Javier Naranjo, que se refere à palavra *espelho*. Nela, estão cinco definições de *espelho* contadas por diferentes crianças. No canto da página há o desenho de um menino de cabelos enrolados escuros, camiseta listrada vermelha e amarela e calça azul. Ele está deitado com a barriga e o peito apoiados em um pequeno banco redondo.

Exemplo de Palavra: Espelho.

“É quando uma pessoa vê o mesmo rosto” - Weimar Grisales, 9 anos.

“Reflexo de ver” - Duván Arnulfo Arango, 8 anos.

“Que olha muito” - Lolita Buitrago, 5 anos.

“É onde olho a minha beleza” - Mary Sol Osorio, 9 anos.

“Sombra” - Juan David Bedoya, 6 anos.

Segundo a publicação do MEC *Dicionários em Sala de Aula*:

As situações de uso de dicionários se inserem, sempre, em práticas de letramento as mais diversas. Razão pela qual o uso adequado de dicionários tanto aumenta o grau de letramento dos sujeitos quanto aprofunda o funcionamento social da escrita.

Esperamos que tais sugestões contribuam para que todos possam adentrar no mundo das palavras e em todos os outros mundos aos quais podem dar acesso, como explicitado por Antônio Candido:

(...) quando elaboram uma estrutura, o poeta ou o narrador nos propõem um modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada. Se fosse possível abstrair o sentido e pensar nas palavras como tijolos de uma construção, eu diria que esses tijolos representam um modo de organizar a matéria, e que enquanto organização eles exercem um papel ordenador sobre a nossa mente. Que percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo. (CANDIDO, 1995, p. 245)



Filme: **Sou surdo e não sabia**, de Igor Ochronowicz

Sinopse: O documentário narra a vida de uma menina, Sandrine, que nasceu surda. Ela não compreendia como as pessoas não surdas se comunicavam ou o que era o som. O documentário mostra o mundo de Sandrine a partir da perspectiva dela própria, além de seu processo de desenvolvimento e aprendizado.

Livro: **O Vôo da Gaivota**, de Emmanuelle Laborit

Uma jovem surda, a autora do livro, descreve nesta obra como conseguiu, na contramão dos preconceitos, traçar sua trajetória como protagonista. Apesar de não escutar som algum, Emmanuelle Laborit se tornou uma atriz de muito sucesso.



Acesse no link a publicação [Dicionários na Sala de Aula](#), do Ministério da Educação.



Caso você tenha se interessado em conhecer mais sobre línguas de sinais, listamos uma série de dicionários em Libras, bancos de sinais internacionais e aplicativos de Libras:

Spreadthesign - www.spreadthesign.com/br

Libras - Dicionário da Língua Brasileira de Sinais - Acessibilidade Brasil - acessibilidadebrasil.org.br/libras/

Canais Youtube

Informática em LIBRAS - www.youtube.com/channel/UCYXGIMxxosk7vYXFbIH5OoA/videos

Aplicativos

Prodeaf - www.prodeaf.net

Hand Talk - www.handtalk.me

10. PARA a Roda SEGUIR...

A literatura é capaz de abrir um diálogo subjetivo entre o leitor e a obra, entre o vivido e o sonhado, entre o conhecido e o que ainda está por conhecer; considerando que esse diálogo entre as diferenças – inerente à literatura – nos confirma como participantes de redes de relações; [reconhece] a flexibilidade do pensamento, participa da construção de novos desafios para a sociedade; (...) por sua configuração, acolhe a todos e convoca para o exercício de um pensamento crítico, ágil, imaginativo; (...) a metáfora literária acolhe as experiências do leitor sem ignorar suas singularidades.

Bartolomeu Campos de Queirós

Este *Guia* foi apresentado, iniciando por uma citação de Bartolomeu Campos de Queirós e, para a roda seguir, escolhemos trazê-lo novamente para o centro da roda. O nosso desejo desde o início da produção desta publicação era de trazer muitas vozes para compor a escrita. Vozes de escritores e livros que nos ensinam e nos fazem pensar, vozes do povo do livro e da leitura, vozes das diferenças que se fazem na igualdade, vozes que não pensaram necessariamente nas pessoas com deficiência, mas que são preciosas para que todos estejam na roda, vozes que geralmente não têm voz. Estas vozes também foram produzidas, juntamente com silêncios, com gestos, com murmúrios, com imagens, com tato, com amor... Colocamos todas estas vozes para compor um mosaico, que pudesse gerar conversas com os leitores deste material e para que, com estas conversas, a roda possa seguir e ser ampliada.

Este material também foi pautado pelos eixos do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), um esforço nacional que conjuga direitos, dignidade e igualdade, para contribuir com a democratização do acesso ao livro e à leitura para todos; com a formação de mediadores para o incentivo à leitura; com a valorização institucional da leitura e o incremento de seu valor simbólico; e com o desenvolvimento da economia do livro como estímulo à produção intelectual e ao desenvolvimento da economia nacional.

Portanto, a leitura precisa ser para todos e todos devem estar na roda. Assim, a acessibilidade e a inclusão precisam estar no centro da roda. Neste sentido, acreditamos que é uma possibilidade ímpar de todos de fato, estarmos juntos, uma vez que inclusão não se faz sozinho, ela nos obriga ou nos possibilita criar estratégias de trabalho em grupo, de compartilhamento, de construir redes de colaboração e troca. Aliás, o trabalho com educação e com promoção de leitura de forma isolada, em nosso entendimento é um equívoco. Precisamos do outro e dos outros. A educação, a cultura e a leitura só fazem sentido se forem públicas e comuns.

No entanto, também sabemos que estes pressupostos são muito difíceis de serem colocados em prática. Falamos muito deles, são palavras que saem quase automaticamente dos nossos discursos, mas também sabemos que vivê-las, experimentá-las, não é nada fácil. Nem por isso vamos desistir, mas precisamos assumir responsabilidades, estarmos disponíveis e abertos ao outro. Abertos para abrir um tempo e um espaço de pensamento, de leitura, de conversa, de atenção, de generosidade, de doação, de humildade. Um tempo e um espaço também para a leitura, para exercícios acerca do livro, da leitura e da literatura para todos. Abertos para que o trabalho com o livro e a leitura não seja mais uma tarefa, mas que a encaremos como um ofício, como uma forma de vida.

Queremos compartilhar com vocês que a produção deste material foi um presente, pois abrimos tempo e espaço para ler, para conversar, para escrever, para nos surpreender, para inventar diversas formas de ler um texto, para sistematizar e compartilhar o que estamos desenvolvendo. Gostaríamos que também, de forma singela, esse *Guia* possa ser um presente para vocês e para nossos alunos, nossos filhos, e para as crianças, adolescentes e adultos que talvez nunca tenham podido ler.

Esta experiência só foi possível porque encontramos parceiros dispostos a contribuir com a abertura da roda, para todos. A Fundação Volkswagen é a responsável por essa iniciativa e, durante todo o processo de elaboração deste *Guia*, sua equipe foi atenta, sensível e entusiasta deste material e das possibilidades que ele gera.

Esperamos que todos possam estar na roda!!!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Alonso. *Estrelas Maduras*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2013.

BARROS, Manoel de. *O Livro das Ignorâncias*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.

CAMBIAGHI, Silvana. *Desenho Universal: Métodos e Técnicas para Arquitetos e Urbanistas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte e MAURICIO, Aline Cristina L.. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue – Volumes 1 e 2*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

GOLDIN, Daniel. *Os dias e os livros - Divagações sobre hospitalidade na Leitura*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

GUARULHOS, Secretaria Municipal de Educação. *Compartilhar práticas pedagógicas inclusivas: percurso na Rede Municipal de Educação de Guarulhos*. São Paulo: Mais Diferenças, 2013.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss Ilustrado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NARANJO, Javier. *Casa das Estrelas – O Universo Contado pelas Crianças*. Rio de Janeiro: Editora Foz, 2013.

OLIVEIRA, Rogério Carlos Gastaldo de (gerente editorial). *Saraiva Infantil de A a Z: Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado*. São Paulo: Saraiva, 2012.

PENNAC, Daniel. *Como um Romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.

QUEIRÓS, Barolomeu Campos de. O Livro é Passaporte, é Bilhete de Partida. In: PRADO, Jason e CÓNDINI, Paulo (org.). *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argos, 1999.

CORONEL, Luiz. *João Guimarães Rosa - Uma Odisseia Brasileira*. Porto Alegre, Mecenaz, 2006.

ZAMBRA, Alejandro. *No Leer*. Barcelona: Alpha Decay, 2012.

Ficha Técnica

Iniciativa **Fundação Volkswagen**

Autoria e produção **Mais Diferenças**

Coordenação Técnica e Desenvolvimento de Conteúdo **Carla Mauch**

Consultoria Técnica **Wagner Santana, Guacyara Labonia, Laerte Fernandes e Maria da Luz Veiga**

Descrição de imagens **Rodrigo Sanches**

Revisão Técnica **Wagner Santana**

Revisão Ortográfica **Talita Marques**

Ilustrações e produção iconográfica **Sandra Kaffka**

Fotografias **Fernanda Fontolan**

Projeto gráfico **Tiago Marchesano**

Designer Instrucional **Jefferson Botelho**

Teste e experimentação com usuários **Hugo Eiji e Guacyara Labonia**

Versão Audiovisual

Coordenação **Ana Rosa Bordin Rabello**

Locução **Rodrigo Sanches e Adriana Guerra**

Interpretação em Libras **Félix Oliveira**

Captação, edição e finalização **Saulo Tomé, Megg Miranda e Rafael Jimenez**

Apoio Institucional e One Page **Plataforma do Letramento**

AD))) Descrição da Contracapa

No centro da página branca, escrito com letras como as feitas por um pincel marcador, está o título: *Guia de Mediação de Leitura Acessível e Inclusiva*. À direita e à esquerda do título, estão os grafismos quadriculados e coloridos, semelhantes aos descritos em várias imagens do livro. Eles parecem formar uma linha, destacando o título ao centro. Abaixo do título estão os logotipos e nomes dos realizadores da publicação: Iniciativa: *Fundação Volkswagen* (O logotipo é o traço de um vaso azul com uma flor de pétalas amarelas e, no centro da flor, estão as letras “V” e “W”). Autoria: *Mais Diferenças - Educação e Cultura Inclusivas* (O logo da Mais Diferenças é a palavra Mais escrita na vertical, ao lado um retângulo preto, que se estende horizontalmente e, dentro do retângulo em branco, a palavra Diferenças). Apoio Institucional: *Plataforma do Letramento*. (O logo da Plataforma do Letramento é um globo com letras do alfabeto e um livro aberto).

Guia de Mediação de Leitura Acessível e Inclusiva

Iniciativa



Fundação
Volkswagen

Autoria

MAIS
diferenças
Educação e Cultura Inclusivas

Apoio
Institucional



PLATAFORMA DO
LETRAMENTO

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-62128-18-9



9 788562 128189